



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA/MESTRADO

LUÍS CLÁUDIO REQUIÃO DA SILVA

**OS MEIOS DE HOSPEDAGEM EM SALVADOR:
distribuição espacial ao longo de sua história**

**Salvador
2007**

LUÍS CLÁUDIO REQUIÃO DA SILVA

**OS MEIOS DE HOSPEDAGEM EM SALVADOR:
distribuição espacial ao longo de sua história**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Departamento de Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Ph.D Pedro de Almeida Vasconcelos

Salvador
2007

Ficha catalográfica elaborada Shiguemi Fugimore, Instituto de Geociências da
Universidade Federal da Bahia

S586 Silva, Luis Cláudio Requião da,
Os meio de hospedagem de Salvador: distribuição espacial ao
longo de sua história / Luis Cláudio Requião da Silva. – Salvador,
2005.

169f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Pedro de Almeida Vasconcelos.
Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Geografia.
Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia,
2007.

1. Geografia. 2. Turismo – Salvador.

CDU 911.3:379.85(813.8) (043)

TERMO DE APROVAÇÃO

**OS MEIOS DE HOSPEDAGEM EM SALVADOR:
distribuição espacial ao longo de sua história**

LUÍS CLÁUDIO REQUIÃO DA SILVA

BANCA EXAMINADORA

Pedro de Almeida Vasconcelos – orientador
Ph.D em Geografia
Universidade de Ottawa - Canadá

Sylvio Carlos Bandeira de Mello e Silva
Doutor em Geografia
Universidade de Tolouse - França

Nancy Rita Sento Sé de Assis
Doutora em História
Universidade Federal Fluminense - UFF

Dissertação defendida e aprovada: _____ / _____ / _____

RESUMO

O presente estudo propõe analisar a distribuição e organização espacial dos meios de hospedagem no espaço urbano da cidade de Salvador, assim como os agentes intervenientes neste processo. Buscou-se a partir desta análise um maior entendimento da dinâmica urbana relacionada a este segmento, associado ao cosmopolitismo característico desta urbis e aos efeitos na sua paisagem urbana. Para tanto, a metodologia aplicada foi a pesquisa bibliográfica e documental, utilizando como principais recursos, fotografias antigas e atuais, além de cartogramas de distribuição dos meios de hospedagem, confeccionados a partir de base de dados oficiais do órgão estadual competente e de pesquisa de campo. Teoricamente associou-se o objeto de estudo a conceitos da ciência geográfica capazes de expressar a essência dos fenômenos de forma mais fidedigna possível, contribuindo para o avanço qualitativo na interpretação do real. Foram utilizados conceitos e categorias relacionados entre si, tais como paisagem urbana, agentes, forma, função, estrutura e processo, além de produção e organização espacial. Constatou-se que os meios de hospedagem sempre tiveram presença marcante na paisagem urbana desta cidade, associado à evolução do fenômeno do comércio em todos os níveis escalares. Percebeu-se que a partir da década de 1970, o fenômeno do turismo, alicerçado por intervenções do poder público nos níveis federal, estadual e municipal, contribuiu intensamente para a evolução e permanência do patrimônio arquitetônico, através de equipamentos de hospedagem que ajudaram a preservar, requalificar e revitalizar determinadas áreas da cidade, principalmente no centro histórico e adjacências.

Palavras chave: meios de hospedagem, Salvador, paisagem urbana, produção, distribuição e organização espacial.

ABSTRAC

The aim of this study is to analyze the spatial organization and distribution of the means of lodging in the urban space of the city of Salvador, as well as the intervening agents in such process. This analysis aimed at reaching a broader understanding of the urban dynamics associated to such segment, viewing the cosmopolitan characteristics of this *urbis* and the effects in the urban scenery. The methodology used was the documental and bibliographical research, having as the main means old photographs as well as recent ones, and also cartographic documents about the distribution of the means of lodging, produced over official data from the state agency, as well as field research. Theoretically, the study object was associated to geographical science concepts which can expose the essence of the phenomena in a truthful discourse, contributing to a qualitative advance in the interpretation of the real. Interrelated concepts and categories were used, such as urban scenery; agents; form; function; structure and process; and spatial production and organization. It was discovered that the means of lodging have always had an important role in the urban scenery of this city, associated to the evolution of the market phenomenon at all the scale levels. It was concluded that from the 1970's on, the tourism phenomenon, consolidated by public policies at federal, state and municipal levels, has had an important role in the transfiguration and permanence of the architectural inheritance, through lodging equipment which helped preserve, qualify and revive some areas of the city, mainly the historic center and its surroundings.

Key words: means of lodging, Salvador, urban scenery, production, spatial organization and distribution

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao Prof. Dr. Pedro de Almeida Vasconcelos pela motivação, através da abordagem e profundo conhecimento sobre a Geografia Urbana e pela sábia orientação ao longo da execução deste trabalho de pesquisa.

Ao Prof. Dr. Sylvio Carlos Bandeira de Mello e Silva e a Prof^a. Dr^a. Nancy Rita Sento Sé de Assis, por aceitarem o convite para compor a banca examinadora e pelas sugestões apresentadas na pré-banca.

A comunidade do Mestrado em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia (professores, técnicos administrativos e funcionários em geral) pela convivência respeitosa e a seriedade profissional, que foi a tônica para um relacionamento sadio ao longo desses últimos anos. Deixo aqui registrado o meu reconhecimento especial ao empenho do Prof. Dr. Ângelo Serpa, coordenador do curso, pela seriedade e competência na gestão do mesmo.

À Pró-reitoria de Pós Graduação da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, pelo apoio, através da concessão da Bolsa PAC, um suporte financeiro fundamental para execução deste estudo.

Ao meu amigo e professor Dr. Lázaro Nonato Vasconcelos de Andrade, grande incentivador e “guia” no caminho para docência no magistério superior.

Ao meu querido professor, amigo e compadre, Dr. Rafael Sânzio Araújo dos Anjos, grande exemplo e referência de profissional a ser seguido. Também grande incentivador, desde os tempos em que fui seu aluno.

Aos colegas professores do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Campus V, Santo Antônio de Jesus,

especialmente do Colegiado de Geografia, pelas importantes trocas de conhecimento e experiências ao longo dos últimos cinco anos, me fortalecendo na luta pela qualificação profissional. Dentre estes, o agradecimento especial aos Professores Marco Martins e James Amorim pelos importantes diálogos e incentivos.

A todos meus alunos da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, que ao longo dos últimos cinco anos foram a razão maior para a busca do aperfeiçoamento.

Aos colegas de turma do Mestrado em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia (2004), especialmente a Ricardo Machado e Anderson Gomes pela boa convivência e boa vontade em colaborar no que era possível.

À Ana Rosa Iberti pelo apoio técnico na confecção dos mapas e formatação do texto.

A minha filha Catarina, que soube compreender as minhas ausências.

A minha companheira Liane, que me presenteou com mais duas filhas (Sophia e Sarah) ao longo desse trajeto acadêmico. Parecia um entrave... O nascimento de duas crianças, paralelo ao processo solitário da pesquisa acadêmica, porém quando percebi, eram elas que mais animavam a minha solidão. Minha necessária ausência para com elas foi tarefa difícil.

Finalmente, agradeço a família Requião da Silva (pais, irmãos e sobrinhos) pelo respeito, tolerância e amor. Deixo aqui registrado, na imortalidade da escrita, a minha profunda admiração e respeito por todos.

SUMÁRIO

LISTAS TABELAS.....	i
LISTA DE FIGURAS.....	ii
INTRODUÇÃO.....	13
1. REFERENCIAL TEÓRICO CONCEITUAL.....	17
1.1.CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE TURISMO E HOTELARIA.....	24
1.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	29
2. A HOSPITALIDADE NO MUNDO E NO BRASIL.....	33
2.1 NOTAS SOBRE OS MEIOS DE HOSPEDAGEM NO ESPAÇO URBANO MUNDIAL.....	33
2.2 OS MEIOS DE HOSPEDAGEM EM ALGUMAS CIDADES BRASILEIRAS	37
3. PERIODIZAÇÃO, ESPACIALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DOS MEIOS DE HOSPEDAGEM NOS ESPAÇO URBANO DE SALVADOR.....	52
3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO GEOHISTÓRICA DA EVOLUÇÃO DOS MEIOS DE HOSPEDAGEM NO ESPAÇO DA CIDADE.....	52
3.2 EVOLUÇÃO QUANTITATIVA E ESPACIAL A PARTIR DE 1960.....	81
3.3 NOTAS SOBRE OS MEIOS DE HOSPEDAGEM DE PEQUENO PORTE.....	103
4. OS MEIOS DE HOSPEDAGEM NO ATUAL CENÁRIO URBANO DE SALVADOR.....	109
4.1PERSPECTIVAS, TENDÊNCIAS E MAPEAMENTO.....	109
4.2 ALGUNS ESTUDOS DE CASO.....	140
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	158
REFERÊNCIAS.....	164

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Hotéis da Cidade do Salvador ano 1949.....	74
Tabela 2 -	Incentivos Fiscais para o Turismo no Nordeste.....	88
Tabela 3 -	Projeto de Empreendimentos Turísticos.....	92
Tabela 4 -	Projetos de Empreendimentos Hoteleiros Aprovados e em Análise pela Sudene.....	93
Tabela 5 -	Financiamentos Aprovados e Contratados pelo Desenbanco.....	95
Tabela 6 -	Financiamentos Concedidos por Bancos Particulares ao Parque Hoteleiro de Salvador.....	96
Tabela 7 -	Demonstrativo do Investimento Aplicado com Recursos Próprios do Parque Hoteleiro do Estado da Bahia.....	97
Tabela 8 -	Investimentos Públicos no Turismo Baiano.....	110
Tabela 9 -	Metas do Crescimento Anual do Turismo em Salvador.....	111
Tabela 10 -	Salvador: estabelecimentos, vagas, hóspedes e indicadores da Rede Hoteleira.....	112
Tabela 11 -	Evolução dos Indicadores de Hospedagem no Pólo de Salvador e Entorno (PSE).....	137

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Hotel Pharoux, Rio de Janeiro.....	42
Figura 2 -	Hotel Avenida, Rio de Janeiro.....	44
Figura 3 -	Hotel Quitandinha, Petrópolis, Rio de Janeiro.....	46
Figura 4 -	Planta do Colégio dos Jesuítas, Salvador/Bahia.....	53
Figura 5 -	Hotel das Nações.....	60
Figura 6 -	Foto Reconstituída da Cidade Baixa, Séc. XIX.....	61
Figura 7 -	Hotel Sul-Americano.....	63
Figura 8 -	Praça Castro Alves, segunda metade do Séc. XIX.....	64
Figura 9 -	Planta do Centro Histórico e Circunvizinhança no Séc. XIX.....	65
Figura 10 -	Hotel Mullen.....	66
Figura 11 -	Hotel Meridional.....	67
Figura 12 -	Hotel dos Estrangeiros.....	70
Figura 13 -	Pensão Jansen, no Corredor da Vitória.....	72
Figura 14 -	Praça Castro Alves na década de 1950/60.....	73
Figura 15 -	Hotel Meridional e o Palace Hotel no Século XX.....	75
Figura 16 -	Hotel da Bahia.....	77
Figura 17 -	Distribuição dos Meios de Hospedagem – Séc. XVII, XVIII, XIX e XX (até a década de 60).....	80
Figura 18 -	Turismo na Cidade do Salvador.....	88
Figura 19 -	Vista Panorâmica da Orla Atlântica.....	100
Figura 20 -	Salvador Praia Hotel na década de 1980.....	101
Figura 21 -	Hotel Caramuru, no Corredor da Vitória.....	106
Figura 22 -	Hotel Colonial no final da década de 1970.....	108
Figura 23 -	Distribuição dos Meios de Hospedagem: Zona 01.....	114
Figura 24 -	Distribuição dos Meios de Hospedagem: Zona 02.....	116

Figura 25 -	Hotel de Alta Rotatividade, Largo Dois de Julho.....	117
Figura 26 -	Distribuição dos Meios de Hospedagem: Zona 03.....	118
Figura 27 -	Distribuição dos Meios de Hospedagem: Zona 04.....	120
Figura 28 -	Distribuição dos Meios de Hospedagem: Zona 05.....	122
Figura 29 -	Distribuição dos Meios de Hospedagem: Zona 06.....	124
Figura 30 -	Fiesta Bahia Hotel.....	126
Figura 31 -	Hotel Holiday Inn.....	127
Figura 32 -	Iguatemi Bussines & Flat.....	127
Figura 33 -	Distribuição dos Meios de Hospedagem: Zona 07.....	128
Figura 34 -	Distribuição dos Meios de Hospedagem: Zona 08.....	131
Figura 35 -	Distribuição dos Meios de Hospedagem: Zona 09.....	133
Figura 36 -	Distribuição dos Meios de Hospedagem: Zona 10.....	135
Figura 37 -	Hotéis em rua próxima a Estação Ferroviária na Calçada.....	136
Figura 38 -	Hotel Pestana.....	139
Figura 39 -	Rua Direita do Carmo.....	141
Figura 40 -	Vista Aérea do Convento do Carmo.....	143
Figura 41 -	Hotel Convento do Carmo no Centro Histórico.....	144
Figura 42 -	Praça Ana Néri.....	150
Figura 43 -	Ruína no Largo da Palma.....	150
Figura 44 -	Hotel A Casa das Portas Velhas.....	152
Figura 45 -	Área onde será instalado o Hotel do Grupo Txai.....	154
Figura 46 -	Fachadas de Casarões compradas pelo Grupo Txai.....	155
Figura 47 -	Vila de Casas vizinhas do Convento de Santa Tereza.....	156

INTRODUÇÃO

Ao longo da história do cotidiano da cidade de Salvador foi se implantando um regime de serviços de hospitalidade que acompanhou, ao longo do tempo, as transformações ocorridas na cidade, ao tempo que tentava responder às demandas externas, nacionais e internacionais. Este processo viabilizou o surgimento dos mais diversos meios de hospedagem, para atender uma demanda cada vez mais crescente de pessoas diretamente ligadas ao mundo do comércio e das viagens.

A história dos meios de hospedagem, sua distribuição no espaço urbano de Salvador, associado à evolução urbana e de suas paisagens são o foco da análise deste trabalho de pesquisa, tendo em vista que as casas de hospedagem, estalagens, casas de pasto, pensões, pousadas, albergues, hotéis, sempre estiveram presentes e se expandiram em diferenciadas localidades desta cidade.

Foram avaliados a evolução histórica e espacial da hotelaria na paisagem urbana da cidade; os locais de permanência deste segmento ao longo de sua história, com ênfase nos últimos 46 anos; os agentes e a conjuntura que determinaram a presença, a permanência e a evolução dos meios de hospedagem no cenário urbano da capital do Estado da Bahia; os impactos sócioespaciais, resultantes do processo de produção e organização espacial da hotelaria na cidade.

Com o objetivo de compreender, de maneira simultânea e dialética, a evolução espacial da cidade e de sua paisagem urbana a partir do estudo da espacialização dos meios de hospedagem, especialmente da hotelaria, o trabalho procura esclarecer a seguinte questão central: como a hotelaria reflete as transformações da cidade? Que transformações e /ou permanências podem ser detectadas na paisagem urbana de Salvador, relacionadas a este processo?

A questão levantada anteriormente fomentou a busca de um resgate histórico dos meios de hospedagem, especialmente da hotelaria, numa análise estrutural dos processos que desencadearam a produção do espaço deste

setor na cidade, paralelo às funções exercidas por Salvador ao longo de sua história, com ênfase no período entre 1960 e 2005.

Esta problemática derivou em duas questões suplementares que nortearam a pesquisa: será que houve uma maior dinâmica comercial a partir do desenvolvimento dos meios de hospedagem em algumas localidades, ou este segmento da hospitalidade se estabeleceu como equipamento de suporte em função do desenvolvimento comercial e turístico de algumas áreas?; e se os meios de hospedagem, especialmente a hotelaria, exerceram influência na implantação de infra-estruturas e equipamentos urbanos e na requalificação de algumas áreas da cidade?

O esclarecimento antecipado de que os meios de hospedagem têm vínculo histórico com o comércio em geral, faz-se necessário, pois este fenômeno está relacionado à dinâmica da cidade, contextualiza sua presença em determinadas localidades de demandas em função desta atividade, assim como do turismo.

O fenômeno do turismo, quando abordado, foi analisado como resultante das relações socioculturais e econômicas desta cidade, em variadas escalas geográficas, fato que repercutiu na formação de uma rede hoteleira de suporte para atender ao fenômeno comercial que sempre esteve ligado à vida de Salvador, influenciando, conseqüentemente, na produção e organização do seu espaço urbano e de sua paisagem. Este fenômeno é tratado neste estudo como um dos fatores que dinamizaram a organização socioespacial da capital baiana.

A atmosfera cosmopolita desta cidade pode ser vista através do conhecimento da evolução espacial dos meios de hospedagem, junto ao desenvolvimento urbano da mesma. Assim, foram incorporados os seguintes objetivos específicos no trato da questão principal. Primeiro, identificar os meios de hospedagem na paisagem urbana de Salvador em diferentes períodos de sua história. Segundo, analisar o grau de intervenção dos agentes responsáveis pela produção e organização do espaço dos meios de

hospedagem, especificamente da hotelaria, com ênfase no período entre 1960 e 2006.

O tema proposto para realização deste estudo exigiu embasamento teórico - conceitual da Geografia Urbana e Histórica, assim como do Turismo, enquanto fenômeno socioeconômico e cultural, com implicação direta na implantação dos meios de hospedagem.

O presente texto está organizado em quatro capítulos, além da introdução e das considerações finais, organizados de forma que o leitor possa ter uma idéia sistemática do processo de pesquisa e do objeto pesquisado.

No primeiro capítulo foram tratadas as questões teórico-conceituais que referenciam a pesquisa, assim como os procedimentos metodológicos utilizados para a sistematização da base empírica, informando sobre as formas de coleta de dados e o trabalho de campo. Ainda neste mesmo capítulo, estão explicitados os objetivos da pesquisa, assim como sua justificativa.

No segundo capítulo procurou-se compreender o fenômeno das viagens, sempre inerentes à “evolução” da humanidade, no sentido do desenvolvimento progressivo das funções culturais da sociedade, aliado ao progresso técnico e de infra-estruturas inerentes a este processo. Buscou-se daí contemplar os aspectos relacionados ao deslocamento em função do fenômeno do comércio nas diversas escalas geográficas, inserindo o papel dos meios de hospedagem neste processo. A história dos meios de hospedagem no mundo e no Brasil foi analisada, procurando contextualizar, especialmente a hotelaria, ao fenômeno urbano e a dinâmica das cidades ao longo da história, a partir da antiguidade. Também foi pesquisada a história dos meios de hospedagem na cidade de Salvador até 1960, relacionando e buscando compreender a importância destes equipamentos, e sua distribuição no espaço desta cidade.

No terceiro capítulo, tratou-se especificamente do objeto de pesquisa dentro do universo temporal entre 1960 a 2006, ou seja, quarenta e seis anos de história da hotelaria na paisagem urbana de Salvador. Neste capítulo encontra-se a contribuição maior desta pesquisa, no sentido de que aí se

inserem os dados do trabalho de campo e as primeiras impressões sobre os aspectos relacionados ao objeto em questão.

No quarto capítulo fez-se uma abordagem sobre a presença dos meios de hospedagem, em especial a hotelaria, na paisagem urbana de Salvador na atualidade e as perspectivas deste setor na atual conjuntura socioeconômica e espacial no conjunto de sua organização urbana, fazendo-se uma análise de alguns casos específicos e de novas modalidades de hotelaria implantadas recentemente nesta cidade.

Nas considerações finais, foram tecidos alguns comentários relacionados às constatações resultantes da pesquisa e foram feitas algumas observações que julgamos necessárias para melhor utilização do patrimônio arquitetônico de Salvador, através do turismo, utilizando para tal os meios de hospedagem.

1. REFERENCIAL TEÓRICO - CONCEITUAL

Os conceitos de “paisagem urbana”, “produção espacial”, “organização espacial”, e “agentes”, caracterizados como categorias de análise, utilizados no processo de interpretação da realidade e associados entre si, formaram o escopo teórico desta pesquisa.

Outras categorias de análise operacionais da ciência geográfica, tais como estrutura, processo, função e forma foram associadas ao que se denominou aqui de categorias abstratas ou teóricas, como produção e organização espacial, não operacionalizadas na pesquisa empírica. Além disso, o uso da categoria “paisagem” funcionou como articuladora da relação teórica e empírica, no sentido de que é na paisagem - neste caso na paisagem urbana – onde se revelam os resultados dos processos da relação entre sociedade e espaço no âmbito do objeto da pesquisa.

A análise da hotelaria foi aqui estudada sob a perspectiva, segundo a qual, sua produção espacial “é o resultado da ação humana formando um conjunto indissociável de objetos e ações” (SANTOS, 1996), e sua organização espacial traduz a forma como o espaço é estruturado ou é reordenado para o desenvolvimento das atividades humanas (CORIOLANO; SILVA, 2005). Dentre estas atividades incluem-se a hotelaria e o turismo.

Portanto, foi associada aos conceitos de produção e organização espacial, a categoria de paisagem urbana “como forma de manifestação do urbano” que

[...] tende a revelar uma dimensão necessária da produção espacial, o que implica ir além da aparência; nesse contexto, a análise já introduziria os elementos da discussão do urbano considerado como processo. A paisagem de hoje guarda momentos diversos do processo de produção espacial, remetendo-nos ao modo pelo qual foi produzida (CARLOS, 1994, p. 43).

A perspectiva segundo a qual “da observação da paisagem urbana depreendem-se dois elementos fundamentais; o primeiro diz respeito ao

espaço construído; o imobilizado nas construções, e o segundo ao movimento da vida” (CARLOS, 1994, p.50), foi aqui também utilizada como parâmetro de análise. Dessa mesma forma, a produção e organização do espaço da hotelaria em Salvador foram discutidas, tendo os hotéis como elemento principal no contexto da paisagem, originados da ação dos agentes sociais internos e externos, individuais e coletivos (VASCONCELOS, 2002).

Na mesma perspectiva apontada anteriormente, Santos (2004) entende a paisagem como resultante do processo de mudança da sociedade, gerando por sua vez mudanças na economia, nas relações sociais e políticas, em ritmos e intensidades variados, nada tendo de fixo ou imóvel. Ou seja, “o conjunto de forma que, num dado momento exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas, entre homem e natureza” (SANTOS,1996).

A paisagem urbana como categoria da Geografia, ajuda a revelar, através das formas materializadas no espaço geográfico, os processos históricos da relação sociedade/natureza, submetida a constantes processos de transformação. Concorda-se, entretanto com Santos, para o qual “a paisagem não é total é parcial” e que, em relação à configuração territorial “é necessário compreendê-la dentro e em função da totalidade das coisas que a formam” (SANTOS, 1988, p.75).

Os objetos e infra-estruturas implantadas pelos agentes atuantes em determinados momentos históricos, tais como o poder público e a iniciativa privada, resultam em novas formas urbanas e paisagens.

Para Menezes,

a paisagem oferece pistas materiais que permitem perceber seu caráter histórico. São esses ‘traços fósseis’ que conduzem ao entendimento da formação geomorfológica e social da paisagem contemporânea e de suas sucessivas fisionomias anteriores, ao longo do tempo (MENEZES apud YAZIGI, 2002, p.36).

Entende-se, portanto, que o conceito “paisagem” está relacionado ao conjunto de fatores históricos que a produziram, através de formas estáticas,

também produzidas ao longo do tempo. Tais formas aparecem, transformam-se, permanecem ou desaparecem, mudando o contexto da paisagem que pode ter diferentes interpretações para quem a observa. Ou seja, a idéia de estático diz respeito às formas tangíveis, enquanto que a idéia de movimento refere-se ao intangível. Isto é, àquilo que diz respeito à produção e organização do espaço geográfico, gerando formas que compõem o conjunto das paisagens.

Para Yázigí,

A paisagem dos geógrafos é um termo e uma noção de uso fundamentalmente pedagógico. Para o turista ou para o cidadão comum, ela é objeto de contemplação e dos mais diversos significados. Oportuno ainda lembrar que a natureza (assim como o meio) não é paisagem: a primeira existe em si, enquanto a segunda só existe em relação ao homem e segundo a sua forma de percebê-la. O fato de a paisagem ser patrimônio cultural, coletivamente percebido com memória e imaginário, não deixa de ser também uma porção do espaço que determina um envelope e um conteúdo de todas as representações paisagísticas desta porção do espaço (YÁZIGI, 2001, p.34).

Uma breve contextualização histórica da compreensão do conceito de paisagem geográfica feita por Yázigí (2002) que, resumidamente, a descreveu em duas fases: a primeira, como a escola da geografia regionalista da França, no início do século XX, quando ainda existia coincidência entre os limites da paisagem e a região administrativa em que se encontrava. Em meados do século XX, situa-se a segunda fase. Nesse período histórico o mundo conheceu um forte desenvolvimento dos meios de transportes e comunicação, gerando grande circulação de mercadorias e capitais, “fazendo com que as paisagens perdessem seus fundamentos locais para refletir as relações das redes de economia e sua simbologia universalizante” (YÁZIGI, 2002, p. 19). Segundo este mesmo autor, a partir daí, “já não era mais possível entender o lugar por inteiro sem recorrer ao conhecimento das redes que ultrapassam o lugar – sem entender as complexificações que culminariam no que hoje denominamos globalização” (Idem, p. 19).

Entende-se que o estudo dos meios de hospedagem, especialmente o da hotelaria, na paisagem urbana de Salvador, pode ser revelador de

processos inerentes à complexa rede de relações econômicas da qual esta cidade participou em períodos históricos distintos, desde o seu entorno mais próximo até os mais recônditos lugares do planeta. Significa buscar pistas, através de equipamentos fixos e, a partir daí compreender a relação destes elementos no espaço geográfico, sua produção e organização espacial, associada à complexa engrenagem que produz a totalidade da cidade.

O que se pretende no contexto deste estudo é estabelecer a hotelaria como objeto da paisagem urbana, que já é história e, segundo Yázigi,

“[...] o espaço construído representa uma alternativa mais a gosto e alcance do conhecimento comum, na medida em que se reveste de dramaticidade com formas, cores, luzes, movimentos, seduções, conflitos... E mais, todas relações humanas públicas, semiprivadas e até privadas acabam se revelando como diferenciadas ou não, em cada lugar” (YÁZIGI, 2001, p. 37).

As relações humanas acima mencionadas são exatamente a ação entre os diferentes agentes que influenciam e determinam a configuração do espaço urbano, criando paisagens, onde se caracteriza a hegemonia de algum deles. Isto é, espaços que se diferenciam pelo maior ou menor grau de interferência desses agentes, principalmente o poder público.

Entende-se como agente social público, o Estado, na forma de interventor do espaço geográfico, através de políticas públicas de âmbito municipal, estadual e federal, determinando estratégias de apropriação dos espaços para hotelaria, tanto sob sua própria administração, como por parte dos agentes privados, induzidos por ações e programas elaborados pelo poder público ou subsidiados por este.

O agente social privado se constitui do pequeno, médio e grande empresário, atuando no espaço da cidade, beneficiando-se ou não da ação do Estado, através de prerrogativas relacionadas à regulação do acesso aos espaços destinados ao fim a que se propõem as empresas. Neste caso na implantação do parque hoteleiro.

No caso deste estudo, os hotéis, nas suas mais diferenciadas formas arquitetônicas e nas suas mais diversas dimensões, enquadram-se

como o grande marco da paisagem urbana em questão. Existem como componente fixo da mesma, porém diferenciando-se conforme as mudanças de estrutura inerentes à organização do espaço. Deve-se incluir aí as estruturas funcionais diversas, geradoras de formas diferenciadas que, por sua vez, originam-se e transformam-se dependendo da conjuntura histórica e da conseqüente evolução urbana a que a cidade é submetida, para atender demandas socioeconômicas em diferentes períodos históricos e em escalas espaciais diversas.

Para Abreu, “o estudo das cidades hoje revela locais de intersecção de processos sociais que têm origem em diversas escalas espaciais” e continua afirmando que “alguns desses processos são mundializados, e que só podem ser compreendidos a partir de sua correta inserção numa escala global de interpretação” (ABREU, 2003 p.97).

No caso da cidade capitalista, segundo Corrêa, “este espaço é caracterizado pelo conjunto dos diferentes usos, definindo áreas de funcionalidades distintas, formando um tecido simultaneamente fragmentado e articulado” (CORRÊA, 2004 p. 8,9). Buscou-se, portanto, distinguir o espaço dos meios de hospedagem e os efeitos de sua presença na paisagem urbana de Salvador, relacionada aos agentes intervenientes no processo de sua evolução.

Interessa considerar a evolução do espaço da hotelaria, como expressão materializada do uso da terra urbana, através da ação dos agentes sociais envolvidos no processo de organização espacial, definindo áreas de intervenção pública e privada, caracterizadas em formas espaciais para a implantação da rede hoteleira. Neste sentido, segundo Corrêa ,

a complexidade da ação dos agentes sociais inclui práticas que levam a um constante processo de reorganização espacial que se faz via incorporação de novas áreas ao espaço urbano, densificação do uso do solo, deterioração de certas áreas, renovação urbana, relocação diferenciada da infra-estrutura e mudança, coercitiva ou não, do conteúdo social e econômico de determinadas áreas da cidade. (CORRÊA, 2004, p.11).

Na cidade de Salvador, a revitalização do centro histórico ilustra perfeitamente o texto de Corrêa, reproduzido anteriormente. A produção e organização do espaço da hotelaria em função do comércio, do turismo e do

lazer, a partir da transformação, no sentido da re-configuração dos seus espaços, imposta pela ação de agentes públicos no processo de requalificação e revitalização de algumas áreas e implantação de novas infra-estruturas noutras, atende a demanda de novas funções relacionadas à prestação de serviços. Ainda conforme este mesmo autor, analisando o processo de produção do espaço urbano,

é preciso considerar entretanto que, a cada transformação do espaço urbano, este se mantém simultaneamente fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, ainda que as formas espaciais e suas funções tenham mudado (CORRÊA, 2004, p.11).

A investigação da produção do espaço da hotelaria em Salvador revelou o processo de transformação no campo das diferenciações de uso dos espaços desta cidade. Para Lefebvre, as análises do “urbano”, da vida urbana, incluindo aí a sociedade urbana, “não podem dispensar uma base prático – sensível, uma morfologia” (LEFEBVRE, 2001, p. 49). Nessa perspectiva, foi utilizada a hotelaria como a base material desta pesquisa, para daí compreender o seu papel no processo de evolução urbana da cidade e, conseqüentemente, de sua paisagem.

Para produzir e organizar o espaço da hotelaria, os agentes sociais, tais como o Estado e a iniciativa privada, por exemplo, podem se associar, resultando em iniciativas para implantação de equipamentos e infra-estruturas e para conceber novas realidades da vida de relações da cidade.

Um bom exemplo dessa associação está na interferência do poder público na forma de incentivos fiscais, assim como na construção e implantação de equipamentos urbanos que viabilizem a multimodalidade de meios de transportes e comunicações, essenciais ao setor hoteleiro. Muitas vezes até, permanecem algumas formas e mudam-se as funções de alguns equipamentos, como é o caso dos conventos e mosteiros em vários países do mundo. Muito destes passaram a exercer a função de hotéis e pousadas de alto luxo. Este fato revela de forma contundente a mudança nos modos de uso do patrimônio urbano público e privado em várias cidades do mundo.

No âmbito das investigações dos processos espaciais formadores das dinâmicas territoriais urbanas, a ciência geográfica tem grande parcela de contribuição, pois analisa a evolução espacial, através da história da construção material no processo do uso do território. Isto é, o uso do território pode ser definido pela implantação do que Santos e Silveira denominam de sistemas de engenharias. Ou seja, as funções do novo espaço geográfico se configuram a partir da implantação de infra-estruturas, mas também pelo dinamismo da economia e da sociedade. Concorda-se que,

São os movimentos da população, a distribuição da agricultura, da indústria e dos serviços, o arcabouço normativo, incluídas a legislação civil, fiscal e financeira, que, juntamente com o alcance e extensão da cidadania, configuram as funções do novo espaço geográfico (SANTOS e SIVEIRA, 2001, p.21).

Isto se aplica na produção e organização do espaço dos serviços urbanos, determinados para atender novas funções em cidades que ampliaram sua escala geográfica de relações, incluindo-se aí o fenômeno do turismo e, conseqüentemente, as infra-estruturas necessárias ao seu desenvolvimento. No caso deste estudo, a produção e organização espacial dos meios de hospedagem.

Santos, quando analisa o presente e a totalidade do espaço em relação à análise geográfica, comenta o seguinte:

A Geografia deve preocupar-se com as relações presididas pela história corrente. O geógrafo torna-se um empiricista, e está condenado a errar em suas análises, se somente considera o lugar, como se ele tudo explicasse por si mesmo, e não a história das relações, dos objetos sobre os quais se dão as ações humanas, já que objetos e relações mantêm relações dialéticas, onde o objeto acolhe as relações sociais, e estas impactam os objetos. O geógrafo seria um funcionalista se levasse em conta apenas a função; estruturalista se apenas indicasse as estruturas, sem reconhecer o seu movimento histórico ou relação social sem o conhecimento do que a produziu. Impõe-se na análise, apreender objetos e relações como um todo, e só assim estaremos perto de ser holistas, isto é, gente preocupada com a totalidade (SANTOS, 1988, p. 57).

Na perspectiva apontada anteriormente, os conceitos relacionados à paisagem urbana foram tratados, sem perder de vista a análise da evolução territorial da hotelaria, posto que isto exige uma compreensão do objeto como

parte de uma totalidade, cujas categorias de análise têm estreito vínculo com a Geografia.

1.1. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE TURISMO E HOTELARIA

Considerando o método de análise para os lugares onde se insere os meios de hospedagem no processo de sua produção e organização espacial, Rodrigues, em abordagem sobre o fenômeno do turismo no qual se insere também a questão da rede hoteleira, remete-se a Santos que propõe “entender o espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações”, e continua afirmando que:

Tanto objetos como ações não têm vida própria se não forem tomadas em conjunto. [...] ‘o espaço é também e sempre formado de fixos e fluxos’. Para analisar o fenômeno do turismo, esta forma aparentemente simples de entender o espaço é, não por causalidade, a mais pertinente, porque expressa de maneira clara a dinâmica espacial, tanto horizontal, quanto vertical, principalmente quando acoplamos os dois conceitos, que, embora não tenham o mesmo significado, complementam-se. Fixos, porém não estáticos, são os centros emissores da demanda, de onde partem os fluxos para os núcleos receptores” (SANTOS, apud. RODRIGUES, 2003, p.102).

Esclarecendo o exposto acima, Rodrigues cita exemplo de estabelecimentos fixos, edificados nos trechos de fluxos, como os hotéis nos arredores das antigas estações ferroviárias, e, nos dias atuais cita a repetição do fenômeno “no entorno dos grandes aeroportos do espaço global, onde se instalam unidades de hospedagem das megaempresas hoteleiras transnacionais, e conclui afirmando que: “é nos destinos dos fluxos horizontais que se dão tanto a produção quanto o consumo dos espaços de turismo, onde encontramos novos sistemas de objetos interagindo com novos sistemas de ações” (RODRIGUES, 2003, p.102).

Ainda sob esta perspectiva de análise do objeto em estudo, Santos argumenta que: “falar sobre espaço é muito pouco, se não buscamos defini-lo à

luz da história concreta. Falar simplesmente do espaço, sem oferecer categorias de análise é também insuficiente” (SANTOS, 1988, p.10). Nesse sentido, Rodrigues, citando este mesmo autor, afirma que a totalidade supõe um movimento comum da estrutura, da função, da forma e do processo (RODRIGUES, 2003, p.102).

O aporte teórico – conceitual deste estudo foi baseado na discussão da paisagem urbana enquanto reflexo da produção do espaço pela sociedade, sendo este organizado pela estrutura social e técnica implantada por agentes sociais e atores que produziram elementos fixos, materializados na forma tangível, evoluindo e modificando-se, por sua vez, no processo de evolução e transformação de suas funções no contexto urbano. Nesse sentido, coaduna-se com Rodrigues que, com base em Milton Santos, na obra *Espaço e método*, afirma que “embora pareça paradoxal, os fixos, expressos pelos objetos, compõem a paisagem dos núcleos receptores, que é essencialmente dinâmica, cuja leitura pode ser feita através do estudo da forma” (RODRIGUES, 2003, p. 108).

Quanto à questão da produção do espaço, Carlos, numa perspectiva dialético-materialista, considera que esta “se realiza enquanto consequência do desenvolvimento do mundo da mercadoria, que, num determinado momento da história, produz o espaço enquanto valor de troca”, e continua afirmando que “nesse sentido, o turismo e o lazer entram neste momento histórico como momento de realização da reprodução do capital, enquanto momento da reprodução do espaço – suscitadas pela extensão do capitalismo” (CARLOS, 2002, p. 48). Neste processo, o espaço da hotelaria se produz e se organiza numa relação dialética com o modo de produção vigente, associado às ações e mecanismos de diferentes agentes e em diversas escalas.

No que diz respeito ao processo de produção do espaço da cidade de Salvador, o turismo, a partir das décadas de 1960/70, tornou-se um dos principais fenômenos de interferência na sua geografia urbana, através da ação de agentes públicos e privados, viabilizando projetos hoteleiros de diversas magnitudes. Os fenômenos inerentes à atividade do turismo interferem na produção e organização espaciais. A dinâmica da hotelaria não poderia ficar de

fora deste processo, quando se trata da organização do espaço urbano numa cidade de forte atrativo para este fim.

Portanto, a função da hotelaria viabiliza parte importante da interação da cidade com sua região de influência, com o espaço nacional e com o espaço global (redes de cidades e regiões), como equipamento de apoio ao comércio, indústria, assim como no processo da vida de relações da cidade, incluindo-se as relações pessoais e familiares, o turismo, a recreação e o lazer. Toda essa dinâmica, analisada a partir do papel da hotelaria, pode ser um importante indicador da centralidade urbana.

Uma das contribuições mais referenciadas nesta pesquisa foi a obra de Queiroz (2002), que examina a evolução do Sistema Institucional Público do Turismo Baiano, desde a sua implantação, nos anos 30 do século XX, até os primeiros anos do século XXI. Desta obra foi possível destacar dados importantes de referência temporal e espacial de alguns estabelecimentos de hospedagem que se destacaram e fizeram história na paisagem urbana de Salvador. A autora também faz um estudo criterioso da ação dos agentes intervenientes no processo de desenvolvimento do turismo no Estado da Bahia, exaltando fatos e obras importantes que influenciaram na produção e organização do espaço dos meios de hospedagem da capital baiana. A tese de doutoramento desta mesma autora, também foi aqui referenciada, especialmente no terceiro capítulo, que trata da espacialização dos meios de hospedagem em Salvador, demonstrando a relação entre infra-estruturas urbanas para o turismo e a distribuição dos meios de hospedagem.

Adir Balastrieri Rodrigues, em publicação que reflete sobre a natureza e método de análise do espaço do turismo, incluindo-se aí o espaço da hotelaria, propõe que: “é fundamental insistir no fenômeno do turismo em toda a sua complexidade, expressa pelas relações sociais e pela materialização territorial que engendra no processo de produção do espaço” (RODRIGUES, 2001, p. 61). Estas reflexões importantes sobre o fenômeno do turismo e suas repercussões espaciais, demonstram a preocupação com seus efeitos, perpassando pelas instâncias econômica, política, social e cultural.

Apesar da história do desenvolvimento da hotelaria no Brasil ainda apresentar –se incipiente no que diz respeito à produção científica, alguns trabalhos em áreas específicas como a arquitetura, planejamento urbano e turismo, sob a perspectiva da administração, já disponibilizam de alguns dados e informações a esse respeito.

Do turismo, especificamente, dentre outras obras, foi fundamental a contribuição de Trigo (2000) que, em manual de consulta, traz informações sobre a história das viagens e de aspectos sócio-espaciais que se relacionam ao turismo e à hotelaria no Brasil. Esta obra reúne informações bastante interessantes sobre os estabelecimentos hoteleiros no Brasil, de forma sistematizada, obedecendo a uma seqüência cronológica dos fatos relacionados a esta temática.

Pires (2001), em sua obra “Raízes do Turismo no Brasil” aborda a questão da hospitalidade no Brasil no campo e na cidade, incluindo os meios de hospedagem, a partir do século XIX. Também enumera uma série de relatos de experiências em viagens científicas de europeus pelo Brasil, contendo comentários importantes sobre as mais diversas formas de hospedagem. Essa leitura contribuiu para a compreensão das relações sociais e do papel dos meios de hospedagem como suporte de atividades sócio-econômicas no Brasil da época. É um referencial que permite uma análise comparativa, paralela a tempo e espaço no domínio das relações dos lugares em seu processo de desenvolvimento.

Andrade (2002), em obra referente ao planejamento e projeto em hotelaria na área de arquitetura, faz um breve histórico deste setor no Brasil e no mundo, fazendo análises relevantes a respeito do vínculo histórico entre o comércio e as formas mais antigas de oferta hoteleira.

Na perspectiva do enquadramento e periodizações geo-históricas da cidade de Salvador ao longo de sua história, e para elucidar o papel dos agentes inerentes à sua evolução e desenvolvimento, a obra de Vasconcelos (2002), foi fundamental para demonstrar também a historicidade de sua paisagem urbana.

Coaduna-se aqui com a idéia, segundo a qual “a historicidade da paisagem diz respeito, também, ao uso que dela fizeram as sociedades ou segmentos sociais” (MENESES, apud, YÁZIGI, 2002, p.40). Neste sentido é a hotelaria, implantada por agentes sociais, o componente principal da análise da paisagem no contexto urbano de Salvador, incluindo aí a dimensão cultural e materialmente construída.

A partir das fontes supracitadas é perceptível a preocupação de alguns autores com o resgate histórico da produção e organização do turismo e da rede hoteleira, junto aos agentes influenciadores deste processo, para daí resgatar mais um agente norteador na análise da história urbana brasileira.

No caso deste estudo, a análise da hotelaria é o objeto da pesquisa que ajuda na compreensão do fato urbano numa dimensão mais ampla, revelando-se na paisagem como resultado da produção do espaço, enquanto mercadoria, aliás, a própria paisagem torna-se a representação da forma tangível, quando se transforma em patrimônio. Neste caso, considerou-se que alguns hotéis puderam se tornar símbolos na paisagem urbana da cidade, utilizando-se do patrimônio histórico arquitetônico na forma de conventos, mosteiros, casarões coloniais, atribuindo-lhes nova função.

Em relação ao conceito de paisagem relacionado ao fenômeno do turismo, as palavras de Yázigi refletem de forma abrangente este conceito e a idéia de vinculação com outras categorias da Geografia, quando afirma que:

A paisagem, indissociável da idéia de espaço, é constantemente refeita de acordo com os padrões locais de produção, da sociedade, da cultura, com os fatores geográficos e tem importante papel no direcionamento turístico. Não se trata de dizer que seja a única forma de atração, mas que pesa muito no contexto de outros fatores (meios de hospedagem, bons preços etc). O turismo depende da visão (YÁZIGI, 1998, p. 74).

A discussão norteadora desta pesquisa está relacionada aos agentes produtores do espaço urbano de Salvador, no processo de

produção e organização espacial, gerando paisagens urbanas, onde a hotelaria se destaca em determinadas localidades da cidade. Para isso buscou-se conceitos e categorias de referência da ciência geográfica que se complementam e ajudam a entender a composição de elementos que se inserem na totalidade desta cidade e dos processos que a formam, sem a pretensão de entendê-los definitivamente, mesmo porque nada está completamente definido na totalidade do espaço.

1.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O processo de pesquisa foi feito seguindo uma metodologia descritivo-explicativa-analítica. O sistema de formação da rede hoteleira foi estudado, sem desconsiderar o sistema de turismo, incluindo-se neste setor os agentes sociais, colaboradores do departamento oficial que tratam dos meios de hospedagem e dos proprietários e gerentes de estabelecimentos.

A coleta de dados foi processada por meio de instrumentos quali-quantitativos; máquina fotográfica e material impresso; observação direta; registro dos depoimentos orais; entrevistas semi-estruturadas; pesquisa documental e bibliográfica. Os dados obtidos foram organizados, analisados e interpretados, associando-os às questões que nortearam a pesquisa.

Entrevistas e depoimentos de hoteleiros e pessoas ligadas à esfera pública municipal e estadual foram executados ao longo da pesquisa. Fotografias; extratos de vários tipos de documentos, como mapas da cidade; e Planos Diretores de Desenvolvimento Urbano da Cidade foram analisados com o objetivo de detectar o processo de evolução sócio-territorial espontâneo e planejado da cidade e a ação do poder público na viabilização de empreendimentos hoteleiros ao longo do período estudado.

A análise documental, levantamento de dados e consultas bibliográficas foram feitas em órgãos públicos como a Biblioteca Pública do Estado, Biblioteca da Universidade Federal da Bahia, Biblioteca da

Universidade Estadual da Bahia, bibliotecas de faculdades particulares, Arquivos Públicos do Estado e Município, órgãos estatais de planejamento, Fundações estatais e privadas, Associação Brasileira de Indústria de Hotéis e Similar – secção Bahia, Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, Bahiatursa, além de acervo pessoal.

No processo de pesquisa foi executado o mapeamento da área de estudo, localizando os estabelecimentos hoteleiros que existiram e os que permanecem ao longo do período da pesquisa. Num estudo comparativo, foi realizado um levantamento cartográfico da área da pesquisa, buscando através de mapas antigos e atuais, visualizar a espacialização dos meios de hospedagem no período estudado.

O uso da fotografia foi utilizado como recurso visual na percepção da evolução da presença da hotelaria na organização do espaço da cidade, fazendo-se um estudo comparativo com imagens de épocas anteriores ao período da pesquisa e da atualidade.

Diferentes categorias de hotéis foram analisadas, definidas com base nos critérios de classificação do órgão oficial de turismo (BAHIATURSA), que leva em consideração os serviços e equipamentos oferecidos nos estabelecimentos, muito embora para este mesmo órgão, dos hotéis cinco estrelas às casas de hospedagem, passando pelos flats, apart hotéis, pousadas e pensões, todos são considerados como meios de hospedagem.

Para visualizar a densidade e agrupamento dos meios de hospedagem no espaço urbano de Salvador, sua área foi subdividida em dez zonas, definidas por critérios da Bahiatursa, cujo método foi a pesquisa de campo, realizada por seus agentes, sendo estes responsáveis pela definição da localização das unidades, em bairros, segundo conhecimento próprio ou do responsável pelo estabelecimento no momento da entrevista. Tal método gerou uma listagem dos estabelecimentos, caracterizados como albergues, hotéis, pousadas, hotéis de alta rotatividade, casa de hospedagem, apart hotel e outros. De posse desses dados - lista dos meios de hospedagem, agrupados em dez zonas, segundo critérios da Bahiatursa, acima mencionados – foram

elaborados mapas, utilizando a base cartográfica da cidade, cujo método de elaboração foi o software ArcView, onde foram localizados os estabelecimentos por zonas. É importante ressaltar que a localização dos mesmos possuem precisão geográfica, isto é, georreferenciamento.

No processo de mapeamento foram inseridos nos mapas os estabelecimentos que, independente da categoria, foram associados aos endereços fornecidos pela Bahiatursa, que por sua vez estão contidos nas Regiões Administrativas, conceito utilizado pela Conder e Prefeitura Municipal para delimitar as diversas áreas da cidade.

Algumas pequenas unidades hoteleiras também foram analisadas, pois se entende que a história da hotelaria começou nesses empreendimentos como suporte do desenvolvimento comercial da cidade em períodos anteriores à década de 60. Também foram analisadas as grandes cadeias de hotéis com sua funcionalidade voltada para as diversas modalidades de turismo.

Os planejadores oficiais do Estado e empresários formaram o universo dos atores diretamente envolvidos no processo da pesquisa, sendo esta, a população útil analisada, através de entrevista semi-aberta e semi-estruturada.

Estabeleceu-se uma relação entre a geografia da cidade de Salvador e sua rede hoteleira e outros meios de hospedagem, associando-os às diferentes funções exercidas dentro do seu contexto urbano, identificando o papel da hotelaria neste processo.

À medida que se analisou a produção e organização do espaço dos meios de hospedagem, especialmente a hotelaria, sua evolução histórica e espacial na paisagem desta cidade, em diferentes períodos históricos, revelou-se a evolução deste setor, assim como os agentes atuantes no processo de sua implantação e configuração espacial.

Foi elaborada uma análise e caracterização do processo de evolução dos meios de hospedagem na paisagem urbana de Salvador, através de pesquisa bibliográfica e documental, utilizando fotografias de época e atuais, mapeamento dos estabelecimentos e entrevistas com atores sociais ligados ao

setor, que deram sentido e caracterizaram o trabalho como de cunho acadêmico e de relevância social, pois contribuiu para acrescentar conhecimento sobre aspectos socioculturais e socioespaciais da cidade, relacionados ao tema proposto.

2 A HOSPITALIDADE NO MUNDO E NO BRASIL

2.1 – NOTAS SOBRE OS MEIOS DE HOSPEDAGEM NO ESPAÇO URBANO MUNDIAL

A presença dos meios de hospedagem no conjunto das atividades comerciais e de prestação de serviços foi sempre uma constante na dinâmica urbana das principais cidades e regiões do mundo. Segundo Andrade,

O comércio é o responsável histórico pelas formas mais antigas de oferta hoteleira. As rotas comerciais da Antiguidade, na Ásia, na Europa e na África, geraram núcleos urbanos e centros de hospedagem para o atendimento aos viajantes. Na Idade Média, a hospedagem era feita em mosteiros e abadias. Nessa época, atender os viajantes era uma obrigação moral e espiritual (ANDRADE, 2002, p.18).

Os meios de hospedagem, especialmente o setor hoteleiro, passaram por grandes transformações ao longo da história, acompanhando a evolução espacial intra-urbana, inter-urbana e inter-regional, principalmente nas áreas onde o meio técnico se implantava nos territórios, na forma de infra-estrutura urbana, principalmente atreladas à evolução dos meios de transporte, comunicação e infra-estrutura de acesso.

Segundo Andrade (2002), na antiguidade as estâncias hidrominerais instaladas pelos romanos na Britânia (Inglaterra), na Helvécia (Suíça) e no Oriente Médio serviam como pontos de apoio das paradas e caravanas.

Na Idade Média, as abadias e mosteiros acolhiam os hóspedes, geralmente cruzados e peregrinos. Mais tarde, segundo Andrade,

com o advento das monarquias nacionais, a hospedagem era exercida pelo próprio Estado, nos palácios da nobreza ou nas instalações militares e administrativas. Os viajantes que não contavam com o beneplácito do Estado eram atendidos precariamente, em albergues e estalagens. Posteriormente, com a Revolução Industrial e a expansão do capitalismo, a hospedagem passou a ser tratada como uma atividade

estritamente econômica a ser explorada comercialmente. Os hotéis com *staff* personalizado, formado por gerentes e recepcionistas, aparecem somente no início do século XIX (ANDRADE, 2002, p.18).

Pires comenta sobre o ato de viajar ainda no século XVI, citando Acerenza, que relata sobre o “aumento do interesse por conhecer novos povos e lugares como fruto da curiosidade despertada pelas grandes navegações marítimas” (PIRES, 2001, p.3). É sabido, entretanto, que o ato de viajar nesta época, segundo este mesmo autor, “prendia-se muito mais à noção de aventura e conquista de fortuna” (idem) do que fazer turismo, como entendemos atualmente. Ainda segundo Pires, dessa vez citando Burkart, sobre o surgimento do turismo na Era Moderna, alguns autores têm visto o início deste fenômeno “no desenvolvimento das estâncias especializadas, a partir do século XVII” (ibidem). Mais adiante Pires afirma que na segunda metade deste mesmo século, “os centros termais gozavam de grande popularidade, tanto na Inglaterra como no continente” (PIRES, 2001, p.3,4).

Quanto ao caráter elitista e exclusivo dos freqüentadores de estâncias costeiras, como também das termas no século XVII e XVIII, Pires faz o seguinte comentário:

ambas recebiam grupos de interessados, é verdade, na sua cura, e, ao mesmo tempo, em afirmar o seu *status* imitando a Família Real, que para elas se dirigia com grande aparato, conferindo prestígio a essas localidades. Somente com a era da ferrovia é que as termas e estâncias conseguiram superar, magnificamente, sua experiência anterior em atrair visitantes (PIRES, 2001, p.4).

Ainda na Era Moderna surgiram as acomodações junto aos postos de articulação dos correios, abrigo para comerciantes e não só. No final do século XVIII, surgem os primeiros hotéis na Europa e nos EUA, estimulados pela Revolução Industrial. Por volta de 1850, áreas próximas às estações ferroviárias passam a concentrar os hotéis, que serviam de apoio ao grande fluxo de pessoas oriundas do campo para trabalhar nos centros urbanos emergentes da Europa e EUA (ANDRADE, 2002).

Na opinião de Marc Boyer (2003), a Revolução Industrial e a revolução turística são contemporâneas uma da outra. Para esse autor foram os

aristocratas que inventaram práticas lúdicas que se destacam até os nossos dias como uma verdadeira contracultura, no sentido da “invenção da distinção”. Segundo ele

estas invenções destacam-se pela singularidade e são posteriormente imitadas. Sua ‘capilaridade social’ que caracteriza a segunda era da humanidade: o conjunto dos donos de rendimentos – no século 19, eles são aproximadamente dez por cento da população da Europa – aproveita as temporadas ‘elegantes nas estações montadas pelos guardiões culturais, os *gate-keepers*. No início do século 20, as novas camadas sociais como os burgueses, os funcionários públicos, os profissionais liberais se apropriam das práticas e dos lugares do turismo aristocrático (BOYER, 2003, p. 8,9).

No processo de evolução técnica da segunda metade do século XIX, algumas inovações foram incorporadas no seio da hotelaria da época. No ano de 1870, foi introduzido o quarto com banheiro privativo, pelo suíço César Ritz, no primeiro estabelecimento hoteleiro planejado em Paris, posteriormente também implantado nos Estados Unidos em 1908, com o Staler Hotel Company (ANDRADE, 2002).

Na segunda década do século XX, grande número de hotéis foi construído nos Estados Unidos e Europa, gerado pela prosperidade econômica da época, denotando uma íntima ligação entre hotelaria e desenvolvimento econômico. Conseqüentemente, dinamismo comercial e intercâmbio de produtos, serviços e pessoas.

O turismo na forma como se expressa atualmente, do ponto de vista do acelerado fluxo de pessoas, só passaria a exercer influência direta nos meios de hospedagem, após a Segunda Guerra Mundial,

com a expansão acelerada da economia mundial, a melhoria da renda de amplas faixas da população (basicamente nos países mais desenvolvidos da Europa central, EUA e no Canadá) e a ampliação e melhoria dos sistemas de transportes e comunicação, principalmente com a entrada em cena dos aviões a jato para passageiros, de grande capacidade e longo alcance (ANDRADE, 2002, p.18).

Boyer também concorda que o grande “salto” do turismo de massa é o período pós-guerra, conhecido como os “Trinta Gloriosos”. Ou seja, de 1945 a 1975 aproximadamente. Segundo este autor, “por volta de 1950, nenhum país tinha uma taxa de viagens igual ou superior a 25 por cento. A partir de 1975, diversos países da Europa se vangloriavam de ter mais de um em cada dois habitantes partindo em férias” (BOYER, 2003, p.10).

Para o mesmo autor, não podemos esquecer o papel dos meios de transporte no advento do turismo de massa e comenta a divisão nos vagões de trens que distinguiram os que passeavam – os turistas – dos trabalhadores e ou migrantes “que se espremiavam na terceira classe”, o mesmo acontecendo nos cruzeiros marítimos (BOYER, 2003).

Segundo Andrade,

o processo de desenvolvimento e de globalização da economia mundial, além de gerar um progressivo fluxo de viagens regionais e internacionais, ampliou de forma acelerada o setor de lazer e de turismo, que passou a ser, efetivamente, o grande promotor de redes hoteleiras. A sociedade de consumo de massa ampliou-se para o setor de lazer e de turismo (ANDRADE, 2002, p.18).

Pelo exposto anteriormente, entende-se que a formação da cadeia hoteleira mundial em todos os níveis surgiu paralela ao processo de reestruturação da sociedade, no sentido do surgimento de novas categorias e estratos sociais, advindos da revolução industrial. Este processo gerou novas necessidades e as novas condições relacionadas ao ato de viajar e, posteriormente, de fazer turismo, refletindo no setor de meios de hospedagem e na sua presença na paisagem urbana das localidades em diversas partes do mundo.

Confirmando o exposto acima, Boyer comenta que a partir dos anos 50 as Associações Populares, sem fins lucrativos - criadas nos anos 30, na França, preocupadas em tornar acessíveis ao povo as formas e os lugares de turismo até então reservados aos ricos, através de bilhetes de férias, chamados de populares, e de locais de hospedagem chamados de complementares – foram substituídas e se distinguiram pouco do setor

comercial. Ainda segundo o mesmo autor, “as palavras férias e hotéis se encontram em toda a parte” (BOYER, 2003, p. 14).

No que diz respeito ao Brasil, este também não ficaria de fora do processo de globalização, guardadas as devidas proporções de evolução deste fenômeno em diferentes partes do mundo, e em muitas de suas regiões e localidades, principalmente nas capitais litorâneas. Este fenômeno, traduzido na forma de turismo, se impõe como consequência natural do desenvolvimento técnico, científico e informacional, que vinha se configurando na forma de infraestrutura de transportes e melhorias de acesso, facilitando o fluxo de mercadorias e pessoas, assim como na melhoria das condições de infraestrutura urbana de equipamentos e serviços de apoio receptivo nas maiores cidades do país.

Assim sendo, os meios de hospedagem, especialmente a hotelaria, evoluíram com o tempo, oferecendo serviços diferenciados para atender uma demanda cada vez mais eclética, ligada ao comércio internacional, tais como exportadores, importadores, comerciantes de várias nacionalidades, pesquisadores e seletos viajantes abastados economicamente, ávidos de conhecimento, utilizando meios de transportes tecnicamente mais avançados, encurtando as viagens em tempo e com melhores condições de conforto.

A seguir demonstrar-se-á um pouco da história da hotelaria no Brasil e a evolução dos meios de hospedagem em algumas de suas cidades e, posteriormente, em Salvador, mais especificamente.

2.2 OS MEIOS DE HOSPEDAGEM EM ALGUMAS CIDADES BRASILEIRAS

Apesar do universo temporal desta pesquisa dar maior ênfase aos últimos 40 anos da história e da dinâmica espacial da hotelaria em Salvador, não se pode deixar de registrar que desde o século XVIII, já se faziam referências às formas de hospitalidade em diversas regiões e cidades

brasileiras como Rio de Janeiro, São Paulo e na própria Salvador, revelando a importância deste setor no conjunto das atividades dessas cidades.

Algumas referências históricas e nuances importantes no contexto do universo dos meios de hospedagem no Brasil, enaltecem o papel deste segmento no cotidiano de algumas de suas principais cidades.

Segundo Andrade,

No período colonial, os viajantes se hospedavam nas casas-grandes dos engenhos e fazendas, nos casarões das cidades, nos conventos e, principalmente, nos ranchos que existiam à beira das estradas, erguidos, em geral, pelos proprietários de terras marginais. Os ranchos eram alpendres construídos às vezes ao lado de estabelecimentos rústicos que forneciam alimentos e bebidas aos viajantes. Aos ranchos e pousadas ao longo das estradas foram se agregando outras atividades comerciais e de prestação de serviços que deram origem a povoados e, oportunamente, a cidades. Nessa época era comum, também, as famílias receberem hóspedes em suas casas, havendo em muitas, o quarto de hóspedes (ANDRADE, 2002, p. 20).

O processo de evolução dos meios de hospedagem em terras brasileiras se deu da mesma forma que em outras partes do mundo, no sentido da presença deste setor como suporte de atividades comerciais, servindo como ponto de apoio e serviços para atividades afins. Foi também um importante elemento de influência na fixação de povoações de algumas localidades do país.

Em obra de Goulart (1961), encontra-se outra referência ao rancho e a todo o processo que daí desencadeou na formação de povoações, vilas e cidades. Este autor cita Afonso Arinos, para o qual “Cada rancho era um núcleo de povoação e de comércio [...]” (GOULART, 1961, p.143). Entenda-se aqui o Rancho, como a primeira forma de “pouso” menos rudimentar, como foi caracterizado anteriormente, dos tropeiros do Brasil ao longo de seus caminhos, quando do deslocamento no território nacional com suas tropas de muares. Conforme Goulart,

Tão logo organizado o tráfego de tropas de muares evidenciou-se a necessidade de serem levantadas aqui e acolá, rústicas palhoças, simples coberturas de palha sobre paus-a-pique,

sem paredes, para abrigo das cargas e dos homens ao fim das jornadas diárias. Era o *pouso* (GOULART, 1961, p.119).

Sobre a evolução do pouso e sua influência na fixação de populações Goulart afirma o seguinte:

Fincado o pouso, logo surgia nas suas imediações um ou outro morador, erguendo palhoça, acomodando criações, plantando milho, e passando a negociar com os homens das tropas que ali pernoitassem. Prosperando, montava venda, abastecia-se melhor e começava a nascer um povoado. De progresso em progresso, a população crescia, o casario aumentava até chegar mais tarde a fincar “pelourinho”. Atualmente muitas estações de estradas de ferro erguem-se em pontos de antigos pousos; e entre outros casos podemos citar Campinas, São Carlos, Casa Branca, Franca do Imperador (GOULART, 1961, p.143).

Analisando o processo de evolução de algumas localidades brasileiras no caminho dos tropeiros no interior do país, Goulart associa estes estabelecimentos ao surgimento de algumas cidades, descrevendo as fases desta evolução, citando Richard Burton, que, por sua vez, estabeleceu as tais fases de evolução que se “operavam desde o simples pouso até o reconhecimento de uma nova cidade” (BURTON, apud GOULART, p.144).

Estas fases são as seguintes:

A primeira fase é a do *pouso*, mero terreno para acampar, em que os proprietários consentem que os tropeiros dêem água aos seus burros ou os amarrem em mourões. No primeiro quarto do corrente século (1800) os viajantes eram freqüentemente condenados a passar noites *à la belle étoile* nestes germes de acomodações que se tornaram hoje aldeias e vilas populosas”.

A segunda fase é a do *rancho*, que corresponde ao *bungalow* de viajantes, faltando, porém, leito, cadeira, mesa, e ainda os bandidos e salteadores. Consiste essencialmente num longo telheiro coberto, tendo à frente, as vezes, uma varanda de postes de madeira ou pilastras de tijolo; outras vezes tem as paredes exteriores e ainda compartimentos interiores de adobes de taipa ou barro e trançado de galhos. Aqui os tropeiros descarregam; os animais vagueiam livremente pelo pasto, enquanto os patrões fazem uma fogueira, penduram a chaleira à maneira cigana, em um tripé de madeira e estendem um dormitório com divisões paralelas feitas com cestos bem tecidos e albardas.

A terceira fase é a *venda*, progresso decidido, mas não integralmente respeitável. É a *pulperia* das colônias hispano-americanas, o empório da aldeia inglesa combinado com a mercearia e a hospedagem. Vende tudo, desde cabeças de alho e livros de missa até genebra, aguardente, doces e velas. As vezes é dividida em duas seções, uma para os secos e outra para os molhados. [...] A venda tem geralmente um quarto em que os estranhos são hóspedes, com uma grande gamela para as abluções, um catre de madeira, uma mesa de pés compridos e um banco baixo.

A quarta fase é a *estalagem* ou *hospedaria*, onde nos hospedamos em Mariana, e a quinta, finalmente, é o hotel, ou melhor, *ótel*, então mais pretencioso (BURTON, apud. GOULART, 1961, p.144, 145, 146).

A descrição acima é de fundamental importância para compreensão do processo de formação do caráter urbano de algumas localidades do Brasil, a partir da gênese dos equipamentos montados para os serviços de apoio aos viajantes e comerciantes, que posteriormente se tornariam o núcleo de polarização e aglutinação de povoações. São também exemplos desse mesmo processo as províncias e posteriormente estados de São Paulo e Minas Gerais, além de outros como Goiás e Mato Grosso, também citado por Goulart (1961).

Nunca é demais lembrar que tais descrições se relacionam àquelas localidades estabelecidas nos locais de estacionamento de tropas, como argumenta Goulart, sobre a descrição de Burton, demonstrando que “é fácil acompanhar a evolução de pouso à cidade por que passaram aqueles locais de estacionamento de tropas”. Essas transformações, ainda segundo este mesmo autor, “dão nítida idéia do desdobramento social que se vai operando em derredor dos *pousos*, e assim temos com o *rancho*, o povoado; com a *venda*, a povoação; com a *estalagem*, a vila; e com o *ótel*, a cidade (GOULART, 1961, p.146).

Retornando ao século XVIII, Andrade faz alusão às características dos meios de hospedagem na cidade do Rio de Janeiro, quando começaram a surgir “estalagens ou casas de pasto, que ofereciam alojamento aos interessados” que seriam os “embriões de futuros hotéis” (ANDRADE, 2002, p.20).

Segundo Campos (2005),

nos aglomerados maiores, as casas religiosas e algumas casas de pensão ofereciam hospedagem a baixo preço. As pessoas privilegiadas, e que eram recomendadas por autoridades, eram hospedadas pelos jesuítas. Uma hospedaria de grande porte foi construída pelos beneditinos por volta da metade do século XVIII. Esse prédio veio a abrigar a Real Academia dos Guardas-Marinha desde a chegada da família Real até 1839 (CAMPOS,2005, p.48).

Referências sobre os meios de hospedagem, especialmente hotéis, no Brasil, também aparecem a partir de relatos de viajantes estrangeiros, basicamente europeus, a partir da primeira metade do século XIX.

As obras de Trigo (2000), Pires (2001), Andrade (2002), Campos (2005) reúnem depoimentos e informações expressivas de viajantes estrangeiros por todo o Brasil, revelando o processo de implantação e evolução de estabelecimentos relacionados ao setor de prestação de serviços aos viajantes e comerciantes no século XIX, nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, principalmente. Nestas obras aparecem algumas informações que contextualizam, no nível dessas duas importantes cidades brasileiras, a presença desses estabelecimentos hoteleiros no cotidiano das mesmas.

Segundo Pires,

O século XIX trouxe ao Brasil uma nova era de aproximação com o mundo. Neste sentido, a vinda da Família Real e a Abertura dos Portos mais uma vez poderiam representar um divisor de águas na questão da presença de viajantes estrangeiros. As novas condições de sede do reino não deixaram, em certa medida, de abrir nossas portas à curiosidade mundial

Com a volta da paz à Europa depois de 1815, numerosas viagens ao Brasil foram executadas. O Rio de Janeiro, mais do que qualquer outra localidade brasileira, já apresentava condições suficientes para ser um ponto de estada nos roteiros das embarcações que percorriam o mundo, seja pela sua situação geográfica privilegiada, ou pela segurança do seu porto, seja pelo relativo desenvolvimento conseguido com a presença do rei (PIRES, 2001, p.93).

Andrade, em sua obra, ratifica a informação acima descrita e destaca também o ano de 1808, com a chegada da corte portuguesa ao Rio de Janeiro e a conseqüente abertura dos portos que trouxe “um grande fluxo de estrangeiros, que aqui vieram exercer funções diplomáticas, científicas e comerciais” (ANDRADE, 2002, p 20).

Em conseqüência desse afluxo de pessoas, segundo Andrade,

aumentou a demanda por alojamentos, e nos anos seguintes os proprietários da maioria das casas de pensão, hospedarias e tavernas passaram a utilizar a denominação de hotel, com a intenção de elevar o conceito da casa, independentemente da quantidade dos quartos e do padrão dos serviços oferecidos (ANDRADE, 2002, p. 21).

Nota-se que a presença do estabelecimento comercial hoteleiro passa a ter destaque na paisagem urbana das cidades mais importantes do Brasil, com localização estratégica, notadamente junto ao cais do porto, como é o caso do Hotel Pharoux, - **Figura 1** -, localizado no Largo do Paço, “considerado um dos estabelecimentos de maior prestígio no Rio de Janeiro” (ANDRADE, 2002, p. 21). No ano de 1840, o grande Hotel Pharoux (situado no cais que seria chamado mais tarde de Cais Pharoux, nome do fundador francês do hotel) era o mais conhecido da cidade, junto com o hotel de France (LAGO, 2006). Em 1842, este mesmo hotel, “inaugura sua casa de banhos aberta ao público, utilizando água encanada do chafariz do Largo do Paço, uma novidade para a época” (TRIGO, 2000, p.153).

Figura 1: Hotel Pharoux, Rio de Janeiro, 1842



Vista externa do Hotel Pharoux.

Fonte: ANDRADE, 2002, p.21.

Ainda referindo-se à figura acima, percebe-se que o nome “banho”, escrito em três línguas (português, inglês e francês), sinalizam o cosmopolitismo da sociedade fluminense oitocentista. Naquela época também o nome dos hotéis normalmente levava o mesmo nome do seu proprietário, como foi visto anteriormente.

No final da década de 1840, segundo Pires, “a Corte possuía onze hotéis, relacionados pelo Almanaque na mesma coluna das chamadas ‘casas de pasto’. Alguns como o Pharoux, o Ravot e o Universo não apresentavam qualquer informação quanto ao tipo de serviço prestado, mais o Hotel dos Estrangeiros alugava ‘aposentos e quartos ricamente mobiliados’ e incumbia-se de ‘jantares de encomenda” (PIRES, 2001, p.161). Aqui se percebe o papel social da hotelaria no que se refere a alguns eventos acolhidos por estes estabelecimentos.

Em 1858, o *Almanaque Laemmert* relaciona, no Rio de Janeiro, 195 estabelecimentos, entre estalagens, hospedarias, hotéis e casas de pasto (restaurantes da época), dos quais, 78 pertencentes a brasileiros. Ou seja, mais de 50% do restante pertencia a estrangeiros, fato que denota o uso da hospitalidade para fins comerciais, liderado por empreendedores de outras nacionalidades que viam a possibilidade de bons negócios naquela área.

Estes estabelecimentos foram relacionados sob uma mesma referência, vestígio de identidade original, segundo Trigo. Ainda segundo este mesmo autor, só em 1870 “começam a aparecer em São Paulo os primeiros estabelecimentos hoteleiros dignos dessa denominação” (TRIGO, 2000, p. 153).

Para Pires, é difícil saber o momento em que a estalagem e o hotel começaram a se distinguir um do outro. Esse autor cita Kidder, que distingue “alguns hotéis franceses e italianos distintos”, ao que parece, das hospedarias, na interpretação de Pires, que admite que na década de 1830, os hotéis da capital do Império, “apresentassem um tipo de serviço diferenciado” (KIDDER apud. PIRES, 2001, p.161).

Para Andrade, existia um problema de escassez de hotéis na cidade do Rio de Janeiro, desde meados do século XIX até as primeiras décadas do século XX, que levou o governo à “criar o Decreto n 1160, de 23 de dezembro de 1907, que isentava por sete anos, de todos os emolumentos e impostos municipais, os cinco primeiros hotéis que se instalassem no Rio de Janeiro”. Ainda segundo Andrade, “esses hotéis vieram, e com eles o Hotel Avenida – **Figura 2** -, o maior do Brasil, inaugurado em 1908. O Avenida, com 220 quartos, marca, por assim dizer, a maioria da hotelaria do Rio de Janeiro” (ANDRADE, 2002, p.21).

Figura. 2: Hotel Avenida, Rio de Janeiro, primeiros anos do século XX



Fonte: ANDRADE, 2002, p.22.

Ao visualizar-se a gravura do Hotel Pharoux (fig.1) e a foto do Hotel Avenida (fig. 2), pode-se constatar, com base na monumentalidade de suas construções, o importante papel desses estabelecimentos, necessários para o suporte da representação da cidade do Rio de Janeiro numa escala de polarização de dimensão regional, nacional e internacional, além do significado na paisagem urbana.

Andrade (2002) esclarece que

A fixação do termo ‘hotel’ no jargão nacional se deu, definitivamente, em virtude da necessidade de anunciar o serviço junto aos estrangeiros da cidade do Rio de Janeiro. A *Gazeta do Rio de Janeiro*, por exemplo, traz, no ano de 1817,

anúncio de um mesmo estabelecimento com denominação de Hospedaria do Reino do Brasil e depois Hotel Royaume du Brésil (ANDRADE, 2002, p.21).

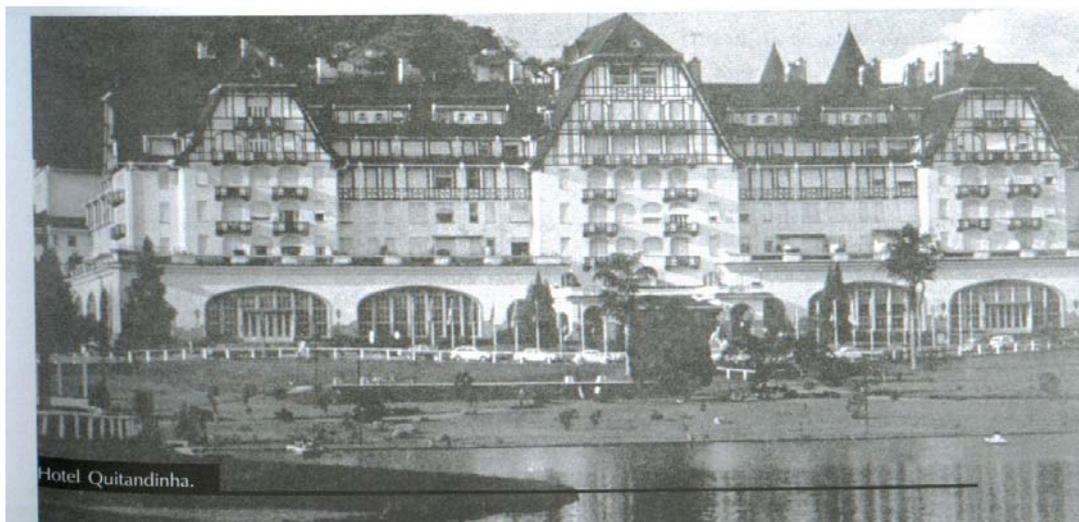
No começo do século XX era comum no Brasil, tanto nas capitais como no interior, a indicação para a hospedagem de pessoas em casas de familiares ou conhecidos. Segundo Campos (2005)

um juiz de direito ou professor que, solteiro, chegasse a uma cidade do interior, ficaria hospedado por algum tempo, até que lhe fosse arrumada uma moradia, em casa de alguém da cidade que em geral era pessoa de certa influência na sociedade local (CAMPOS, 2005, p.49).

Na década de 30 do século XX, Andrade (2002) informa que grandes hotéis foram implantados nas capitais, nas estâncias minerais e nas áreas de apelo paisagístico. Ainda segundo este mesmo autor, a ocupação destes hotéis era promovida pelos cassinos que funcionavam no seu entorno. Sobre essa questão, Campos (2005) chama a atenção para os grandes investimentos feitos em hotéis de grande porte em cidades de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, com a descoberta de fontes termais em regiões serranas destes Estados.

Estabeleceram-se os famosos hotéis de estações de águas medicinais, como é o caso do Grande Hotel Araxá, inaugurado em 1944 por Getúlio Vargas e pelo então Governador de Minas Gerais, Benito Valadares. Segundo Campos (2005), o Grande Hotel Araxá custou o valor total de dois orçamentos anuais do Estado de Minas Gerais. Campos (2005) aponta ainda o Hotel Quitandinha – **Figura 3** -, na cidade de Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro, como outro grande investimento público que, hoje é, hotel – escola do SENAC. Nas décadas de 1930 e 1940, outros hotéis surgiram em São Paulo e Minas, como o Grande Hotel São Pedro, em Águas de São Pedro, e diversos outros nas cidades de São Lourenço, Águas da Prata, Lindóia, Serra Negra e Poços de Caldas, todos com equipamento de cassino (CAMPOS, 2005, p.53). Muitos destes estabelecimentos, principalmente os ligados aos cassinos, fecharam suas portas com a proibição dos jogos de azar, em 1946.

Figura. 3: HOTEL QUITANDINHA. Petrópolis – RJ, década de 40 do séc. XX



Fonte: ANDRADE, 2002, p.23.

Segundo Campos,

com o fim do jogo, os hotéis das estações de águas passaram a viver apenas do termalismo, uma atividade que viria a ser prejudicada com o avanço da indústria farmacêutica, que, em meados dos anos 1950, começou a produzir diversos medicamentos para controle ou cura das doenças para as quais as águas eram indicadas (CAMPOS, 2005, p.53).

Alguns hotéis permanecem na paisagem de cidades como o Rio de Janeiro desde a década de 1920. O Hotel Copacabana Palace, e o Hotel Glória são dois exemplos emblemáticos de uma época marcada pela hotelaria mais luxuosa nas capitais e, por outro lado, investimentos estatais no interior, principalmente hotéis voltados para o termalismo e o jogo, como se viu anteriormente. Desta época são também os hotéis Esplanada e Terminus, construídos na década de 1920 em São Paulo (CAMPOS, 2005).

Outro componente que influenciou a dinâmica hoteleira no Brasil foi a infra – estrutura de acesso, como as ferrovias e rodovias.

Para Campos,

o crescimento da hotelaria nos estados de maior progresso no Brasil estava ligado ao traçado das ferrovias. Nos anos de 1950 e 1960, a grande frequência dos hotéis das cidades do

interior desses estados era composta pelos chamados viajantes, que eram representantes comerciais que divulgavam e vendiam seus produtos pelo interior (CAMPOS, 2005, p.49).

O autor citado acima comenta, também na mesma obra, sobre a precariedade dos transportes naquela época (1950/60) que eram lentos e forçavam os vendedores e representantes comerciais a ficar mais tempo nas cidades maiores e a fazerem trajetos diários de ida e volta para as cidades menores, fora da margem das ferrovias. Este fato obrigava ao acesso destes trabalhadores para as cidades circunvizinhas às capitais regionais que se conectavam a malha ferroviária, sendo

obrigados a permanecer por um tempo maior na 'cidade pião' para, partindo dela, fazer o giro pelas outras e vender seus produtos. Era um processo que consumia cerca de dez dias, o que significava ocupação permanente nos hotéis naquele período, mesmo que numa emergência o viajante tivesse de pernoitar na cidade menor que ele visitava (CAMPOS, 2005, p.49).

Ainda segundo o mesmo autor, foi um período rico para os hotéis organizados como pequenas empresas familiares. Ele ainda afirma que, nesta época, uma viagem de trem de São Paulo a Bauru demorava em média seis horas.

Este quadro sofreu profundas alterações com a implantação da indústria automobilística no Brasil e, conseqüentemente, a implantação de novas estradas para os automóveis que viriam a circular nas mesmas. Segundo Campos (2005),

profissionais autônomos e empresas adquiriam carros para o trabalho dos viajantes, que passaram a deslocar-se com facilidade muito maior pelas pequenas cidades e chegar a matriz em tempo muito menor. O combustível era barato e de boa qualidade. Assim os viajantes diminuíram seus pernoites nos hotéis do interior e das capitais, pois podiam fazer o seu giro com maior rapidez (CAMPOS, 2005, p.50).

O fato descrito acima viria a desestruturar o sistema de hospedagem dos viajantes nas cidades médias do Brasil, já que muitos deles, com o advento do rodoviarismo, permaneciam menos tempo nas cidades, pois não mais dependiam dos horários de trem ou mesmo do ônibus, fato que os fazia

permanecer mais uma noite em hotéis ou pensões de caráter familiar, que se mantinham dessa clientela.

Só posteriormente, em 1966, depois de criada a Embratur, surgiria uma nova fase da hotelaria brasileira, com uma maior presença do poder público, associado ao grande capital nacional e internacional, na construção de grandes hotéis de alto luxo nas grandes capitais brasileiras. Essa nova fase de implantação de grandes equipamentos, segundo Andrade, “influenciou na mudança das leis de zoneamento das grandes capitais, tornando a legislação mais flexível e favorável à construção de hotéis” (ANDRADE, 2002, p.22).

Nas décadas de 1960 e 1970, o dinamismo da economia brasileira era refletido na dinâmica territorial e aplicação da técnica ao território, materializada em estradas pavimentadas, parques industriais, infra-estrutura urbana, permitindo um maior fluxo de pessoas e mercadorias na maior parte do território brasileiro. Paralelo a todo esse processo, também ocorreria uma maior fluidez de informação e a necessidade de reciclagem de mão-de-obra para atender novas demandas da indústria e do comércio, ligados a grandes empresas nacionais e internacionais que se instalavam em todo o território nacional.

A hotelaria considerada aqui como um equipamento de suporte para as atividades acima mencionadas, não ficaria de fora do processo de evolução técnica, necessitando desenvolver-se também para atender novas demandas de mercado, de público mais exigente e viajado, com experiências de hospedagem em países mais desenvolvidos, com uma hotelaria mais equipada e voltada para contemplar outras necessidades, tais como eventos de negócios.

Campos, referindo-se à evolução da empresa hoteleira, afirma que:

Em meados dos anos de 1970, os proprietários mais cuidadosos e observadores começaram a construir salas para reuniões. Era apenas um reflexo do modelo de organização e desenvolvimento das empresas daquela década. Os treinamentos e reuniões de negócios começaram a ficar mais valorizados no Brasil (CAMPOS, 2005, p. 52).

Ainda conforme este mesmo autor,

A chegada de bandeiras estrangeiras ajudou a dar outro padrão profissional ao universo da hotelaria. Nos anos de 1970, as grandes cidades receberam muitos investimentos em motéis nas zonas periféricas. Foram investimentos que lograram grande sucesso na esteira da expansão da indústria automobilística brasileira... (CAMPOS, 2005, p.52).

Em 1969 na cidade de São Paulo foi inaugurado o Hilton Hotel, o primeiro com bandeira estrangeira, situado na avenida Ipiranga, centro comercial da época, considerado uma revolução no mercado hoteleiro. Nesta mesma década ainda seriam inaugurados no Rio de Janeiro o Sheraton Rio Hotel & Towers e o Intercontinental Hotel, que pertencia a Pan Am. Também surgiriam o Meridien do Rio e de Salvador. Símbolos da paisagem urbana destas cidades. É desta década também o primeiro Club Méditerranée do Brasil, na ilha de Itaparica, Bahia. São também desta década os grandes hotéis de marcas nacionais como o Ceasar Park, no Rio de Janeiro, os Eldorado, em São Paulo, Araraquara, em São José dos Campos, e o Bourbon & Tower, em Foz do Iguaçu. Da mesma época são também as redes Novotel, precursora dos hotéis econômicos, instalando-se nas cidades de São José dos Campos e São Paulo (CAMPOS, 2005).

Segundo Beni (2003), o segmento da hotelaria acompanhou o crescimento do turismo no Brasil, contribuindo com 13% do valor gerado por esta atividade no país, que assistiu, nos últimos dez anos, ao crescimento vertiginoso de suas atividades turísticas, contribuindo com 2,5% para a formação do Produto Interno Bruto da economia. Este mesmo pesquisador indica que é importante ressaltar o papel dos equipamentos de hospedagem para o bom funcionamento do setor de viagens e turismo no país, cujas taxas de crescimento de unidades e de apartamentos projetam para 2005 um parque hoteleiro instalado de trezentos mil apartamentos e 6.500 estabelecimentos hoteleiros no Brasil (BENI, 2003, p.170).

Percebe-se pelo exposto até aqui que o sistema de formação da rede hoteleira brasileira evoluiu de acordo com a conjuntura socioeconômica, política e cultural dos lugares, atrelada e influenciada por processos, por vezes alheios à escala local. Em todos os casos, seja nas grandes capitais, nas

idades médias ou nas pequenas localidades, a formação da rede hoteleira se constituiu num equipamento urbano relacionado à vida econômica e comercial dessas localidades, com significativa presença em suas paisagens.

Pessoa (2003) analisa e caracteriza o hotel na atualidade da seguinte forma:

[...] Enquanto forma é um meio de hospedagem, é um local do mercado em que pago para ser servido e ser satisfeito, para ser atendido com segurança e conforto, o qual conduz e procura dar conta “do comportamento contingente dos seres humanos” transformados (pelo mercado) em *consumidores de satisfação*. Tende, portanto, a envolver quase todos, com distinção! Ainda mais o que também nos interessa bastante em relação as novas configurações espaciais propulsoras e derivadas, é hoje potente meio de trabalho urbano e de ganhos para muitos, em todos os estratos econômicos. Enquanto conteúdo é um conjunto articulado de práticas sócio-espaciais de atendimento a necessidades e desejos sociais ligados ao corpo, nesta última modernidade, pelas quais, a restauração, a informação, a distração e a evasão são efetivadas nos tempos do “não-trabalho” – e no tempo inteiro imposto dos sem-trabalho – constituindo a vida cotidiana fora e dentro do local de residência como *experiência hotelar*, pondo o acento na troca e no mercado de “objetos imateriais”, nos chamados serviços e nos “objetos” de consumo imediato. Apresenta-se como máquina de restaurar – informar – distrair – evadir, de pseudo permanência, de ocupação temporária - *são lugares, locais de passagem*, onde nos plugamos, nos instalamos, nos acomodamos, nos pernoitamos para nos alimentarmos, nos divertirmos, nos entretermos, nos evadirmos aparentemente na/da vida cotidiana, na busca programada contemporânea para nos identificarmos/aproximarmos com o igual e o equivalente, o linear e o repetitivo, e assim nos distinguirmos/deslocarmos do outro e do estranho, do cíclico e do acaso. E onde se dá, hoje, a maior parte do nosso vivido no mundo moderno, são, na maioria dos casos, os “lugares” de privilégio e de distinção no cotidiano, conferindo um novo “modo de vida” aos consumidores e não usuários. Pode, no limite, o hotel, se estender se alastrar por toda a cidade; tende a ser toda a cidade, se reduzida pelo valor de troca a *plena circulação* dos produtos, da força de trabalho, das imagens e do dinheiro, onde se efetiva inteiramente hoje no Brasil os diversos empregos do tempo na re-produção e no consumo do espaço (PESSOA, 2003, p.390, 391).

É nesta perspectiva que se busca fazer uma análise, de agora em diante, dos meios de hospedagem ao longo da história da cidade de Salvador, procurando entender o dinamismo e a espacialização dos meios de

hospedagem, concomitante à sua evolução urbana e a presença na sua paisagem.

3. PERIODIZAÇÃO, ESPACIALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DOS MEIOS DE HOSPEDAGEM NO ESPAÇO URBANO DE SALVADOR

Neste capítulo propõe-se uma periodização da evolução e conseqüente espacialização dos meios de hospedagem no espaço urbano de Salvador. Isso se faz necessário por entender-se que a presença e a espacialização dos meios de hospedagem estão diretamente relacionadas à própria evolução da cidade, principalmente no que se refere a eventos socioeconômicos, políticos e culturais que, em determinados períodos históricos, direta e indiretamente influenciaram na produção e organização do espaço intra-urbano, através das relações inter-urbanas, regionais, nacionais e internacionais.

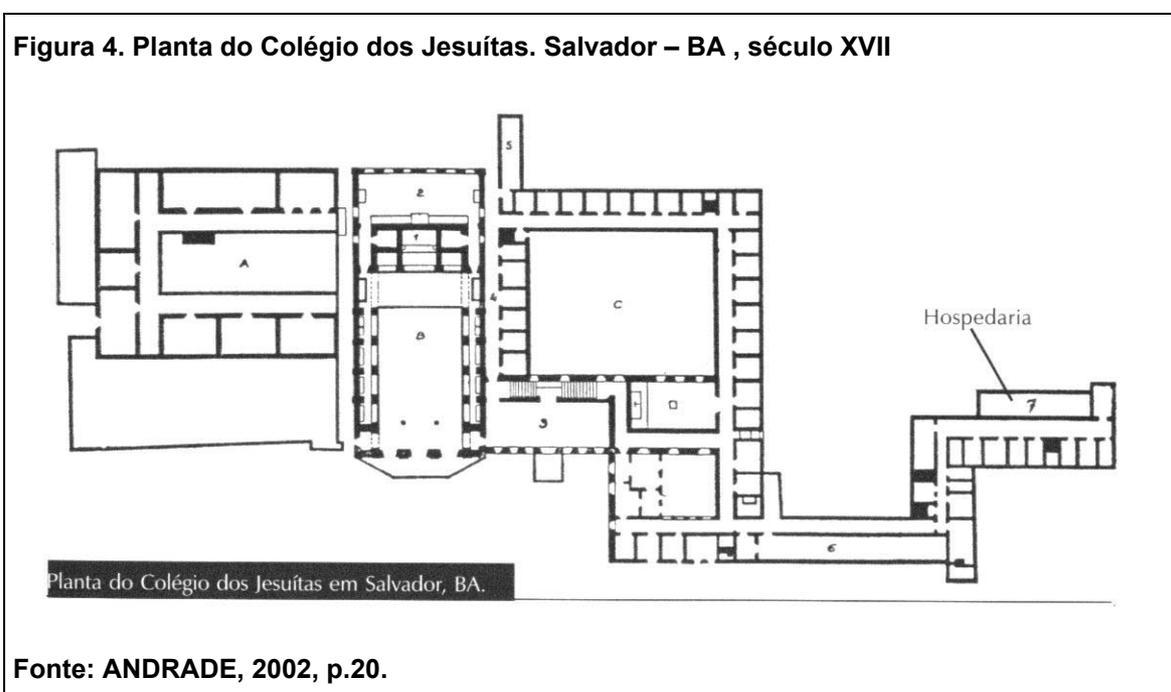
3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO GEO – HISTÓRICA DA EVOLUÇÃO DOS MEIOS DE HOSPEDAGEM NO ESPAÇO DA CIDADE

Estabelecida para ser um centro de decisões políticas e administrativas, Salvador tornou-se também um grande centro comercial local, regional e internacional. Geograficamente situada numa posição que, naturalmente, viabilizou o exercício da função defensiva, portuária, comercial e de serviços, associada às condições de sua bela paisagem natural, além de culturalmente rica e diversificada, conseguiu desenvolver uma forte atração para o turismo nas suas diversas modalidades. Todos esses atributos e funções formaram um conjunto de processos fundamentais na construção da vida econômica, política e social da cidade, relacionado à formação de um cotidiano urbano e materialmente construído, no qual o espaço dos meios de hospedagem sempre esteve presente, como veremos mais adiante.

Muitos agentes se incorporaram neste processo, começando pela Igreja com suas atribuições ligadas ao Estado, principalmente no período colonial da nossa história. Posteriormente, o próprio Estado também viria

desempenhar a necessária função hospitaleira em seus palácios e residências oficiais. Finalmente, a iniciativa privada passaria a perceber nos meios de hospedagem, mais uma possibilidade econômica nesta atividade.

No período colonial, algumas ordens religiosas católicas se estabeleceram em Salvador e nos seus conventos e mosteiros hospedavam-se personalidades ilustres, religiosos em missões oficiais e viajantes de toda ordem. Segundo Andrade (2002), os jesuítas praticavam o ato da hospedagem movido pelo dever da caridade. Este mesmo autor mostra uma planta baixa do Colégio dos Jesuítas, onde se vê uma área destinada a hospedaria, conforme – **Figura 4** - a seguir.



Serafim Leite na obra intitulada “História da Companhia de Jesus no Brasil” traz mais um dado interessante sobre hospedagem entre os séculos XVII e XVIII em Salvador, quando descreve o Colégio dos Jesuítas, relatando, com base em documentos históricos da época e em fontes secundárias, que existia uma dependência que “era a *Casa de Hóspedes*, também remodelada através dos tempos, mas que sempre existiu desde a primeira hora e teve a honra de hospedar muitas personalidades ilustres” (Leite, 2000, Vol. V, p.96).

O mesmo autor também comenta sobre alguns desses ilustres hóspedes que ali se hospedaram.

O primeiro hóspede do Colégio da Baía foi Mem de Sá, no edifício do Terreiro de Jesus, em que morou alguns dias, enquanto fez os Exercícios do Santo Inácio. Outro Governador ilustre, o Vice-Rei, Marquês de Montalvão, habitou algum tempo o Colégio, a seguir sua deposição em 1641 [...] (LEITE, 2000, Vol. V, p.96).

Mais adiante, Leite chama a atenção para o fato de que “Em matéria de Vice-Reis do Brasil, o Colégio da Baía teve por muito tempo a prerrogativa de ser a primeira residência deles antes de tomarem posse oficial do cargo” (Leite, 2000, Vol. V, p.99).

Comentando ainda sobre o fluxo de personalidades ilustres que por Salvador passavam em trânsito para outros continentes, o autor relata que

Por ser então a Capital do Brasil, a Baía era muito freqüentada pelos navios da carreira da Índia. No Colégio se hospedaram personalidades ilustres, que iam e vinham do Oriente. Morava nele, em Abril de 1644, chegado de uma nau da Índia, ‘D. Luiz de Souza, rei das *Doze Mil Ilhas Maldivias*. Ia a Portugal saudar El-Rei e pedir a ajuda portuguesa para recuperar o seu Estado’.

Como os reis do Oriente, também os Vice-Reis da Índia. ‘Neste Colégio, diz o P. Antônio Vieira, tivemos hóspedes ao Conde de Alvor, Vice-Rei da Índia, desde quinze de Março até o último de Maio [de 1687] [...] (LEITE, 2000, Vol. V, p.100).

Referindo-se, dessa vez, aos religiosos em trânsito que se hospedaram naquele mesmo local, Leite descreve que

A estada no Colégio, de jesuítas em trânsito para Índia, China e África, repetia-se muito, notando-se apenas o fato, quando desempenhavam funções oficiais. Às vezes o número de hóspedes era avultado, e o tempo, largo, como em Agosto de 1717, em que eram 10, a caminho da Índia para Portugal, e ainda ficariam no Colégio 4 ou 5 meses, antes de poderem seguir viagem, por falta de monção (LEITE, 2000, Vol. V, p. 100).

Ainda segundo Leite,

Em 1722 hospedaram-se no Colégio vários Padres a caminho de Angola; e da China, a caminho de Lisboa, o P. Antônio de Magalhães, embaixador do Imperador da China ao Rei de

Portugal; três anos depois, da Índia para Lisboa, o Patriarca de Goa, que fez no Colégio numerosa ordenação de estudantes da Companhia (LEITE, 2000, Vol. V, p.101).

Percebe-se pelo exposto que a cidade de Salvador sempre esteve conectada ao mundo, recebendo personalidades do meio político e eclesiástico, ligados à Coroa portuguesa, exercendo funções importantes, inerentes à categoria de primeira capital desde a sua fundação até 1763. Esta cidade também se destacou no cenário mundial através das características e condições de navegabilidade da Baía de Todos os Santos, que permitia a atracação de navios de grande calado. Nesta cidade, como Escreveu Leite (2000), cruzavam-se a Europa, a África e a Ásia. Evidencia-se assim a importância do sistema de hospedagem para os negócios e a administração do Império Português.

Dando seguimento à análise da presença dos meios de hospedagem na cidade do Salvador, numa seqüência cronológica, buscou-se a contribuição de alguns pesquisadores da vida cotidiana desta cidade, para que se possa ter uma idéia da distribuição espacial desses equipamentos na época, assim como da importância deste setor na vida social da mesma.

Verger (1981), a partir de pesquisa em fontes primárias relacionadas às descrições dos estrangeiros sobre as instalações hoteleiras de Salvador revela que estas eram precárias no início do século XIX, embora fossem melhorando com o tempo. Nesta obra se constatou, através dos depoimentos escritos pelos viajantes, o cotidiano daqueles estabelecimentos e as péssimas condições de higiene e conforto não só dos hotéis, como também de estabelecimentos congêneres de prestação de serviço, tais como casas de pasto, bares e cafés.

O pesquisador referido acima cita Lindley, que em 1803 escreveu que a Bahia estava

[...] miseravelmente desprovida de acomodações para os estrangeiros, e não se conhece uma única hospedaria. Quem quiser residir temporariamente na praia, não terá outra alternativa, salvo a de alugar uma casa, toda ela ou em parte, mobília-la, o que se consegue com facilidade, sendo amplamente suficiente algumas cadeiras, arcas e uma mesa,

tudo de boa qualidade. As casas de pasto distinguem-se por uma bandeira tricolor, no alto das portas: mas são de uma inconcebível sujeira, e a cozinha é tão horrorosa que uma cela de *Saint Gilles* é muito preferível. São inúmeros os cafés. Existem em todas as ruas, desde que se possa conferir a dignidade desse nome a uma casa suja, em cuja parte da frente se alinham algumas mesas e bancos, havendo, nos fundos, uma espécie de bar. E nelas se distribui um líquido nojento, denominado café, que se torna ainda mais repelente à vista do fato de ser servido em copos. Todas as manhãs, esses lugares ficam apinhados de gente de todas as classes, pessoas respeitáveis e o vulgo, que consegue fazer uma primeira refeição por quatro vinténs: consiste num copo de café e um pãozinho com manteiga irlandesa, rançosa, refugo do mercado de Lisboa (LINDLEY apud. VERGER, 1981, p. 124).

A transcrição do depoimento acima ajuda a perceber a dimensão do cotidiano desta cidade no início do século XIX, no sentido de construir no imaginário de quem lê, toda a atmosfera de intensidade da vida e da diversidade de pessoas que transitavam por Salvador naquele período. Percebe-se também a necessidade de melhores condições de hospitalidade para os viajantes que aqui transitavam, o que só veio ocorrer algum tempo depois, como veremos adiante.

Ainda em relação à citação acima, percebe-se no comentário de Lindley, um preconceito típico dos viajantes europeus da época, que estavam sempre comparando alguns aspectos da vida cotidiana brasileira ao cotidiano europeu.

Na mesma obra, Verger (1981) cita outro depoimento, dessa vez de John Mawe, de 1812, considerando que

[...] aqui os albergues e lugares onde o estrangeiro pode alojar-se são maus, piores mesmo que em outras partes do Brasil. Os proprietários são indiferentes ao conforto de seus hóspedes, e com efeito eles não tem muitas razões para agir de outra forma, pois os portugueses pagam muito mal por suas necessidades mais simples e vão geralmente aos lugares onde podem satisfaze-las mais barato (VERGER, 1981, p. 124).

Percebe-se pelo exposto acima a diferenciação de exigência entre clientes estrangeiros e àqueles que já residiam na cidade por mais tempo. Nota-se também uma percepção extremamente eurocêntrica, visto que as

referências de boas maneiras e educação estavam centradas nos moldes de civilização europeu, principalmente portugueses, franceses e ingleses.

Dugrivel, também citado por Verger (1981), em 1832, diz ter encontrado alojamento no teatro, onde se alugavam quartos para os estrangeiros, depois de ter tentado hospedar-se no Hotel Universo, o único existente naquele momento (p.124).

George Gardner em 1837, também comentou sobre o hotel em que se hospedou, dizendo o seguinte:

[...] dirigimo-nos a um grande hotel em frente ao teatro, onde nos alojamos por esta noite; mas com leitos desconfortáveis, com os ruídos da rua e com o tilintar ainda mais alto de dólares num aposento bem em baixo do nosso, até quase quatro horas da madrugada, nosso repouso noturno não foi dos mais tonificantes (GARDNER, 1975 p. 48).

Segundo Verger (1981), o hotel descrito no depoimento de Gardner era sem dúvida o Hotel de Figueiredo de que já falava Francisco da Silva, comentando que

Era o único hotel digno deste nome onde se hospedavam sobretudo viajantes estrangeiros. As pessoas do interior da Província e as do Piauí ou de Minas Gerais que vinham fazer suas compras se hospedavam na cidade baixa em casas de seus fornecedores, em quartos postos por eles a disposição dos clientes nos andares superiores às lojas (VERGER, 1981, p.125).

Ainda na mesma obra, Verger (1981), comenta sobre a opinião de A Russell em 1839 sobre o Hotel “A França”, que, segundo este viajante, era muito confortável. Também cita o comentário do Conde de Suzannet, em 1847, que declarou nunca poder “habituar-se aos albergues da Bahia que são de uma sujeira repugnante” (VERGER, 1981. p.125).

Dando seguimento às descrições dos estrangeiros, Verger cita o Hotel Império, descrito pelo príncipe Paul Alexandre como uma

casa ampla e bem administrada”. Na mesma época, meados do século XIX, este autor comenta sobre dois estabelecimentos franceses, o Hotel de Paris e o Hotel Francês que se instalaram “frente a frente, na praça do Teatro São João no ângulo da

subida em direção à Igreja de São Bento. São em realidade restaurantes onde se serve ragus, fricassês e outros pratos finos à moda francesa. Um deles anuncia no Correio Mercantil em 1846, que entre outras delícias, 'servirá na quarta-feira próxima, sopa de tartaruga'. Esta comunicação redigida em português é seguida de uma tradução em inglês na intenção de seus clientes britânicos, mas o curto texto deste anúncio é salpicado de erros de ortografia (VERGER, 1981, p. 125).

Mais uma vez percebe-se pelos relatos acima, a agitação da vida estrangeira em Salvador e a presença dos primeiros estabelecimentos hoteleiros com alguma infra-estrutura, muitos deles de proprietários estrangeiros que se estabeleceram nesta cidade, percebendo a possibilidade de negócios no ramo da hotelaria. Ainda com base nesses relatos, destaca-se a presença dos franceses no segmento da prestação de serviços. Também percebe-se o grande fluxo, guardadas as devidas proporções para a época, de clientes britânicos, muitos deles comerciantes e empreendedores.

No Almanaque para o ano de 1845, encontrou-se uma lista com oito "Casas de Pasto e Hospedarias", sendo uma delas o Hotel do Universo de João Baptista de Figueiredo, ao Largo do Theatro: "Nesta casa se hospedão as principais pessoas que aportão à esta cidade". (Almanach para o Anno de 1845, p. 239).

Registros de estabelecimentos hoteleiros encontrados na obra de Verger (1981), referida anteriormente, no capítulo em que trata dos hotéis, albergues, restaurantes e bares referem-se ao ano de 1855 e cita o Hotel Aliança, propriedade de João Pereira de Castro, na praça de São Bento. É interessante o anúncio reproduzido no texto, sobre os serviços oferecidos naquele estabelecimento, pois revela mais uma vez a tendência para prestar serviços de melhor qualidade aos seus clientes, provavelmente como resposta à concorrência no ramo. O anúncio refere-se aos serviços oferecidos pelo hoteleiro e informa o seguinte:

que ele prepara marmitas de substância e geléia de mocotó para aqueles que sofrem de fraqueza; todas as manhãs ele tem mingaus de diversas qualidades e à noite ele serve um bom café com leite e biscoitos (VERGER, 1981, p. 126).

Em 1860, Maximiliano de Habsburgo comentou sobre alguns hotéis da época, situados no centro da cidade, e comenta sobre a experiência de seu grupo num estabelecimento hoteleiro do centro da cidade, dizendo o seguinte:

Era compreensível que o nosso grupo, do ponto de vista culinário, estivesse furioso com aquilo que foi chamado de hotel. [...] Espumando de raiva, deixamos o hotel onde, neste grande centro comercial, nenhum indivíduo falava francês, inglês, alemão ou italiano. Conciliatória e ingênua, porém, foi a boa-vontade de um dos garçons rudes, que nos balbuciou o nome de um hotel melhor, onde, também, se falavam outros idiomas (HABSBURGO, 1982, p.90, 91).

O depoimento acima revela a intensa efervescência comercial na “atmosfera” da cidade de Salvador, quando o depoente se refere a “este grande centro comercial”, onde certamente já se fazia sentir a falta de estabelecimentos hoteleiros com melhor infra-estrutura de apoio aos visitantes de toda a ordem.

Dando continuidade ao seu depoimento Maximiliano de Habsburgo fez comentários sobre o Hotel Février,

que possui uma fachada bastante insignificante, dando para a Praça do Teatro e um letreiro que chama muito pouco a atenção. Mas, aqui, estávamos no seio de Abraão: água gelada deliciosa, as frutas mais maravilhosas e, nas refeições que se preparavam, os pratos mais saborosos, adequados ao clima, através de grandes quantidades de condimentos. Tudo preparado de forma convidativa, um serviço cortês e fino, moldes europeus e, sobretudo, duas grandes figuras: o dono do hotel, um velho e original francês da gema, um autêntico veterano republicano, com barba branca de capuchinho, o pequeno cachimbo de barro na boca tagarela e o insuperável Henry, o primeiro e único Garçon que, como outrora Philadelphia, entrava simultaneamente por todas as portas, servia ao mesmo tempo em toda a parte e não faltava em lugar nenhum (HABSBURGO, 1982, p.91).

Pelo relato acima, como já mencionado anteriormente, percebe-se a presença da figura estrangeira dos mais diversos estratos da sociedade européia, que transitavam e trabalhavam na cidade de Salvador e que, por sua vez, necessitavam de um equipamento de apoio, que atendesse às necessidades básicas elementares de hospitalidade em terra estrangeira.

Analisando a Cidade Alta por partes, Vasconcelos (2002, p.242), em obra que aborda as transformações e permanências, sob a perspectiva dos agentes atuantes na geografia urbana de Salvador entre 1549 a 1999, comenta o príncipe Maximiliano de Habsburgo que em relato de 1860, considerou a Praça do Teatro “surpreendente”, descrevendo também um “enorme prédio com cafés, hospedarias e lojas”. Certamente o mesmo local referenciado anteriormente, quando se relatou o depoimento deste mesmo príncipe sobre um hotel num grande centro comercial na área da atual Praça Castro Alves.

Além da referência acima, Vasconcelos (2002, p.239), comenta uma fotografia de 1860, onde aparece o Mercado de Santa Bárbara, em frente ao Hotel das Nações. Essa mesma foto, com data de 1890 aparece na matéria especial sobre os 450 anos de Salvador, do Jornal “A TARDE”, de 29/03/1999, onde aparece o mercado e o hotel supracitado – **Figura 5**.

Figura 5: Hotel das Nações atrás do mercado de Santa Bárbara, 1890



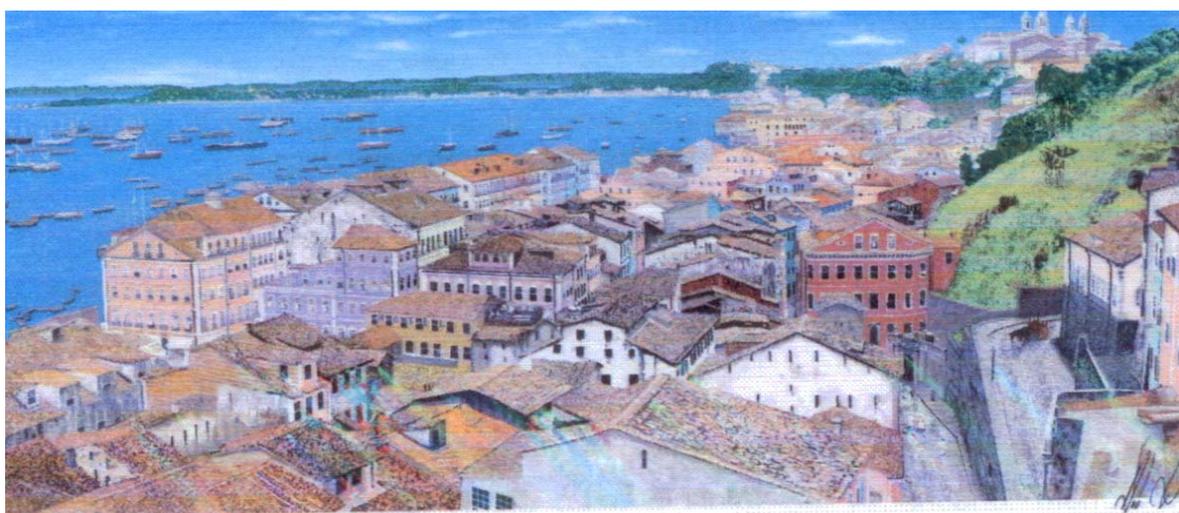
Fonte: FERREZ, 1988.

O próprio nome e localização do Hotel das Nações revelam dois fatos importantes da presença desse empreendimento na área onde se encontrava: primeiro, a localização próxima ao mercado e ao porto da cidade, confirmando

a relação de funcionalidade do hotel com o comércio próximo, certamente no que diz respeito à clientela ligada a vendas, exportação e importação de produtos oriundos de diversas partes do mundo. Segundo, o próprio nome do estabelecimento, que sugere a idéia da dimensão das relações da cidade do Salvador com a clientela de várias nações.

Na **Figura 6**, a seguir, uma reprodução de foto do século XIX, restaurada através de técnicas e programas de computação gráfica, se pode ter uma idéia da cidade de Salvador dos finais do século XIX, onde se percebe a presença do Hotel das Nações inserido no belo conjunto patrimonial arquitetônico da época.

Figura 6 : Foto reconstituída da Cidade Baixa no século XIX



Fonte: Prospecto da exposição *“RETRATOS DE UM TEMPO”* exibida no Museu de Arte Moderna de Salvador, março de 2006.

No detalhe da **Figura 6**, acima, percebe-se a palavra hotel, escrita entre as janelas da única casa cor mostarda, junto ao prédio cor lilás à sua esquerda. Analisando esta figura, junto ao orientador desta pesquisa, chegamos a conclusão de que, realmente, trata-se do Hotel das Nações, próximo ao antigo mercado de Santa Bárbara, o mesmo da figura 6 anteriormente descrita.

Vasconcelos (2002), nos revela pormenorizadamente o panorama de formas urbanas, resultantes de ações e influências dos segmentos públicos e privados em diferentes áreas da cidade, onde se percebe que a localização da maioria dos hotéis, nesta época (séc. XIX), tem uma íntima ligação com o setor comercial, principalmente na Cidade Baixa, como visto anteriormente.

Buscando uma visão de conjunto da cidade, através da descrição de mapas de época (séc.XIX), Vasconcelos (2002, p.236), analisando o mapa de Wilson de 1871, indica a presença do Hotel Mullem, “no Largo das Princesas, atual rua da Bélgica”. Este mesmo hotel foi listado no Almanak do Estado da Bahia de 1899.

Foi encontrada outra referência sobre a importância de alguns hotéis, dessa vez no contexto da área da antiga Rua de Baixo de São Bento, a qual é descrita da seguinte forma:

Rua de classe média que aproveitava a proximidade das ladeiras da Conceição e da Montanha para que seus moradores, chefes de família, pudessem ir para o comércio, a pé, com seus paletós de alpaca, típicos dos guarda livros e ‘primeiros caixeiros’. Rua preferida por ser residencial, e, ao mesmo tempo, próxima de todo o centro. Fazendo esquina, o Hotel Sul Americano, ponto de concentração de ‘coronéis’ da República Velha, Hotel que substituiu, em importância, o ‘Figueiredo’, onde os governos de modestos palácios e já não contando com a ostentação das fortunas particulares como fizeram nas visitas de Jerônimo Bonaparte, von Martius e tantos outros, podiam receber, para jantar, os visitantes ilustres que a pouca autonomia das viagens por mar fazia passar por aqui com frequência (TEIXEIRA, TEIXEIRA, MARCONI, 1978, p. XI – 13).

Na **Figura 7**, a seguir, se pode ter uma idéia dos serviços prestados em alguns hotéis naquela época. Neste caso o Hotel Sul Americano, mencionado anteriormente.

Figura 7: Hotel Sul Americano, últimos anos do século XIX



3
Hotel Sul Americano, fundado em 1895. "Installado com o maximo conforto, possuindo 80 aposentos mobiliados com esmero e luxo, dispo de toda a commodidade, como luz electrica, telephone, etc.; [...], com diária de \$10.000 em diante e tendo à porta bondes de todas as linhas e para todos os pontos mais lindos e pittorescos da cidade como Barra, Rio Vermelho, Graça, etc., tem o Sul Americano se imposto entre os seus congêneres, sendo procurado e preferido pelos viajantes e touristes." Em 1923, veiculado na publicação Estado da Bahia - Obra de Propaganda Geral, o hotel anuncia os seus serviços à população.

Fonte: Acervo de obras raras da Biblioteca Pública do Estado da Bahia, Almanak da Bahia

Os dizeres da propaganda sobre do Hotel Sul Americano, ao lado da foto acima, revelam toda sua importância no contexto local e regional, oferecendo condições de hospitalidade que revelavam uma boa infra-estrutura de serviços que, por sua vez, nos leva a constatar que o cotidiano de Salvador na época expressava um intenso movimento de viajantes, certamente grandes comerciantes, pessoas ligadas à política como os antigos “coronéis”, e os primeiros turistas que por aqui passavam em raras viagens de lazer. Vejamos o que diz a propaganda da época:

“Installado com máximo de conforto, possuindo 80 aposentos mobiliados com esmero e luxo, dispo de toda commodidade, com luz eléctrica, telephone; etc. ; [...], com diária de \$10.000 em diante e tendo à porta bondes de todas as linhas e para todos os pontos mais lindos pittorescos da cidade como Barra, Rio Vermelho, Graça, etc. , tem o Sul Americano se imposto entre os seus congêneres, sendo procurado e preferido pelos viajantes e touristes” (ACERVO DE OBRAS RARAS DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DA BAHIA) .

Segundo a mesma fonte, o Hotel Sul Americano foi fundado em 1895, e a propaganda acima foi veiculada em 1923, na publicação “Estado da Bahia – Obra de Propaganda Geral”. O texto revela também a importância da

localização da referido estabelecimento em relação a áreas providas de transporte público e consideradas como atrativas e pitorescas para os turistas.

Toda essa ambiência pode ser percebida na **Figura 8**, a seguir, onde se vê outra foto do Hotel Sul Americano, atualmente Edifício Sulacap.

Figura 8: Praça Castro Alves, segunda metade do século XIX, avistando-se no centro o Hotel Sulamericano e ao fundo o Mosteiro de São Bento



Fonte: Acervo da Biblioteca Pública do Estado da Bahia. Almanak da BAHIA.

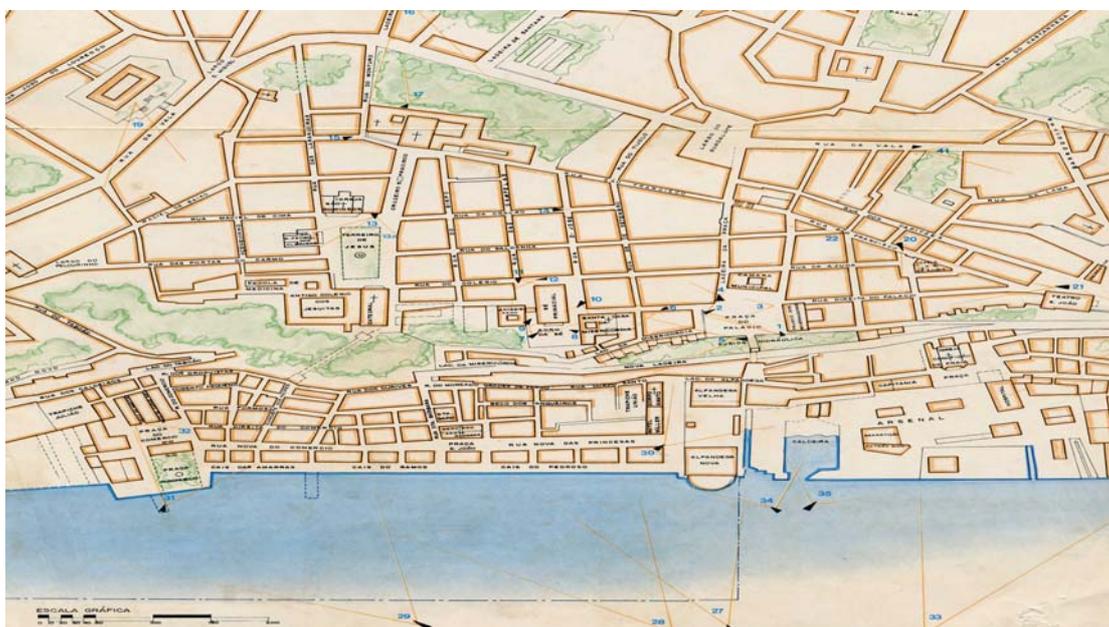
Percebe-se no século XIX uma maior presença do agente privado no setor de hospedagem em alguns pontos da cidade, desde a Vitória até a Calçada, como se pode verificar pela lista de hotéis do *Almanak do Estado da Bahia* de 1899, na página 542, que segue abaixo:

- Belleveu, Largo da Victória
- Caboclo, Rua Barão Homem de Mello
- Condor, Rua da Calçada
- Das Nações, Rua de Santa Bárbara
- Ferreira, Rua do Palácio, n 05
- Müllen, Rua das Princezas, n 1
- Oriente, Rua do Comércio
- Paris, Largo Castro Alves
- Sul – Americano, idem, idem

Encontrou-se referência do Hotel Mullen na “Planta do Centro Histórico e Circunvizinhança no Último Decênio do Século XIX”, reproduzida pelo estudo

do CEDURB (1978), **Figura 9**. Este é o único estabelecimento de hospedagem registrado na planta, embora já existisse o Hotel das Nações, anteriormente mencionado. Mesmo assim pode-se concluir seu destaque no centro comercial da Cidade Baixa, embora se tenha constatado a presença de outros grandes hotéis na Cidade Alta, especificamente na antiga praça do Teatro (atual praça Castro Alves) e ladeira de São Bento. Segue abaixo um recorte da planta supracitada:

Figura.9: Planta do Centro Histórico e Circunvizinhança no Último Decênio do Século XIX



Fonte: CEDURB, 1978.

Do hotel acima referido permanece ainda hoje o bellissimo prédio de azulejos ao lado do Mercado Modelo – **Figura 10**. O prédio foi descrito numa publicação da construtora Norberto Odebrecht de 1959 – 1960, como

[...] o mais belo edifício da praça Cairú [...], que se estende em quase toda a largura da praça, lado norte, com vinte janelas de ponta a ponta. Suas paredes revestidas de azulejos portugueses de estampilha, em branco e azul, e os arcos ogivais de suas ombreiras, fazem exemplar da adaptação do movimento romântico neo-gótico do séc. XIX ao tradicional tipo de casarão luso-baiano [...], este prédio vem logo após o Palácio da Associação Comercial, na classe das edificações civis antigas realmente notáveis da cidade baixa [...] (CONSTRUTORA NORBERTO ODEBRECHT S.A, 1959-1960).

A descrição acima revela a monumentalidade do referido prédio, demonstrando a importância do hotel para a época. Também sua localização expressa mais uma vez a função dos empreendimentos hoteleiros no período, facilitando a vida do forasteiro, comerciante, enfim, todos aqueles que se encontravam fora do seu ambiente domiciliar. Além disso, situava-se estrategicamente na zona de maior movimento de pessoas e produtos, geralmente próximos ao porto.

Figura 10: Em primeiro plano o prédio onde funcionava o Hotel Mullem desde a segunda metade do século XIX, próximo a Alfândega Nova, atual Mercado Modelo



Fonte: Foto do autor, 2006.

Encontrou-se também uma pequena lista de hotéis no *Almanak do Estado da Bahia de 1903*, que segue abaixo, dessa vez com o nome dos respectivos proprietários:

- Antônio Luiz Alves Junior (Sul Americano), Praça Castro Alves, 1
- Antônio Mendes de Moura (Hotel Aliança), Beco do Sodré, 13
- Domingos de Aguiar Mello (Hotel Oriente), Praça Castro Alves, 2
- Viúva Fonseca (Hotel Caboclo), Rua Barão Homem de Mello

No início do século XX, na “cidade alta”, a vida era também pulsante. Bocanera Júnior (1921), tece comentário bastante ilustrativo sobre o Hotel

Meridional, situado no alto da Praça Castro Alves, início da Rua Chile (figura 9), inaugurado em 23 de janeiro de 1915, dizendo o seguinte:

Um magnífico edifício, estilo moderno, propriedade do desembargador Bráulio Xavier da Silva Pereira”. Este hotel, dos principais da capital, preparado para recepções e banquetes, oferecia um dos mais belos e admiráveis panoramas da cidade, devido a sua esplêndida situação e grande altura (BOCANERA JUNIOR, 1921, p 156).

Percebe-se neste trecho da descrição do autor supracitado e pela **Figura 11** da época, a monumentalidade deste prédio na paisagem daquele trecho da cidade.

Figura: 11 Hotel Meridional



Fonte: Bocanera Junior, 1929, p. 156.

E continua afirmando que “da cúpula do edifício goza-se o espetáculo mais surpreendente, do ponto de vista das belezas naturais da nossa urbs” (BOCANERA JUNIOR, 1929, p. 156).

Percebe-se pelos relatos acima enumerados nesta seção, que os hotéis exerciam funções diferenciadas da simples hospedagem, se tornando em muitas ocasiões, local de entretenimento e de realização de eventos, freqüentados também pela sociedade local, exclusivamente os de estratos mais abastados.

Percebe-se também pelo exposto, uma expressiva presença desses hotéis na parte alta da cidade, especialmente no entorno da Praça Castro Alves desde as primeiras décadas do século XIX, posto que, além de uma localização estratégica, do ponto de vista do acesso - tanto para o porto e centro comercial da Cidade Baixa, como também para o comércio e serviços da Cidade Alta - possuíam privilegiada vista para a paisagem da Baía de Todos os Santos.

Darwin Brandão e Motta e Silva (1958), tecem comentário muito interessante sobre a presença dos meios de hospedagem na cidade e sobre a atmosfera cotidiana de Salvador:

Desembocado, o forasteiro procura um hotel e pensão. Antigamente os hotéis não causavam problemas aos caixeiros viajantes: tinham hospedagem garantida na Rua da Conceição, no Xixi do Pilar ou na Praça do Comércio, onde, nos pavimentos superiores das casas dos comerciantes, tinham garantidos mesa farta e boa dormida. Os hóspedes foram aumentando, a vida ficando difícil, exigindo hotéis. Mais recentemente na cidade Alta, existiam o Paris, o Grande Hotel, mais luxuoso, e o Hotel Sul – Americano, no início da ladeira de São Bento, com um grande salão de jantar, palco de formidáveis badernas carnavalescas. O desaparecido hotel Wagner, no Edifício de “A TARDE”, viveu banquetes de louça timbrada, encontrada atualmente por baianos, nas “biroschas” do Rio. Agora temos o Novo Cintra, que teve a glória de ser o mais alto da Bahia. Existem hoje alguns ‘ex-melhores da cidade’, o Palace Hotel e o Meridional, todos na Rua Chile. Se o visitante, entretanto, quiser se hospedar com luxo e conforto, deverá procurar, no Campo Grande, o Hotel da Bahia (BRANDÃO e SILVA, 1958, p.)

Novamente pode-se perceber, desta vez, a partir das fotos acima, a presença marcante dos hotéis na paisagem urbana no trecho da Praça Castro Alves. Segundo o historiador Cid Teixeira, o Hotel Paris e o Hotel Sul Americano disputavam a condição dos melhores da cidade nas primeiras

décadas do século XX (TEIXEIRA, 2001, p.10). Certamente competição bem disputada, com concorrentes do nível do Hotel Meridional e, posteriormente do Palace.

A constatação acima tem como base palavras de Bocanera Junior (1929), que assim descreve os prédios onde funcionavam alguns hotéis entre a Praça Castro Alves e a rua Chile:

São esses os edifícios dignos de menção, existentes na Praça Castro Alves, para a qual também olham, no extremo sul, entre outros, o Diário da Bahia – decano imprensa indígena – fundado em 1856, e do lado oriental os hotéis Sul Americano e Paris.

Da parte ocidental, goza-se, em amplitude, o grandioso panorama da nossa imensa Bahia, quase sem rival no mundo inteiro”(BOCANERA JUNIOR, 1929, p. 156).

Na **Figura 11** percebe – se, mais uma vez, que a paisagem da Praça Castro Alves era dominada por prédios monumentais para a época, onde funcionavam os hotéis mencionados acima, demonstrando a idéia de que o hotel sempre foi um equipamento fundamental de suporte no processo de desenvolvimento de centros comerciais, para onde convergiam os fluxos de mercadorias, serviços e pessoas.

Apesar da grande concentração de estabelecimentos hoteleiros no centro da cidade, outras áreas também se destacaram por possuir este tipo de serviço, como é o caso do Campo Grande e da Vitória. Pode-se afirmar que esta área é uma das localidades que também expressavam o caráter cosmopolita de Salvador, através de alguns meios de hospedagem que ali se instalaram. Na **Figura 12** abaixo, se pode ver um hotel ao fundo. Trata-se do Hotel dos Estrangeiros, citado no Almanake da Bahia, de propriedade de Ballalai Jeune. Percebe-se que se tratava de um grande sobrado, provavelmente adaptado para serviços de restaurante e hospedaria.

Figura12: Hotel dos Estrangeiros, 1875, atual esquina do Campo Grande com a Rua Araújo Pinho



Fonte: Ferrez, 1988.

Segundo Teixeira (1978), o primeiro hotel que se tem notícia entre o Campo Grande e o Largo da Vitória, além do Hotel dos Estrangeiros acima referido, situava-se ao fundo da Igreja da Vitória, “o ‘Hotel Bon Sejour’, concentração de suíços e alemães que escandalizavam uma sociedade de fraque e ‘coisé’, descendo para trabalhar de roupa de linho branco” (TEIXEIRA, TEIXEIRA, MARCONI. 1978, p. XI – 18). Este comentário nos dá uma idéia da diversidade de costumes trazidos pelos europeus que aqui se instalavam, certamente influenciando a sociedade local ou até mesmo causando espanto.

Pode-se inferir que eram nos hotéis onde primeiro chegavam as novidades vindas do mundo dito civilizado, principalmente da Europa, de onde partiam todo o tipo de viajante, com os mais diversos objetivos em terras soteropolitanas.

Ainda sobre o referido bairro, Darwin Brandão e Motta e Silva (1958), dessa vez comentando sobre a mudança de funções deste bairro, na década de 1950, afirmam que:

Hoje, porém, lentamente, como quase tudo na Bahia, os bairros de Vitória e Graça perdem a importância e prerrogativas dos bons tempos em que serviram de residência aos estrangeiros ricos e tradicionais famílias. Dia a dia, suas mansões vão sendo abandonadas e nelas se instalam pensões e casas-de-cômodo, bordadas de tabiques indiscretos. Assim, a Vitória, Graça, Ladeira da Barra e Barra Avenida, vão pouco a pouco, abrindo sucursais dos velhos sobradões do Pelourinho, que também conhecem época áurea. As vezes, no rés- do -chão, persistem remanescentes das 'tradicionais famílias', guardando ainda restos de móveis, retratos a óleo de famosos antepassados e baixelas de suculentos "rega-bofes". Enquanto nos andares superiores se instalam costureirinhas, estudantes e uma fama de adventícios (1958, p.9).

O termo rés-de-chão, acima referido, ainda hoje é utilizado em Portugal para designar os andares térreos dos edifícios de apartamentos ou de casarões antigos. Portanto, para os casarões da Vitória, isto significava os pavimentos térreos e também os porões, onde também se alugavam para grupos de estudantes.

A **Figura 13** a seguir, mostra uma das mansões deste bairro, transformada em hospedaria, confirmando a citação acima, no que se refere à mudança de função estritamente residencial daquele bairro, passando a utilizar seus casarões como meios de hospedagem.

Figura 13: Pensão Jansen, no Corredor da Vitória, primeira metade do século XX



FONTE: Acervo da Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

Santos (1959) comentou o desenvolvimento do centro da cidade de Salvador no início do século XX, contextualizou o desenvolvimento do transporte ferroviário e marítimo à ampliação do porto entre 1913 e 1928; abordou também a questão da revolução dos meios de transporte, após a chegada do automóvel em 1901 e a instalação do bonde elétrico em 1914; revelando assim as modificações do quadro urbano e o crescimento da cidade. Nesse contexto, comentou que,

Para corresponder às novas necessidades de circulação, várias ruas tiveram que ser alargadas. Pôde-se, então, construir novos edifícios, nas áreas em que se situavam os que então foram demolidos. Aparecem timidamente, os primeiros arranha-céus, sobre os aterros do porto, na cidade baixa, construídos por bancos e grandes empresas comerciais e, na cidade Alta, ao longo das mais importantes vias de circulação, com o objetivo de abrigar serviços públicos, hotéis, jornais, etc. (SANTOS, 1959, p.45).

As palavras de Santos podem ser comprovadas pela **Figura 14**, onde se visualiza a Praça Castro Alves na década de 1950, quando ainda existia o

Hotel Meridional à frente do Palace Hotel, entre os prédios do Jornal A TARDE e do Palácio dos Esportes.

Figura 14: Aspecto da Praça Castro Alves na década de 1950/60



Fonte: VERGER, 1990.

No texto de Santos foi constatado que, dentre outros serviços, a presença dos hotéis na paisagem da cidade, associada à dinâmica urbana da mesma no processo de sua evolução econômica, se materializa na construção de empreendimentos que sustentam sua operacionalidade.

Ainda segundo Santos, “em toda a cidade alta, antes de 1940, havia apenas um imóvel com 8 andares: era um hotel, na rua Chile. Nessa rua havia ainda um imóvel com 5 andares (outro hotel) [...]” (SANTOS, 1959, p.111). É possível que o hotel de oito andares a que se refere o autor seja o Palace, ainda presente nesta importante rua da cidade, e o outro, de cinco andares, poderia ser o Meridional. Fez-se esta constatação baseando-se na **Figura 15**, adiante.

Segundo o Jornal A Tarde, em abril de 1940, Salvador só possuía seis hotéis, mesmo assim, com padrão abaixo dos que existiam em outras cidades tais como Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Recife (UZÊDA, 2006, p. 261).

Diante dessa informação percebe-se a precariedade da rede hoteleira daquela época, embora existissem outros meios de hospedagem, além dos hotéis, tais como pensões e casas de cômodo.

No final da década de 1940, mais precisamente em 1949, segundo o Pequeno Guia Turístico da Cidade do Salvador, esta cidade possuía sete empreendimentos, considerados como hotéis e pensões, distribuídos conforme

Tabela 1 abaixo:

Tabela 1: Hotéis da Cidade do Salvador ano 1949 (diária em cruzeiros Cr\$)

Hotéis	Endereço	Diária	Nº de quartos
Palace Hotel	Rua Chile, 20	120,00	80
Bela Vista	Praça João Pessoa, 2	50,00	47
Maia	Rua Barão de Cotegipe, 26	40,00	21
Meridional	Rua Chile, 22	80,00	85
Nova Cintra	Rua Virgílio Damásio, 1	75,00	44
Chile Hotel	Rua Chile, 7	50,00	59
Solar Sto. Antônio	Av. Araújo Pinho, 27	80,00	23

Fonte: Pequeno Guia Turístico da Cidade do Salvador 1949 in UZÊDA, 2006

Comparando o total do número de quartos disponíveis, segundo a tabela acima (359) e pelo total do número de estrangeiros que entraram na cidade em 1941, ou seja 2.294, percebe-se que, mesmo considerando que cada quarto em 1949, abrigasse duas pessoas, o que geraria um total de 718 pessoas, ainda não comportava o total de estrangeiros que aqui chegaram. Embora exista uma distância de oito anos na comparação anteriormente feita, concorda-se com Uzeda, para quem,

[...] esse número de quartos era insuficiente para a demanda, o que levava a crer que havia outras formas de abrigo para aqueles que chegavam à cidade. As pensões e as casas de cômodo não cobriam a deficiência da cidade para abrigar os seus visitantes (UZÊDA, 2006, p. 262).

O Palace Hotel merece destaque neste estudo por sua relevância no contexto urbano da época, tanto do ponto de vista social, como do simbolismo

que representaria na paisagem da área onde fora concebido, além da monumentalidade que expressava.

Figura 15: Em primeiro plano o Hotel Meridional e ao fundo o Palace Hotel na Rua Chile, década de 30, séc. XX



Fonte: VERGER, 1990.

Inaugurado a 19 de setembro de 1934, o Palace Hotel foi construído pelo comendador Bernardo Martins Catarino, embora o prédio que o abrigava já existisse desde 1929, concluída sua obra em 1934. Tornou-se um dos símbolos urbanos de Salvador, arraigado à sua vida e à atmosfera social, especialmente da alta burguesia soteropolitana, principalmente entre os anos de 1939 a 1950. Concebido para ser um local de entretenimento, funcionando como hotel cassino, casa de espetáculo, teatro de revista e restaurante de alto requinte, “era ali que os boêmios se divertiam no cassino e escutavam boa música nos salões” (Correio da Bahia de 10/08/2003). O Palace era uma espécie de monumento da época, abrigou expoentes da cultura brasileira e internacional, tais como Carmem Miranda, Grande Otelo e Orson Welles (Correio da Bahia de 10/08/2003).

Segundo Uzêda , o Palace

Era considerado o melhor ou menos pior para alguns. Independente dessas opiniões, o fato era que o Pálace Hotel, que se apelidava o Copacabana Pálace da Bahia , era o salão de recepção da cidade e, ao longo da nossa pesquisa em Jornais da cidade, podemos colher uma série de anúncios, nos quais o Pálace fazia a publicidade de seus eventos. De mestre de adivinhação a dançarinas com poucas roupas, o Pálace Hotel promoveu diversos eventos entre 1935 a 1945. Os visitantes mais ilustres da cidade ficavam no Pálace Hotel, como foi o caso do senador chileno e poeta Pablo Neruda, que veio à cidade em 29 de julho de 1945 (UZÊDA, 2006, p. 263).

Queiroz revela alguns detalhes do projeto e concepção do referido hotel:

Localizado na Rua Chile, uma das áreas mais nobres da cidade à época, o Palace Hotel foi edificado com material importado de outros países, a exemplo da louça sanitária, procedente da Inglaterra, e do cimento, oriundo da França. Seu projeto arquitetônico original previa a construção de um equipamento hoteleiro arrojado, contando cada andar não somente com quartos servidos por banheiros coletivos, mas também com uma suíte completa nos moldes atuais (QUEIROZ, 2002, p. 24).

Além de hotel, o Palace, foi um equipamento concebido para a cidade, se tornando referência no cotidiano de duas gerações de brasileiros e estrangeiros que ali trabalharam, hospedaram-se ou viveram alguns momentos de suas vidas, além de ser um marco do investimento privado no segmento da hotelaria.

Com a proibição dos jogos de azar pelo Presidente Eurico Gaspar Dutra em 1946, o Palace Hotel passou por um longo processo de decadência, agravando-se ainda mais com a concorrência do Hotel da Bahia, inaugurado em 1952 (QUEIROZ, 2002).

O Hotel da Bahia – **Figura 16**, também merece destaque por tratar-se de um empreendimento que, assim como o Palace Hotel, permanece até os nossos dias na paisagem de Salvador, assim como no imaginário e na memória de algumas gerações de soteropolitanos. Além disso, este hotel foi um marco no processo de intervenção estatal na área da hotelaria.

Inaugurado por iniciativa do Governo Estadual nos anos 50 e, posteriormente, em 1963, transferido, mediante contrato de arrendamento, para a Companhia Tropical de Hotéis, subsidiária do Grupo VARIG, que em 1975 assumiu o controle acionário e passou a administrá-lo definitivamente, o Hotel da Bahia continua sendo uma referência importante dos meios de hospedagem de grande porte na área onde se instalou (QUEIROZ, 2002, p.74).

Figura 16: Hotel da Bahia. Prédio no centro da foto, junto ao Forte de São Pedro à direita, fotografia aérea de 08/04/1985



Fonte: Fotorama do Brasil Ltda, 1985

Para Queiroz (2002), desde os anos 50 do século XX já existia uma preocupação do Estado com a questão do turismo e com todo o processo a ele associado. Ou seja, criar infra – estruturas de acesso, transporte, de receptivo e de prestação de serviços de maneira geral.

Percebe-se também que já havia uma preocupação com a questão do patrimônio ambiental urbano, no sentido de preservar a memória arquitetônica colonial barroca de Salvador, como um dos atrativos turísticos da cidade.

Segundo pesquisa de Queiroz ,

[...] a intenção de inserir a atividade turística no planejamento estadual e de preservar o patrimônio natural e histórico de Salvador vem da época do Enigma Baiano, nos anos 50, quando se formulou uma primeira proposta industrial para a Bahia, sendo, portanto, anterior ao PLANDERB, elaborado em 1959 (QUEIROZ,2002, p. 93).

A Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), criada em 1959 pelo governo federal, para fomentar uma política de estímulos fiscais, foi uma das grandes deliberações dos planos de governo da época, gerando grandes empreendimentos industriais na região.

Segundo Queiroz,

Dentre os avanços do turismo em meados dos anos 50, tem-se também que registrar a construção de novos hotéis no núcleo outrora considerado como o centro da cidade do Salvador. Edificados em sua maioria por imigrantes oriundos da Galícia, norte da Espanha, sobretudo da Província de Pontevedra, esses hotéis localizavam-se em áreas consideradas nobres, como a Avenida Sete de Setembro e o Largo Dois de Julho, casos dos hotéis Imperial e Democrata, ambos de propriedade do Espanhol Jorge Amador Gayoso, residente na capital baiana a partir de 1953 e empreendedor desde 1957 (Nascimento, apud. QUEIROZ, 2002, p.49).

Pelo exposto até aqui, pode-se perceber que, desde as primeiras décadas do século XIX até finais dos anos 50 do século XX, a produção e organização espacial da hotelaria na cidade do Salvador encontrava-se limitada basicamente entre as áreas da praça Castro Alves e do Largo da Vitória, destacando-se a primeira pela proximidade do porto, da concentração do comércio e dos serviços e também pelo atrativo de sua bela paisagem, debruçada sobre a Baía de Todos os Santos. Constata-se, portanto, que a localização dos estabelecimentos de hospedagem indicados na **Figura 17**, a seguir, segue uma lógica intimamente relacionada à centralidade da vida econômica e política da cidade.

Outro dado constatado é o fato de o nome dos estabelecimentos revelarem, de alguma forma, a internacionalização da vida cotidiana de Salvador ao longo dos diversos períodos históricos pesquisados. Nomes como *Hotel Universo*, *Hotel A França*, *Hotel de Paris*, *Hotel das Nações*, *Hotel Oriente*, *Hotel Sul Americano*, *Hotel Meridional*, *Hotel Palace*, *Grande Hotel* e

Hotel da Bahia, sugerem uma Salvador importante do ponto de vista de suas relações internacionais e regionais.

Também não se pode esquecer que alguns destes hotéis tornaram-se ícones na paisagem urbana e na vida cotidiana da cidade - como foi o caso do Palace Hotel, do Hotel da Bahia, do Meridional e do Sul Americano, dentre outros - não apenas por exercerem a função de hospitalidade propriamente dita, mas também por se tornarem um espaço de convívio, proporcionando a formação de vínculos sociais e políticos (CYPRIANO, 1996), assim como melhores condições de hospedagem, à medida que iam evoluindo na prestação dos serviços, agregando eventos festivos e políticos, num processo evolutivo que viria culminar atualmente nos grandes estabelecimentos voltados para o turismo de lazer, negócios e convenções.



nalizando a distribuição dos meios de hospedagem, no período até aqui estudado, através do mapa acima, **Figura 17**, percebe-se que a presença dos estabelecimentos estendia-se ao longo da costa da Baía de Todos os Santos, notadamente nos pontos de maior concentração comercial. A orla atlântica ainda estava completamente desprovida desse tipo de estabelecimento quando, a partir dos anos 70 do século XX, viriam aparecer os primeiros hotéis de grande porte naquela área.

Buscou-se, portanto, neste capítulo, associar o papel da hotelaria no contexto urbano desta cidade ao seu caráter cosmopolita e conhecer suas funções numa perspectiva mais ampla, paralelo à conjuntura em que a cidade estava inserida, caracterizando assim a importância e presença deste setor no seu contexto urbano, configurado em sua paisagem.

Na próxima seção buscar-se-á analisar a evolução histórica e espacial da hotelaria, no período entre 1960 a 2005, analisando a dinâmica deste setor em seu espaço urbano, assim como os fatores e os agentes envolvidos no processo de sua produção e organização espacial.

3.2 - EVOLUÇÃO QUANTITATIVA E ESPACIAL A PARTIR DE 1960

A década de 1960 é um marco importante para o turismo brasileiro e, conseqüentemente, para todas as atividades correlatas a este fenômeno, como é o caso da hotelaria, por se tratar de um período em que foram concluídos alguns objetivos do projeto de maior integração nacional, almejado desde a década de 1950 para o território nacional. Este processo teve conseqüências intensas para o turismo no Estado da Bahia, assim como para sua capital, Salvador, pois a partir daí várias intervenções nos diversos níveis políticos/administrativos resultariam, dentre outros aspectos, na formação de uma rede hoteleira de grande porte, a partir dos anos de 1970, notadamente na orla atlântica desta cidade.

Para compreender o contexto dos anos 60 do século XX, reporta-se aos anos imediatamente posteriores à Segunda Guerra Mundial, necessário ao entendimento do contexto econômico mundial e das conseqüências desse processo para Salvador.

Santos (1999) afirma que na vida das cidades há momentos decisivos. No caso de Salvador esse momento pode ser estabelecido nos anos imediatos a Segunda Guerra Mundial, nos quais “coincidem mudanças fundamentais no panorama internacional, na vida brasileira, na economia do Estado e na cidade” (SANTOS, 1999, p. 1). Portanto, um novo momento revelador de uma outra dinâmica de relações socioeconômicas e políticas, para atender novas demandas de mercado em escala muito mais fluida, no sentido da possibilidade de intercâmbio internacional e nacional de pessoas e mercadoria, atendendo a uma outra dimensão da divisão social e territorial do trabalho.

A fase do pós-guerra é de fundamental importância para o processo de reconstituição da economia, através do incremento de novas atividades relacionadas à prestação de serviços, ao comércio e ao turismo, pois daí se daria início a uma nova fase do capitalismo mundial, que influenciaria de forma decisiva a economia e, conseqüentemente, a vida política e social dos povos e das cidades inseridas nesse processo. “Salvador não ficaria de fora e passa por uma fase de transição que duraria 25 anos até inaugurar uma nova fase de seu crescimento” (SANTOS, 1999, p. 1).

Ainda segundo o autor supracitado,

entre 1945 e 1970, quando desenvolve-se no Estado a agricultura, melhora-se os transportes e as comunicações, explora-se o petróleo, assentam-se, com o planejamento, as bases para a industrialização e, junto à expansão da informação e do consumo, crescem as cidades e a vida de relações. É nesse contexto que a cidade se expande, dessa vez de maneira explosiva e vertiginosa (SANTOS, 1999, p. 1).

Políticas em nível federal foram implantadas a partir dos anos 50. Segundo Queiroz,

Essas políticas foram traçadas pelo Governo Central no Plano de Metas, elaborado na segunda metade dos anos 50, no Programa de Ação Econômica do Governo (PAEG), de 1964/66, e no II Plano Nacional de Desenvolvimento, de 1975/1979 (II PND) (QUEIROZ, 1998, p. 134).

Dois grandes projetos de concentração industrial tiveram suas bases fundamentadas nos programas acima referidos, associados à indústria petrolífera, siderúrgica e metalúrgica que nos anos 50 se implantaram na região do entorno imediato da capital baiana, principalmente após a instalação da refinaria de petróleo Landulpho Alves, no final da década de 1940, no município de São Francisco do Conde, Recôncavo baiano.

Dentre as ações que foram executadas para o processo de maior integração nacional das regiões do Estado da Bahia e de sua capital ao restante do país, pode-se citar a pavimentação e posterior asfaltamento da BR 324 e BR 116 (Rio-Bahia) no ano de 1963; a inauguração da BR-242 em 1968, ligando Salvador a Brasília; a conclusão da BR-101, na década de 1970 e a abertura, melhorias, correção e revestimento de estradas federais, estaduais e municipais, intervenções importantes na concretização dessas estratégias de políticas econômicas planejadas para o país, que repercutiram na acessibilidade para Salvador e outros destinos do Nordeste (Queiroz, 2002).

Projetos industriais se tornariam realidade no decorrer dos anos 60 e 70 do século XX como conseqüência dos fatores infra-estruturais mencionados anteriormente. Foram eles: o Centro Industrial de Aratu (1967) e o Pólo Petroquímico de Camaçari (1978), ambos situados na área onde em 1973 seria implantada a região metropolitana de Salvador.

Tal política, aplicada à Bahia, ajudou a transformar sua capital em centro dinâmico de uma área metropolitana em constituição, onde se polarizou fluxos econômicos oriundos da industrialização. Como conseqüência deste fato, se implantava no território infra-estruturas necessárias para uma nova organização espacial que surgiria no período.

A cidade de Salvador, a partir dos anos 60, concentra em seu entorno parcelas significativas de unidades industriais. Tornou-se o principal núcleo de prestação de serviços, de todos os tipos – comerciais, administrativos, médico-

hospitalares, culturais, técnicos, recreativos – e, ainda, o principal lugar de residência da população industrialmente ocupada em toda essa área (BAHIA, 1974, p.22).

Sampaio (1999) ratifica a informação acima citada, inferindo sobre o contexto daquele momento que

a grande “cidade industrial” do CIA, a rigor materializava, em termos do urbano, uma estratégia econômica elaborada pelo PLANDEB, concluído em 1959, radicalizada pelo CPE depois, numa matriz denominada “desconcentração concentrada”. Isto se expressa no marco urbano como uma política de concentrar a industrialização moderna fora da cidade de Salvador, nos municípios periféricos, reservando à capital um papel mais ligado ao terciário, ao quaternário, ao turismo, etc. (SAMPAIO, 1999, p. 90).

Ao contexto acima referido junte-se a evolução do sistema aéreo-portuário que também se desenvolveu, paulatinamente, nesse período, para atender a novos fluxos de mercadorias e pessoas, inclusive utilizando aviões à jato, que passariam a ser introduzidos na aviação comercial brasileira entre as décadas de 60 e 70 do século XX.

Segundo Queiroz (2002), esse processo contribuiu

[...] fortemente para o turismo baiano, sobretudo em áreas litorâneas beneficiadas pela implantação do novo tronco viário. Entretanto, para viabilizar o processo de integração produtiva nacional, expandindo a produção para áreas não incorporadas ou parcialmente incorporadas ao modelo de desenvolvimento nacional, o Governo Central procurou implementar, por meio de políticas, um conjunto de estratégias que extrapolavam a questão da acessibilidade. Assim foram feitos investimentos em comunicações, o que possibilitou uma maior integração inter-regional; concederam-se incentivos fiscais, que buscaram orientar as novas intervenções privadas para o aproveitamento de vantagens comparativas associadas à disponibilidade de recursos naturais, e criaram-se agências federais destinadas a fomentar o desenvolvimento fora da região Sudeste e investiu-se diretamente nessas áreas por intermédio das empresas estatais (QUEIROZ, 2002, p. 71, 72).

Nesse sentido, cresce a importância da capital baiana no cenário econômico regional e nacional, passando a ter visibilidade também para os investimentos no setor de turismo, com importantes reflexos na produção e

organização do espaço da hotelaria, onde o Estado aparece como importante agente na implantação e fomento desse setor, especialmente os grandes hotéis de cadeia nacional e internacional, estabelecidos posteriormente, nos anos de 1970.

Segundo Sampaio (1999),

sem a mão forte do Estado, é mesmo impossível explicar a industrialização baiana mais recente, e, conseqüentemente, sem a dimensão econômica articulada aos interesses de capitais nacionais e internacionais, é impensável a contribuição da “especificidade” baiana ao chamado “milagre brasileiro” (SAMPAIO, 1999, p. 100).

Sob esta perspectiva de investimentos estatais, segundo matéria da revista “Tendência” (1978),

[...] quando o Sistema Nacional de Turismo foi criado, em 1966, era permitida a retenção do Imposto de Renda de até 50% para aplicação na melhoria operacional do setor hoteleiro e de até 100%, num prazo de dez anos, para os novos hotéis, além de ser permitido escolher onde o IR seria aplicado. A filosofia do setor era estimular qualquer empreendimento, em particular hotéis de alto luxo, que se multiplicaram na Bahia e no Rio de Janeiro (VIANA, et all, 1978, p. 54).

Em entrevista realizada com a Sra. Conceição Serravale, Coordenadora Técnica da Regional de Qualificação de Serviços Turísticos - órgão da BAHIATURSA que tem a delegação do Ministério do Turismo para desenvolver no estado da Bahia todas as ações do governo federal no que se refere ao controle de qualidade do produto turístico - constatou-se a efetiva ação do governo no que se refere aos incentivos na construção de hotéis na cidade de Salvador.

Segundo Serravale, a partir de 1966, com o Decreto Federal n. 55, citado anteriormente, surgiram grandes possibilidades de financiamentos para a hotelaria. É a partir daí que são realizados os grandes investimentos, através de linhas de crédito para a hotelaria, havendo um incremento muito grande no setor em Salvador.

Segundo a entrevistada, foi nesse período que surgiram os grandes hotéis da orla marítima tais como o Marazul, Salvador Praia Hotel, Othon, Meridien e o Grande Hotel da Barra, dentre outros. Serravale acredita que eram concedidos dez anos de carência para o início do pagamento dos financiamentos, fato que estimulou bastante os empresários de outras áreas a investirem na hotelaria, além de abatimentos no imposto de renda.

Foi então criada a Bahiatur, na época denominada de “Hotéis de Turismo do Estado da Bahia S.A”, empresa implantada pelo governo estadual, através da Lei Estadual 2.563, de 28/08/1968, “com o propósito de construir e estimular a construção ou adaptação de hotéis, motéis e pousadas de interesse turístico” (QUEIROZ, 2002, p. 95).

Na mesma entrevista Serravale afirma que antes do decreto anteriormente referido, só existia o Hotel da Bahia, como referência de padrão mais elevado no conjunto dos hotéis da cidade, mesmo assim em condições bem mais simples em relação àqueles que surgiram na década de 1970.

Desde 1969, três anos após a criação do Conselho Nacional de Turismo e da Embratur, “quando o Brasil vivia os primeiros anos do chamado *milagre econômico*, a política oficial se caracterizava pelo esforço de crescimento a qualquer custo” (VIANA, et al, 1978, p. 53). Assim vieram os maiores projetos do setor hoteleiro, “como o da cadeia Othon, considerada a maior do país e uma das cem maiores do mundo, que, em 1970, elaborou um plano para duplicar sua capacidade, com investimentos de Cr\$ 700 milhões” (VIANA, et al, 1978, p. 53).

Serravale acredita que a área de Ondina, por exemplo, foi priorizada pelos grandes investidores do setor privado, através de facilidades concedidas pelo Estado, por ser uma área muito interessante do ponto de vista da localização para implantação de hotéis, visto que era próximo ao centro da cidade e das praias da Barra, que na época eram as que tinham acesso mais facilitado. Segundo ela, as condições de acesso e transportes para a Pituba ou mesmo Amaralina, na mesma época, ainda não eram viáveis para a implantação de grandes equipamentos hoteleiros. O Meridien, por exemplo, foi uma grande exceção, um marco no bairro do Rio Vermelho.

Apesar de toda essa atmosfera empreendedora, vista anteriormente, na década de 1960 a cidade de Salvador possuía ínfima quantidade de hotéis, dos quais apenas alguns se destacavam no cenário nacional, a exemplo do Palace Hotel e do Hotel da Bahia – **Figuras 15 e 16** - mencionados anteriormente.

Dez anos após vultosos investimentos por parte do governo federal na indústria hoteleira, ou seja, entre 1968 e 1978, grande parte do setor passava por problemas, relacionados à nova realidade do país, que se ressentia economicamente de questões de ordem global, como a crise do petróleo, arrefecendo sua economia. No entanto, o setor hoteleiro se preparava para “ingressar na era do turismo de massa, como anuncia a Embratur” (VIANA, et all, 1978, p. 52).

No mapa turístico abaixo, **Figura 18**, incluído num encarte elaborado no final da década de 60 do século XX, os pontos em negrito, são alguns dos principais hotéis da época, que figuravam neste modelo de informe publicitário turístico. Foram então referenciados os seguintes hotéis: Grande Hotel da Barra, Hotel Plaza, Hotel da Bahia, Hotel Oxumaré, Hotel Xangô, Hotel Oxalá, Themis Hotel, Palace Hotel, Hotel Guanabara, Hotel Colonial, Hotel Mira Mar, Hotel Caramuru, Hotel Paraíso, Hotel São Bento, Hotel Palácio, Hotel Piatã e Hotel Chile.

A maioria dos hotéis citados e referenciados no cartograma abaixo desapareceram da paisagem da cidade. Muitos dos prédios em que esses estabelecimentos funcionaram foram demolidos ou mudaram de função.

Figura 18: Turismo na Cidade do Salvador no final da década de 1960

Fonte: QUEIROZ, 2002 – Anexo E

Pela **Tabela 2** abaixo se pode ter uma idéia da ação do Governo Federal no que tange aos incentivos para o turismo no nordeste entre 1968 e 1980.

Tabela 2 : Incentivos Fiscais para Turismo no Nordeste (Cr\$ 1.000,00) – 1968-80

ANOS	PIB 8%	INCENTIVOS FISCAIS (Cr\$ 1,00)	INCENTIVOS FISCAIS (Valor Convertido US\$)**	ESTIMATIVA PARA TURISMO	
				N.os Absolutos	Acumulados
1968	100.324,60	722,60	212,52	-	-
1969	132.050,30	1.111,40	273,07	3,80	3,80
1970	142.614,30	1.421,10	309,60	4,90	8,70
1971	154.023,50	1.541,50	291,39	3,71	12,41
1972	166.345,30	1.671,60	281,88	4,06	16,47
1973	179.653,00	1.812,00	295,59	4,41	20,88
1974	194.025,20	1.963,70	289,20	4,76	25,64
1975	209.547,20	2.127,60	261,69	7,40	33,04
1976	226.311,00	2.304,50	215,97	8,00	41,04
1977	244.415,90	2.495,60	176,49	8,60	49,64
1978	263.969,20	2.704,00	149,55	9,30	58,94
1979	285.086,70	2.924,90	109,05	10,10	69,04
1980	307.893,60	3.165,70	59,94	10,90	79,94

Fonte: Perspectivas de Desenvolvimento do Nordeste até 1980 – BNB – 1971

Adaptado por Luís Requião.

** Valor de conversão baseado na média anual: Banco Central do Brasil – SECRE/SUREL/DINFO.

Naquele momento o país passava a viver uma realidade que tinha duas faces: “de um lado, as pequenas e médias empresas em fase de expansão; e, de outro, os grandes complexos às voltas com dificuldades financeiras [...]” (VIANA, et. all , 1978, p.52). As dificuldades eram atribuídas a problemas que iam desde a incipiência do turismo interno e internacional no país, para garantir o retorno dos altos investimentos nos hotéis de luxo, até as oscilações da política de incentivos fiscais iniciada no final dos anos de 1960. (VIANA, et. all. 1978).

Percebe-se a partir desses dados a complexidade na busca de organização do turismo brasileiro e baiano por parte de agentes estatais e privados, a partir da consolidação de um de seus principais pilares de sustentação: o setor hoteleiro.

No caso de Salvador, especificamente, seu parque hoteleiro ainda continuava incipiente no início dos anos 60, quando foram direcionados os maiores incentivos fiscais aos grandes empreendimentos, através do Departamento de Turismo e Diversões Públicas, transformado em autarquia nos meados da década de 1960, influenciando o município, no sentido de aprovar uma nova lei de incentivos fiscais (Lei Municipal nº 1.556 de 1963), mais ampla, que contemplasse também os hotéis de menor porte (QUEIROZ, 2002, p. 74).

Ainda conforme Queiroz (2002), a lei citada anteriormente

favoreceria a instalação de novos empreendimentos e a recuperação de outros. Desse modo surgiriam o Hotel Caramuru (no Corredor da Vitória), o Hotel da Mouraria (ao lado do Hospital do Servidor Municipal) e o Hotel Salvador (rua da Ajuda) e foi restaurado o Hotel Oxumaré, ao tempo em que se projetavam o Hotel Xangô (na Pituba) e o Salvador Praia Hotel (em Ondina) (QUEIROZ, 2002, p.74).

Observa-se pelo exposto acima o início de uma perspectiva de pensamento integrado em relação às atividades correlatas ao turismo, buscando-se criar uma ambiência urbana condizente com as necessidades e anseios dos visitantes, incluindo-se, dentre outros aspectos, meios de hospedagem satisfatórios para este fim.

No caso da hotelaria, a década de 1970 é uma referência temporal importante para este setor, pois é quando acontece também grande impulso estatal, na forma de incentivos fiscais, levando à instalação de grandes empreendimentos hoteleiros de alto luxo para áreas, até então, desprovidas destes equipamentos, como é o caso da orla atlântica, principalmente entre os bairros da Barra e Rio Vermelho.

Fernando Talma S. Sampaio, na época secretário executivo do Conder, em artigo da revista “ARATU um pólo de desenvolvimento”, órgão oficial do Governo do Estado, de 1970, chamava a atenção para a preocupação do governo com o conjunto de carências, “vinculadas, sobretudo à limitação do parque receptivo, a falta de roteiros organizados e a deficiência de infra-estrutura” (SAMPAIO, 1970, p. 22). Assim, segundo a mesma matéria,

Atento a toda essa realidade e aos inúmeros problemas que ela circunscreve, o Governo do Estado, agindo através do Conselho de Desenvolvimento do Recôncavo (CONDER), em coordenação com os órgãos específicos do Estado e Município, resolve elaborar um estudo que ofereça os subsídios necessários à transformação de Salvador e sua área de influência na principal região turística do Brasil (SAMPAIO, 1970, p. 22).

Um dos pontos principais do estudo supracitado tinha como objetivo “avaliar o provável impacto turístico no desenvolvimento da região (renda social, emprego, receitas públicas, ocupação do espaço)” (SAMPAIO, 1970, p. 22). Este último, de fundamental importância para a análise nesta pesquisa. Outra preocupação, segundo o mesmo artigo, era a de “programar um complexo turístico, ampliando e aperfeiçoando o atual parque receptivo” (SAMPAIO, 1970 p. 22.). Nessa linha compreende-se a atual configuração espacial do bairro de Ondina e Rio Vermelho, citados anteriormente, onde muitos dos empreendimentos hoteleiros daquela época ali se instalaram com influência do Estado, através de incentivos fiscais.

A mesma revista oficial do Governo do Estado da Bahia citada anteriormente, no seu n. 49 de 1973, em matéria intitulada “Novos Hotéis para a Capital do Turismo”, descreve o papel do agente estatal da seguinte forma:

Tratamento prioritário destinado pelo Governo Antônio Carlos Magalhães aos problemas de implantação da infra-estrutura receptiva, na capital e ao longo das rodovias que ligam a Bahia com o Brasil: a BR 324 e a litorânea, BR 101. Para tanto dois órgãos atuam incansáveis no Estado. A BAHIATURSA, através da prestação de serviços de informação, assessoria a elaboração de consultas de viabilidade dos projetos e o DESENBANCO – Banco de Desenvolvimento do Estado, com um programa de financiamentos efetivos aos empreendimentos turísticos em geral, soma só este ano a uma verba de 18 milhões de cruzeiros. No plano federal, a EMBRATUR e a SUDENE/BNB, Portaria 170, dão apoio creditício aos projetos de grupos diversos interessados em investir na Bahia (SERRAVALLE, 1973, p.32).

Através da **Tabela 3**, a seguir, podemos ter uma idéia dos investimentos acima mencionados e dos projetos de empreendimentos hoteleiros aprovados e em análise no período referido.

Tabela 3: Projeto de Empreendimentos Turísticos Elaborados pela Bahiaturisa – 1973

NOME DO EMPREENDIMENTO	RAZÃO SOCIAL	INVESTIMENTO TOTAL PREVISTO (Cr\$ 1,00)	INVESTIMENTO TOTAL PREVISTO Valor Convertido (US\$)*	FINANCIAMENTO PLEITEADO	Nº DE APOSENTOS PREVISTOS
Hotel Meridien Bahia	Sisal Bahia Hotéis Turismo S/A	75.000.000	12.234.910	43.000.000	328
Barra Turismo Hotel	HOTUR - Hotelaria do Nordeste Ltda.	3.817.000	622.675	2.671.900	60
Praiamar Hotel	Praiamar Hotel S/A	22.200.000	3.621.533	11.100.000	178
Bahia Hilton Golf Hotel	Status - Emperendimentos Hoteleiros S/A	98.000.000	15.986.949	64.000.000	333
Hotel Lorena	Lorena Hotéis Turismo S/A	1.140.000	185.970	840.000	44
Belmar Hotel	Belmar - Hotéis Turismo S/A	2.250.000	367.047	1.200.000	48
Hotel São Francisco	Arempebe Hotel Ltda.	570.000.000	92.985.318	342.000	20
Hotel Guanabara	Di Piero & Medici Ltda	450.000	73.409	130.000	-
Conj. Turístico Pelourinho	CONTUR - Conj. Turístico do Pelourinho Ltda.	1.742.000	284.176	1.000.000	48
Motel Vela Branca	Móteis Vela Branca S/A	1.160.000	189.233	860.000	40
Motel Rosa dos Ventos	Bahia Hotéis Ltda.	400.000	62.208	24.000	13
L.R. Turismo S/A	L.R. Turismo S/A	2.700.000	440.456	1.620.000	-
Hotel Bahia do Sol	Hotel Bahia do Sol Ltda.	4.000.000	652.528	1.500.000	-

Fonte: BAHIATURSA. Coordenação Geral de Projetos.

Adaptado por Luís Requião.

* Valor de conversão baseado na média anual: Banco Central do Brasil – SECRE/SUREL/DINFO.

Através da **Tabela 4** a seguir se pode constatar o montante de recursos disponibilizados pelo Governo Federal, através da SUDENE para construção de hotéis em Salvador.

Tabela 4: Projetos de Empreendimentos Hoteleiros Aprovados e em Análise pela Sudene e Cartas-consulta para fins de Absorção de Recursos do Sistema 34/18 até 31/12/73

GRUPO EMPRESARIAL	LOCALIZAÇÃO	INVESTIMENTOS (EM Cr\$ 1.000,00)				EMPREGOS DIRETOS	APOSENTOS			
		TOTAL	TOTAL (Valor Convertido - US\$)*	LEI 55/56	DE TERCEIROS		TOTAL	SUITES	APTOS	LEITOS
I. PROJETOS APROVADOS		184.767	30.141,43	79.015	26.736	1.640	1.204	105	1.179	2.568
Bahia Othon Palace Hotel S/A	Salvador	42.000	6.851,54	21.000	-	346	301	15	286	602
Empreendimentos Hoteleiros S/A (Hotel Casa do Sol)	Salvador	11.400	1.859,70	5.700	-	69	70	-	70	140
Empresa Baiana de Hotéis Regionais S/A	F. de Santana	5.657	922,83	2.828	-	72	80	-	80	160
KONTIK S/A Hotéis e Turismo	Salvador	7.100	1.158,23	3.550	-	73	95	9	86	190
Luxor Motéis de Turismo S/A	F. de Santana	2.060	336,05	721	618	80	48	-	48	96
Luxor Motéis de Turismo S/A	V. da Conquista	2.100	342,57	741	618	74	48	-	48	96
Luxor Motéis de Turismo S/A	Salvador	7.650	1.247,96	3.575	500	229	70	-	70	140
Mandacaru Hotel S/A	F. de Santana	4.800	783,03	2.400	-	93	80	33	-	160
Salvador Praia Hotel S/A	Salvador	35.000	5.709,62	13.500	8.000	186	164	10	154	328
TEHO - Turismo Empreend. Da Bahia S/A	Salvador	67.000	10.929,85	25.000	17.000	418	328	38	290	656
II. PROJETOS EM ANÁLISE		17.200	2.805,87	7.100	-	198	201	-	92	402
Luxor Motéis de Turismo S/A (Luxor H. da Bahia)	Salvador	10.200	1.663,94	5.100	-	113	92	-	92	184
Panorama Hotéis Turismo S/A	Salvador	7.000	1.141,92	2.000	-	85	109	-	-	218
Total		201.967	32.947,30	86.115	26.736	1.838	1.485	105	1.271	2.970

Fonte: Setor de Turismo da SUDENE.

Adaptado por Luís Requião.

* Valor de conversão baseado na média anual: Banco Central do Brasil – SECRE/SUREL/DINFO.

Naquele ano de 1973, o Programa de Ampliação do Parque Hoteleiro de Salvador previa a construção de 30 novos hotéis até 1975. Em 1973 existiam 70 unidades, entre pousadas, motéis, hotéis e pensões, num total de

6.600 leitos. Aquele programa estava orçado em 500 milhões de cruzeiros, o equivalente a US\$ 81.566.068 no referido ano (SERRAVALLE, 1973, p.32).

No caso de Salvador, verifica-se a partir dos dados da matéria citada acima que o processo de intervenção estatal no projeto de expansão do turismo, através do incremento financeiro, via políticas públicas, no setor da hotelaria, viabilizaria espaços da cidade para implantação de hotéis, principalmente na orla atlântica e no centro histórico, nos anos de 1970.

Queiroz (2002) ratifica a afirmação de Serravale, através de pesquisa fundamentada em entrevistas com gestores públicos da época, confirmando a ação efetiva do Governo estadual e municipal por meio dos órgãos competentes no processo de incentivo e estímulo ao turismo e, conseqüentemente na produção e organização do espaço para hotelaria.

Ainda nos anos 1970 outros financiamentos também foram aprovados e contratados pelo Desenbanco, através do programa de apoio ao turismo para o Estado da Bahia, por bancos particulares e com recursos próprios para o parque hoteleiro de Salvador, como se pode constatar pelas três tabelas 4, vista anteriormente, e 5 e 6 que seguem adiante.

Tabela 5: Financiamentos Aprovados e Contratados pelo Desenbanco através do Programa de Apoio ao Turismo para o Estado da Bahia (Situação em 31/12/73).

GRUPO EMPRESARIAL	MONTANTE FINANCIADO (Cr\$ 1,00)	MONTANTE FINANCIADO (Valor Convertido – US\$)*	%
SALVADOR	12.043.990	1.964.762	82,63
1970	1.500.000	326.797	10,29
Empresa Leinad de Hotéis	300.000	65.359	2,06
Hotéis Turismo (BAHIATURSA)	900.000	196.078	6,17
Vila Romana Hotel	300.000	65.359	2,06
1971	330.000	62.382	2,26
Motéis Vela Branca S/A	300.000	56.710	2,06
SERVUS – Empreend. Turístico Rep. Ltda.	30.000	5.671	0,20
1972	5.936.000	1.001.012	40,73
Conjunto Turístico da Bahia	1.000.000	168.634	6,86
De Piero & Médici	141.000	23.777	0,97
Hug's Motel Ltda	245.000	41.315	1,68
Luxor Motéis de Turismo S/A.	1.550.000	261.383	10,63
SENAC – Serv. Nac. de Aprendiz. Comerc.	3.000.000	505.902	20,59
1973	4.227.990	689.721	29,35
Belmar Hotel & Turismo Ltda.	1.200.000	195.759	8,23
FRAPAMA – Hotéis e Turismo Ltda.	127.990	20.879	0,88
Hotéis Armação S/A	850.000	138.662	5,83
KONTIK S/A – Hotéis e Turismo	2.100.000	342.577	14,41
INTERIOR do ESTADO	2.532.000	413.050	17,37
1971/72	1.000.000	168.634	6,86
Luxor Motéis de Turismo S/A.	1.000.000	168.634	6,86
1973	1.532.000	249.918	10,51
Emp. Bahiana de Motéis Regionais	400.000	65.253	2,74
Motéis Vela Branca S/A	800.000	130.506	5,49
Panorama Hotéis e Turismo S/A.	332.000	54.160	2,28
Total	14.575.990	2.377.812	100,00

Fonte: Desenbanco.

Adaptado por Luís Requião.

* Valor de conversão baseado na média anual: Banco Central do Brasil – SECRE/SUREL/DINFO.

Pela **Tabela 5** acima se pode perceber que o agente econômico estatal, naquele momento, direcionava sua linha de crédito às empresas de maior porte, como a Kontic, Luxor, dentre outras. Por outro lado, os financiamentos concedidos por bancos particulares variavam mais neste sentido, como se constata na **Tabela 6** abaixo.

Tabela 6: Financiamentos Concedidos por Bancos Particulares ao Parque Hoteleiro de Salvador (Situação em 31/12/73).

ESTABELECIMENTOS	VALOR DO FINANCIAMENTO (Cr\$ 1,00)	VALOR DO FINANCIAMENTO (VALOR CONVERTIDO - US\$)*	%
Grande Hotel da Barra	500.000	81.566	1,30
Hotel Alvorada	4.000	652,5	0,01
Hotel Centro Aratu	6.000	978,8	0,02
Hotel Estoril	60.000	9.788,9	0,16
Hotel Firenze	10.000	1.631,3	0,03
Hotel Guanabara	140.000	22.838,5	0,36
Hotel Nova Esperança	15.000	2.445	0,04
Hotel Pelourinho	1.100.000	179.445	2,86
Hotel Solar da Barra	80.000	13.050	0,21
Hotel Solar da Vitória	50.000	8.157	0,13
Motel Europa	300.000	48.940	0,78
Ondina Praia Hotel	4.325.000	705.546	11,25
Pensionato Marechal Bittencourt	200.000	32.626	0,52
Pensionato Pedro Autran	100.000	16.313	0,26
Pousada Bandeira Branca	20.00	3.267	0,05
Pousada Central	3.500	570,9	0,01
Pousada Iemanjá	10.000	1.631,3	0,03
Rodoviária Hotel	5.000	815,6	0,01
Salvador Praia Hotel	31.500.000	5.138.662	81,95
Solar da Piedade	8.000	1.305	0,02
Total	38.436.500	6.270.228	100,00

Fonte: Pesquisa direta da CFT.

Adaptado por Luís Requião.

*Valor de conversão baseado na média anual: Banco Central do Brasil – SECRE/SUREL/DINFO.

Como se pode perceber pela **Tabela 6**, o agente econômico privado, através de bancos particulares, também tiveram participação efetiva na implementação de hotéis de alta categoria, assim como de pequenos

estabelecimentos, demonstrando inclusive um montante de crédito superior ao investido pelo banco oficial.

Tabela 7: Demonstrativo do Investimento Aplicado com Recursos Próprios do Parque Hoteleiro do Estado da Bahia (Situação em 31/12/73).

ESTABELECIDAMENTOS	TOTAL DO INVESTIMENTO (Cr\$ 1,00)	TOTAL DO INVESTIMENTO (VALOR CONVERTIDO – US\$)*	%
SALVADOR	2.030.560	331.250	91,04
Grande Hotel da Barra	100.000	16.313	4,48
Hotel Alameda	45.000	7.341	2,02
Hotel América	15.000	2.445	0,67
Hotel Anglo-Americano	18.000	2.936	0,81
Hotel Bom Gosto	40.000	6.525	1,79
Hotel Centro Aratu	3.000	489,3	0,13
Hotel Estoril	70.000	11.419	3,14
Hotel Firenzi	2.000	326,2	0,09
Hotel Guaciara	22.000	3.589	0,99
Hotel Internacional	13.000	2.120	0,58
Hotel Miron	30.000	4.894	1,34
Hotel Oxalá	300.000	48.940	13,45
Hotel Oxumaré	900.000	146.819	40,36
Hotel Paris	50.000	8.157	2,24
Hotel Plaza	2.500	407,8	0,11
Hotel São Bento	300.000	48.940	13,45
Hotel Universo	16.560	2.701	0,74
Pousada Granada	13.500	2.202	0,61
Themis Hotel	10.000	1.631,3	0,45
INTERIOR DO ESTADO	200.000	32.626	8,96
Grande Hotel Universo	100.000	16.313	4,48
Ledindon Hotel	100.000	16.313	4,48
Total	2.230.560	363.876	100,00

Fonte: Pesquisa direta da CFT.

Adaptado por Luís Requião.

* Valor de conversão baseado na média anual: Banco Central do Brasil – SECRE/SUREL/DINFO.

Pode-se constatar pelas tabelas acima que, apesar do montante de investimentos com recursos próprios, a interferência dos agentes econômicos oficiais e privados, através de seus bancos, foi fundamental na implantação do parque hoteleiro naquela época, pois o total investido por estes últimos é muito superior aos primeiros.

Na década de 1970, o Estado da Bahia não contava com um único hotel de categoria “cinco estrelas”. O parque hoteleiro de Salvador cresceu aproximadamente 200% entre 1971 e 1975, na faixa de estabelecimentos de 2 a 5 estrelas. Apesar deste crescimento e dos expressivos indicadores, os meios de hospedagem não cresceram no que diz respeito à diversificação de suas categorias. Isto é, houve uma preocupação excessiva na construção de hotéis para a chamada classe “A” (SANTOS, 1975, p.1).

Com base na fonte supracitada, houve um verdadeiro “boom” na construção de hotéis neste período, gerando mais de 20 mil empregos novos e com investimento de mais de 800 milhões de cruzeiros (100 milhões de dólares), influenciando de maneira expressiva na estrutura social e econômica da Bahia (SANTOS, 1975, p.1).

Localizado no bairro de Ondina, o Ondina Praia Hotel foi um eloqüente exemplo do processo acima referido. Inaugurado no ano de 1973, foi um dos primeiros contemplados pelo Programa de Ampliação do Parque Hoteleiro de Salvador. Em outubro deste mesmo ano, mais dois empreendimentos hoteleiros de categoria internacional seriam inaugurados em Salvador. O primeiro, foi o lançamento da pedra fundamental do que viria a ser o Meridien-Bahia, e o segundo, a assinatura do contrato de construção do Bahia Hilton Golf Hotel. Ainda neste mesmo ano, se encontravam em fase de construção mais 11 novos hotéis na capital, além de outros projetos como o Clube Mediteranéé, que acabava de se decidir pela Bahia para iniciar o primeiro de uma série de empreendimentos no Brasil. Em meados de 1974 seriam inaugurados o Bahia Othon Palace e o Salvador Praia Hotel (SERRAVALLE, 1973, p.34) – **Figura 19**.

Segundo relatório do Governo do Estado denominado “7 Anos que Mudaram a Bahia” de 1974,

a consolidação desse processo já não poderia ocorrer sem que a capital baiana pudesse oferecer o necessário apoio em equipamentos e serviços urbanos, em mão-de-obra e serviços auxiliares, aos núcleos industriais que se estavam implantando na periferia imediata e em seu próprio território (BAHIA, 1974, p.22).

Dentre os serviços auxiliares mencionados acima, estão os serviços de hospitalidade, incluindo-se aí os meios de hospedagem, restaurantes bares e similares. Ou seja, os estabelecimentos do setor terciário de maneira geral acompanharam o fluxo dinâmico de configuração espacial para novas áreas da cidade. Políticas públicas que resultaram na instalação de equipamentos urbanos e de infra-estruturas possibilitaram o deslocamento de vários segmentos da prestação de serviços para área onde hoje estão instalados o *Shopping Center Iguatemi*, inaugurado em 1975 e a Estação Rodoviária em 1974.

Acrescenta-se a este fato as re-configurações espaciais e de infra-estrutura urbana que este processo causou em algumas áreas da cidade, influenciando sobremaneira na sua paisagem.

Ainda sobre a questão dos incentivos estatais para a hotelaria, a Revista Tendência (1978), aborda algumas distorções que necessitavam de ser corrigidas, no sentido de ampliar os incentivos às pequenas e médias empresas, já que apenas as grandes empresas tinham sido contempladas com esta política. Ainda segundo esta mesma fonte, “[...] para se ter uma idéia da inflação de hotéis de luxo, basta dizer que em 1975 foram inaugurados três mil leitos em Salvador, o que durante dois anos contribuiu para a existência de índices de ociosidade [...]”. (VIANA, et. all.1978, p. 54).

Ao longo do litoral atlântico foram se instalando os grandes hotéis de redes nacionais e internacionais – **Figura 19** -, principalmente a partir da década de 70, como já citado. Ao mesmo tempo se expandiria o turismo de massa juntamente com o de elite.

Figura 19: Vista panorâmica da orla Atlântica, onde se destaca os grandes hotéis ali implantados entre as décadas de 1970 e 1980



Fonte: Fotorama do Brasil Ltda, 1986.

Ao lado dos hotéis de classe internacional, o Governo se empenhou em incentivar a construção de pousadas e motéis para a classe média e para os estudantes, na capital e nas cidades históricas do Recôncavo. Nos casarões do Pelourinho se instalaram alguns órgãos de apoio à atividade turística e de hospitalidade, como foi o caso do SENAC (órgão da Federação do Comércio da Bahia), centro de formação para Turismo e Hospitalidade, além de pousadas, galerias de arte, restaurantes típicos, museus, agências de turismo e de correios, teatros, área de espetáculos folclóricos e bancos (SERRAVALLE, 1973, p. 35).

Algumas localidades de Salvador refletiriam toda essa dinâmica relacionada ao incremento industrial ocorrido no Estado da Bahia, já comentado anteriormente, a partir dos anos 60 e as conseqüências deste processo influenciariam sobremaneira na dinâmica comercial e de serviços da capital, inclusive do parque hoteleiro, dinamizando novas áreas como Ondina, Barra e Vitória – **Figura 20**.

Figura 20: Salvador Praia Hotel na década de 1980, bairro de Ondina, fotografia aérea de 12/11/1986



Fonte: Fotorama do Brasil Ltda, 1986.

Queiroz (2002), contextualiza muito bem esse processo de desenvolvimento do setor industrial, associando-o ao

incremento de uma série de demandas por serviços públicos e privados, o que, por sua vez, desencadeou uma série de respostas, que resultaram, entre outros, na construção do Centro Administrativo e na expansão do corpo de funcionários do Estado; na aceleração da decadência do Centro Histórico e no surgimento de uma zona comercial e de serviços, de porte moderno, no entorno do primeiro *shopping center* de Salvador; na inauguração de uma nova estação rodoviária, nas proximidades do shopping pioneiro, favorecendo uma mais ampla circulação de pessoas e capitais em direção ao vetor norte, para onde a cidade passou a expandir-se, e, também, no próprio crescimento da hotelaria, impactada com o avanço do segmento de negócios (QUEIROZ, 2002, p. 124)

Outro fator de incremento para o setor hoteleiro, segundo a mesma autora, foi a implantação de uma infra-estrutura de equipamentos e serviços para acolher eventos técnicos, científicos e empresariais/negócios. O Centro de Convenções da Bahia foi o maior dos equipamentos até hoje implantados para este fim. A partir daí, principalmente entre 1979 e 1986, este equipamento

absorveu quase quatro milhões de pessoas nos eventos ali realizados (QUEIROZ,2002, p.124).

Não restam dúvidas que, tanto a mudança de localização e dimensão da nova estação rodoviária em 1973, quanto a implantação do Centro de Convenções da Bahia em 1979, influenciaram de maneira decisiva na instalação de novos empreendimentos hoteleiros no entorno desses novos equipamentos e, por outro lado, na decadência daqueles situados no entorno da antiga estação, no bairro das Sete Portas.

Surgiriam, por sua vez, na Praia de Armação, em torno do novo Centro de Convenções, vários empreendimentos direcionados para uma demanda específica de participantes de convenções das mais diversas categorias, tais como simpósios, fóruns, congressos, feiras e eventos ligados ao comércio e à indústria. Todos de âmbito nacional e internacional.

A hotelaria despontaria em áreas da cidade, até então completamente desprovidas deste tipo de equipamento que, através da visão empreendedora de alguns empresários, apoiados direta e indiretamente pelos agentes oficiais do governo, buscaram atender aos apelos de uma conjuntura de intenso intercâmbio de pessoas e mercadorias.

Neste sentido, Santos comenta que “Salvador se adensa e verticaliza, ao mesmo tempo em que, metrópole nacional, fortalece suas relações internas e amplia suas relações externas, incluindo o desenvolvimento do turismo nacional e internacional”. (SANTOS, 1999, p. 1). A partir deste momento, as presenças do poder público e da iniciativa privada, através dos agentes econômicos, se revelariam mais nitidamente no processo de construção da rede hoteleira, influenciando diretamente na infra-estrutura e na implantação de equipamentos urbanos nesta cidade.

Segundo a mesma fonte acima citada, que transcreve as palavras do então Presidente da BAHIATURSA, Manuel Castro, quando afirmou que em Salvador houve um aumento do número de hotéis no período de 1970 a 1975, superior a 100% na oferta de leitos. Nesta matéria, o entrevistado afirma que

a rede hoteleira do interior está sendo significativamente expandida, como a da capital, a política de incentivos à iniciativa privada provocada pelo Governo da Bahia tem carreado objetivos imediatos e positivos, e essa expansão corresponde à expressiva elevação do padrão de qualidade da hospedagem, não apenas para os novos investimentos, como para os já existentes em 1970 (SERRAVALLE, 1973, p. 35).

Antes da aprovação dos primeiros projetos hoteleiros, o país tinha apenas 202 hotéis que poderiam ser considerados de turismo, totalizando 17.383 aposentos. Em 1977, os dados da Embratur registravam aprovação de projetos para a construção de 353 novos hotéis, além de outros 544 pedidos de financiamento e planos para ampliação e melhoria operacional (VIANA, et. all, 1978, p. 53, 54).

Percebe-se pelo exposto até aqui uma verdadeira revolução nos diversos setores do turismo no Brasil e na Bahia, especialmente em sua capital, na década de 1970. Os hotéis despontariam para permanecer e, de certa forma, caracterizar a paisagem urbana de algumas localidades da cidade, tanto os de grande porte, estabelecidos na praça Castro Alves desde a década de 1930 do século XX, como também os de pequeno porte. Estes últimos, desde o século XIX, presentes no cotidiano da cidade do Salvador.

É sobre os meios de hospedagem de pequeno porte que se tratará a seguir e, posteriormente, dar-se-á continuidade à análise da distribuição espacial dos meios de hospedagem de diversas categorias até a contemporaneidade.

3.3. NOTAS SOBRE OS MEIOS DE HOSPEDAGEM DE PEQUENO PORTE

Apesar do crescente aumento dos grandes empreendimentos hoteleiros nas décadas de 1970 e 1980, a hotelaria de pequeno porte ainda resistia à especulação imobiliária, principalmente na zona da Av. 7 de Setembro, mais precisamente no Corredor da Vitória, onde se implantaram ao longo do século XX, diversos meios de hospedagem, dentre os quais pensões e hotéis de diferentes categorias.

Percebe-se uma mudança de função exclusivamente residencial em alguns bairros da cidade, para dar lugar a expansão do setor terciário que vinha se expandindo desde meados da década de 1960, incorporando-se em alguns destes os meios de hospedagem de diversas categorias. O Corredor da Vitória é um exemplo deste processo, tendo sido muitas de suas mansões transformadas para fins de hospedagem, fato que denota nesta parcela do espaço urbano, uma situação de mudança também na estrutura socioeconômica de parte da população que ali residia.

Pelo exposto até aqui é perceptível que a hotelaria, nos moldes como se instalaram na Praça Castro Alves, com grandes edifícios para este fim, até a década de 1970, não passavam do limite da Praça Dois de Julho (Campo Grande), onde estava instalado o Hotel da Bahia, inaugurado em 1952. Daí em diante, no sentido da Orla Atlântica, não existia nenhum outro hotel de porte semelhante.

Por outro lado, a hotelaria de pequeno porte, do tipo familiar, sempre presente na paisagem urbana da cidade do Salvador, teve no Corredor da Vitória um dos seus mais significativos expoentes. Ali vários empreendimentos dessa categoria se instalaram e encerraram suas atividades entre as décadas de 1960 e os primeiros anos do século XXI. Podemos citar como exemplo o Hotel Casa Grande, o Hotel Anglo Americano, o Hotel Vila Vitória, o Solar da Vitória e o Hotel Caramuru. Este último permanecendo por mais de 40 anos naquela localidade.

O Hotel Caramuru foi analisado neste item como uma referência dos meios de hospedagem de pequeno porte, para elucidar algumas informações sobre a lógica de implantação desse tipo de estabelecimento, posto que sua história se enquadra perfeitamente no universo temporal desta pesquisa.

O Hotel Caramuru funcionou no Corredor da Vitória desde novembro de 1963 até agosto de 2004, tendo inscrito oficialmente seu primeiro hóspede no livro de registros deste mesmo ano, inspecionado pela Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia, Departamento de Inspetoria de Hotéis, conforme lei 87-8-56 de 06/12/56, publicada no Diário Oficial de 12/12/56.

Estabelecimentos de pequeno e médio porte, que funcionavam em antigos casarões, localizados no centro histórico e no seu entorno, sofreram a influência da conjuntura sócio-econômica e política em que se encontrava a cidade no decurso de sua história. A especulação imobiliária a partir da modernização e revalorização do espaço do Corredor da Vitória na década de 1970, por exemplo, implicou num aumento súbito no preço do metro quadrado naquela localidade, assim como dos aluguéis daqueles imóveis. Por isso, muitos dos proprietários destes estabelecimentos não tiveram condições de manter seus negócios, entregando os imóveis a seus proprietários, que em alguns casos, venderam para grandes empresas da construção civil.

No caso do Hotel Caramuru, o prédio foi propriedade de particulares e posteriormente do Grupo Aliança da Bahia, funcionando na condição de hotel por mais de quarenta anos, com o mesmo inquilino, a pequena empresa familiar, Silva & Requião Ltda, cujo sócio – proprietário era o Sr. Deraldo Almeida da Silva.

Em entrevista realizada com o proprietário daquele estabelecimento, Sr Deraldo Almeida da Silva, 79 anos, no dia 27/04/2006, registraram-se alguns dados interessantes para esta pesquisa, no sentido da caracterização do ambiente sócio econômico da cidade ao longo da existência daquele pequeno empreendimento.

Segundo o entrevistado,

No ano de 1963, época em que o Hotel Caramuru foi criado, era uma temeridade essa atividade no Corredor da Vitória. Havia apenas o Hotel da Bahia no Campo Grande. No Corredor da Vitória, propriamente dito, havia a Casa dos Estudantes e algumas pensões: a pensão de Da. Anália, a Anglo Americana, etc.

A comunidade que freqüentava as pensões estava habituada com hospedagem completa: café da manhã, almoço e jantar. Foi um desafio criar um pequeno hotel apenas com o café matinal. O Corredor da Vitória era tranquilo, de quando em quando passava um veículo. Os moradores de então viviam em suas mansões com tranquilidade, mormente aqueles que tinham o privilégio de apreciarem o pôr do sol dentro de suas próprias casas.

O comércio crescia com a exportação de mamona em bagas (depois transformada em óleo), sisal, peles de cabra, de

carneiro e peles silvestres, couro seco e molhado, cera de carnaúba e cera de ouricuri, fumo etc.

Mamede Paes Mendonça crescia seu comércio de Super Mercados; o mercado imobiliário lançou suas vistas para o Corredor da Vitória e os então proprietários se renderam às ofertas tentadoras. A população crescia, a migração aumentava e a Estação Rodoviária não comportava mais o fluxo de visitantes e a cidade avançava para Pituba. Tinha de se encontrar uma solução a curto prazo! Eis que o Poder Público se viu obrigado a ocupar parte do bairro da Pituba parte de Brotas, nascendo assim os bairros de Iguatemi e Itaigara, os quais mudaram parcialmente a fisionomia da Cidade, dividindo-a em Nova e Histórica.

Não obstante a essa mudança, a Cidade não perdeu o seu encanto. Aliado a tudo isso, suas belas praias e sua situação topográfica, despertam a curiosidade de todos, tornando-a cidade turística por natureza (Deraldo Silva, Entrevista realizada em 27/04/2006)

Percebe-se que não havia uma lógica ou situação concreta que incentivasse os pequenos empreendedores a se estabelecer no Corredor da Vitória com este ramo de negócio, mas segundo o Sr. Deraldo, “ a abertura do hotel Caramuru foi uma aventura que deu certo”, e posteriormente inaugurou mais um outro estabelecimento – O Hotel Colonial – situado no início da Ladeira da Barra. Mais um outro empreendimento, além dos dois anteriormente citados, o Hotel Vila Vitória, foi mais um estabelecimento de propriedade do entrevistado.

Segue foto do prédio onde funcionou o Hotel Caramuru.

Figura 21: Hotel Caramuru no Corredor da Vitória, 2000

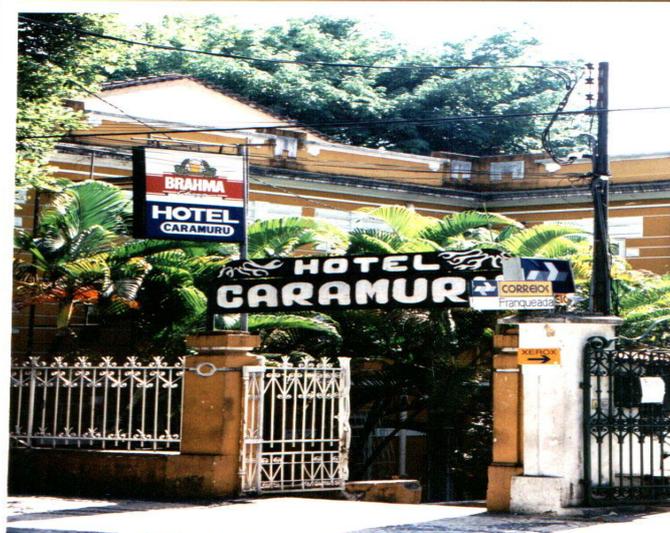


Foto do autor, 2000.

Naquele momento, década de 1970, o Estado passava a despertar maior interesse pelo patrimônio ambiental urbano de sua capital, já que isso muito influenciaria como atrativo para o turismo, que por sua vez passava a fazer parte das prioridades do poder público que, posteriormente viria a tomba grande área do centro histórico.

A renovação de algumas áreas como no caso dos bairros de Ondina e Rio Vermelho, e a revitalização de outras, incluindo-se o Centro Histórico desde a década de 1970, culminando na pesada ação da reforma no Pelourinho, no início da década de 1990, com apoio financeiro de instituições supranacionais, do Governo federal e estadual, assim como do município, determinariam a função turística destas áreas, influenciando no processo de permanência de edifícios históricos, alguns destes transformados em hotéis.

A afirmativa acima se baseia na concepção de Yázigi, para o qual “a renovação urbana pode acontecer em três situações geográficas: pontualmente, linearmente ou por zonas, concebidas por um plano explícito ou aleatoriamente, conforme o caso” (YÁZIGI, 2003, p.89). Para ele, *renovação* é a operação que exige demolição dos conjuntos originais e *revitalização* é a operação que muda a função do edifício ou do espaço urbanístico.

O prédio onde funcionou o Hotel Colonial, atualmente sede do Instituto Cultural Franco-brasileiro (Aliança Francesa), na Av. 7 de setembro, no trecho do início da Ladeira da Barra, figura (22), é um bom exemplo do processo descrito anteriormente. Ou seja, a revitalização aconteceu a partir de ação aleatória. Neste caso, a função de hotel colaborou no processo de permanência do prédio, culminando no seu tombamento pelo Instituto Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), pois o seu antigo arrendatário, Sr Deraldo Silva, era um entusiasta da arquitetura colonial e, segundo entrevista com o mesmo, foi ele quem deu o primeiro passo para o processo de tombamento, quando chamou a atenção dos técnicos competentes do órgão citado.

Figura 22: Hotel Colonial no final da década de 1970



Fonte: Foto cedida pelo Sr. Deraldo Silva, então proprietário do estabelecimento.

Considera-se que ambos os casos de renovação urbana, citados anteriormente aconteceram na cidade do Salvador, principalmente entre os anos de 1970 até os nossos dias, como veremos no próximo capítulo deste estudo.

Pelo que foi visto, as ações dos empreendedores de estabelecimentos de pequeno porte também deram importante contribuição no processo de consolidação da estrutura hoteleira da cidade, principalmente no que tange à preservação do seu patrimônio em função dos hotéis.

4. OS MEIOS DE HOSPEDAGEM NO ATUAL CENÁRIO URBANO DE SALVADOR

Neste capítulo continua-se a análise da configuração espacial dos meios de hospedagem em Salvador, identificando e caracterizando as áreas de predominância deste setor, sua influência na paisagem urbana, assim como as transformações advindas da implantação destes equipamentos em localidades antes impensadas para este tipo de empreendimento.

Buscar-se-á também analisar os fatores atuais que dinamizam o setor hoteleiro, o perfil e a tendência da hotelaria e sua influência imediata no sítio onde se encontra, levando-se em conta o arcabouço do estudo anteriormente desenvolvido.

A influência do turismo na organização urbana e a conseqüente produção do espaço dos meios de hospedagem continuarão a ser discutidos, tendo em vista que este fenômeno tem sido tratado com prioridade por diversos agentes envolvidos no processo do seu desenvolvimento, principalmente o poder público, tendo a hotelaria como precursora deste processo.

4.1 PERSPECTIVAS, TENDÊNCIAS E MAPEAMENTO

Em documento oficial veiculado pela Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia (SCT) que analisa o desempenho da atividade turística no Estado, nos anos de 1991 – 2004, para Salvador e demais pólos turísticos do Estado, os autores utilizaram como principais indicadores a taxa de ocupação e o fluxo de hóspedes dos meios de hospedagem. Isto revela o lugar de destaque e relevância que este setor continua a ter no cenário econômico, como equipamento de infra-estrutura para o turismo neste Estado, principalmente para sua capital.

A **Tabela 8** revela o montante de investimentos públicos destinados ao turismo entre 1991 e 1996 no Estado da Bahia.

Tabela 8: Investimentos Públicos no Turismo Baiano (1991/1996)

Região Turística	Valor R\$mil	(%)
Litoral	1.473.889	91,5
Macroregião de Salvador	1.077.805	66,9
Litoral Norte (Costa dos Coqueiros)	137.078	8,5
Salvador e Recôncavo (Baia de Todos os Santos)	940.727	58,4
Costa do Dendê	74.024	4,6
Costa do Cacau	164.506	10,2
Costa do Descobrimento	122.422	7,6
Costa das Baleias	55.132	3,4
Chapada Diamantina	56.668	3,5
Outras	60.986	3,8
Total	1.611.543	100,0

Fonte: CODETUR, QUEIROZ e HURST, 1997, apud QUEIROZ, 2002.

Observa-se que a Macrorregião de Salvador abarcou 66,9% do total, revelando sua primazia em relação às outras regiões turísticas, assim como o papel relevante que o setor do turismo exerce na economia do estado e de sua capital. Este processo se revela no espaço metropolitano, principalmente, na forma de infra-estruturas e equipamentos urbanos da capital.

Através dos dados da **Tabela 9** a seguir, se pode ter uma idéia das metas de crescimento anual do turismo desde 1998 até 2005, consideradas pelo governo estadual para a cidade do Salvador.

Tabela 9: Metas de Crescimento Anual do Turismo em Salvador (1998/2005)

Ano	Nº de Turistas (em mil)			Receita Gerada (US\$ milhões)		
	Fraca (2%)	Média (4%)	Forte (6%)	Fraca (2%)	Média (4%)	Forte (6%)
1998	1.430,5	1.458,5	1.486,6	495,0	504,5	514,0
1999	1.459,1	1.516,9	1.575,8	514,8	534,7	555,1
2000	1.488,3	1.577,6	1.670,3	535,3	566,8	599,5
2001	1.518,0	1.640,7	1.770,6	556,8	600,8	647,5
2002	1.548,4	1.706,3	1.876,8	579,0	636,9	699,3
2003	1.579,4	1.774,5	1.989,4	602,2	675,1	755,2
2004	1.611,0	1.845,5	2.108,8	626,3	715,6	815,6
2005	1.643,2	1.919,3	2.235,3	651,3	758,5	880,9

Fonte: Bahiatursa., 2004.

Observa-se um crescimento previsto entre os anos de 1998 e 2005 de pouco mais de duzentos mil turistas na meta considerada fraca; de aproximadamente quatrocentos e sessenta mil, na meta considerada média, e de mais de setecentos e quarenta mil na meta considerada forte.

Percebe-se pelos dados até aqui apurados um grande incremento da atividade turística como um dos grandes vetores de expansão da economia baiana. Segundo a Secretaria de Cultura e Turismo, nos municípios que revelam vocação para o turismo, a expectativa é de que essa atividade venha a se constituir na principal fonte de geração de emprego, contribuindo para atenuar as desigualdades regionais e tornar mais equilibrado o perfil de distribuição de renda no Estado (SCT, 2004).

A **Tabela 10** demonstra a evolução do número de estabelecimentos de hospedagem em Salvador desde o ano de 1980 até 1999, onde se pode perceber o acréscimo do setor hoteleiro ao longo do período, demonstrando que à medida que o Estado investe no turismo, no sentido de infra-estruturas, equipamento e mobiliário urbano, como visto anteriormente, cresce o número de meios de hospedagem de todas as categorias. Evidencia-se, portanto, que o poder público continua sendo um dos agentes mais atuantes e influentes no processo de evolução deste setor na cidade. Vasconcelos confirma que no

período entre 1970 e 1999, “o Estado continuou sendo o principal agente transformador da metrópole baiana, juntamente com os agentes econômicos” (VASCONCELOS, 2002, p.345).

Tabela 10: Salvador: Estabelecimentos, Vagas, Hóspedes e Indicadores da Rede Hoteleira (1980/99).

Ano	Estabelecimentos ⁽²⁾		
	Hotéis classificados	Pensões, casas de hospedagens e hotéis não classificados	Leitos nos MHs e UHs Classificados e não Classificados
1980 ⁽¹⁾	37	109	11.027
1981	38	120	11.774
1982	36	113	11.274
1983	36	105	11.232
1984	36	130	11.325
1985	41	148	14.303
1986	42	167	14.735
1987	44	168	14.982
1988	46	141	14.420
1989	47	141	14.684
1990	47 ⁽⁴⁾	141	14.703
1991	46 ⁽⁴⁾	141	14.563
1992	43 ⁽⁴⁾	141 ⁽⁴⁾	14.118
1993	42 ⁽⁴⁾	165	18.871
1994	44 ⁽⁴⁾	177	20.995
1995	42 ⁽⁴⁾	189	21.925
1996	42	194	22.631
1997	41	201	22.682
1998 ⁽³⁾	38 ⁽⁴⁾	207 ⁽⁴⁾	22.68 ⁵⁽⁴⁾
1999 ⁽³⁾	42 ⁽⁴⁾	208 ⁽⁴⁾	22.78 ⁸⁽⁴⁾

Fonte: BAHIA TURSA.

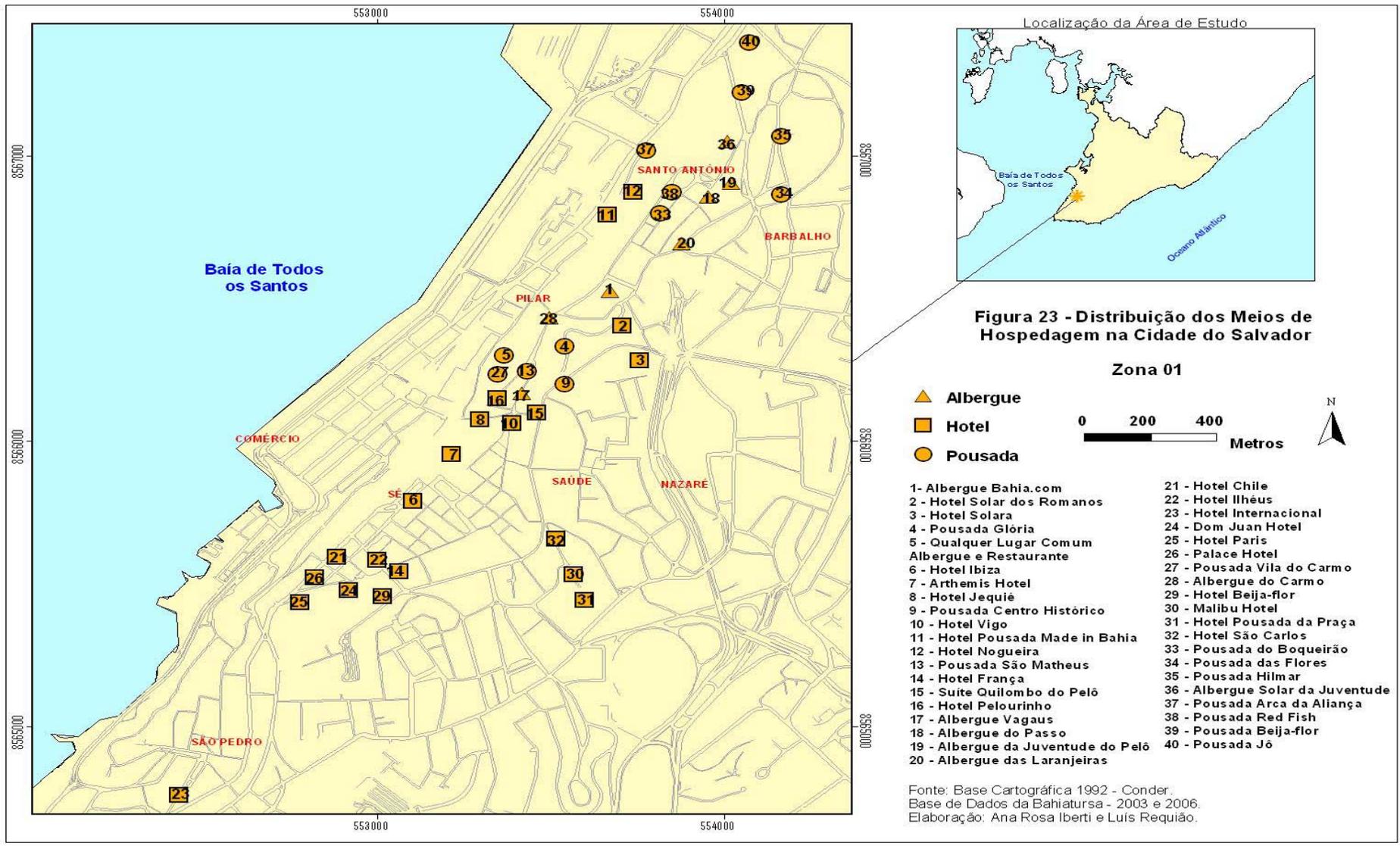
Analisando a **Tabela 10** acima se constatou que houve um crescimento de quase 100% no número de hotéis não classificados, pensões e casas de hospedagem que variou de 109 estabelecimentos em 1980, para 208 em 1999. Quanto aos hotéis classificados, que em 1980 contabilizavam 37 estabelecimentos, tiveram uma pequena oscilação, variando neste mesmo ano,

para 42 em 1999. Percebe-se, portanto, uma estagnação no número de estabelecimentos classificados, que só viria crescer a partir de 2003, com o incremento de investimentos estrangeiros, como veremos a seguir.

A SCT informa que o significativo incremento no fluxo de hóspedes internacionais em Salvador nos anos de 2003 e 2004 relaciona-se com a maturação dos investimentos estrangeiros em equipamentos hoteleiros de grande porte em toda a Bahia, de modo particular na Costa dos Coqueiros, litoral norte do Estado e também em Salvador, propiciando a expansão, quantitativa e qualitativa, da oferta de habitações na capital baiana (SCT, 2004).

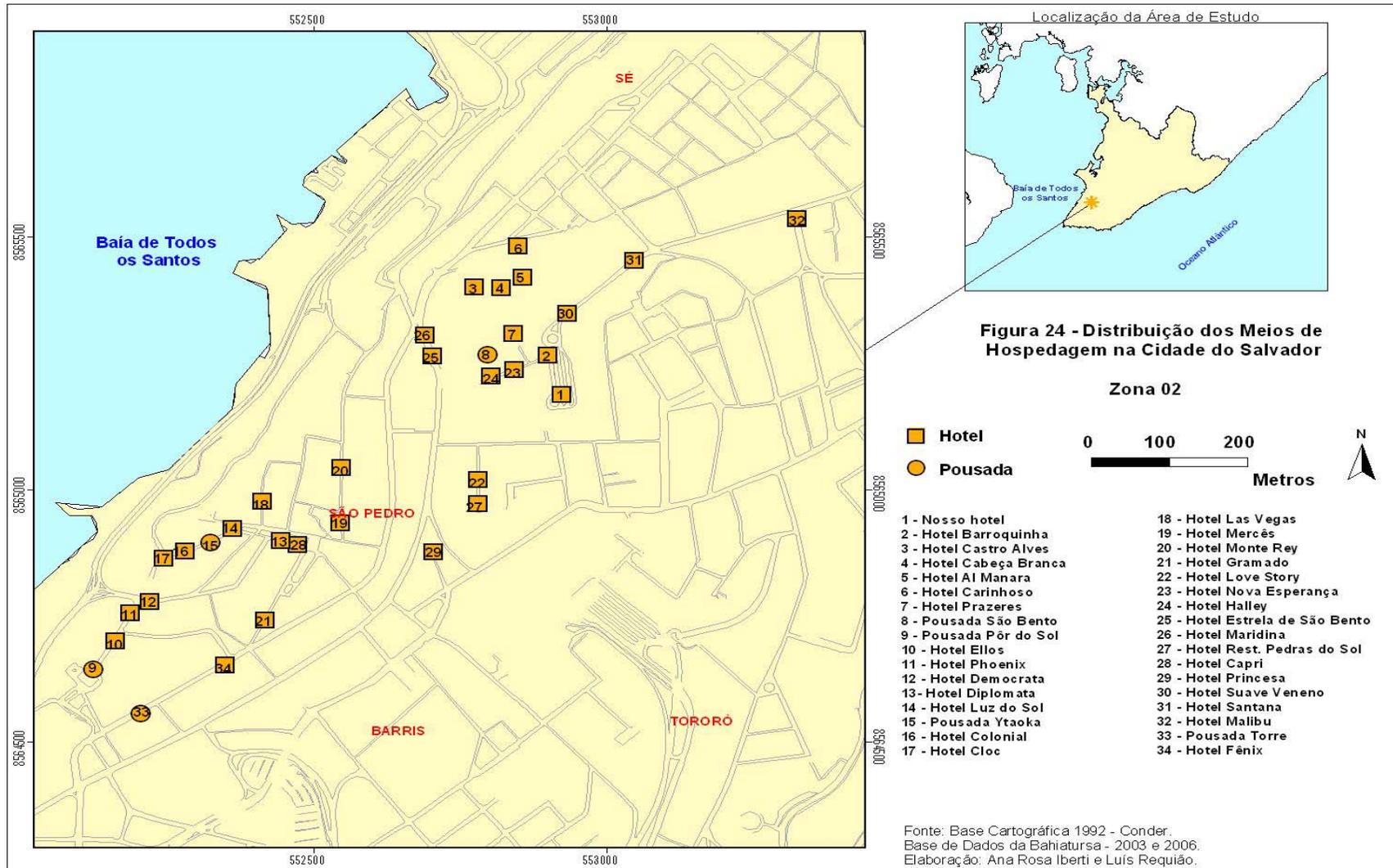
Ainda em relação à hotelaria, o documento da Secretaria de Cultura e Turismo (SCT) ressalta que a partir de 1997 foi ampliado o conceito de meios de hospedagem classificados, incorporando os estabelecimentos “assemelhados” à base de dados da hotelaria. Isto significa que além dos tradicionais hotéis de turismo, caracterizados como classificados, foram incorporados também os estabelecimentos de alta rotatividade, casas de hospedagem, pousadas, hotéis, apart. hotéis, albergues, apartamentos de temporada e até hotéis de trânsito das forças armadas. Este fato criou uma possibilidade de análise que engloba aqueles estabelecimentos que, embora tradicionais, não se incluem naquilo que a Secretaria de Cultura e Turismo considera como hotel de turismo, isto é, são estabelecimentos voltados para uma clientela não necessariamente de turistas, mas também de residentes na própria cidade.

A partir da análise dos cartogramas de distribuição dos meios de hospedagem, produzidos a partir de dados da Bahiatursa a seguir, tem-se uma idéia da espacialização destes meios de hospedagem distribuídos em dez zonas do perímetro urbano de Salvador e seus respectivos bairros, de acordo com critérios da Bahiatursa.



É importante chamar a atenção para o fato de que os critérios de zoneamento utilizados pela Bahiaturisa foram aleatórios. Isto é, a metodologia utilizada foi a visita *in locu* aos estabelecimentos, sendo estes agrupados em bairros, segundo informação dos gerentes dos estabelecimentos visitados ou do técnico entrevistador. Por isso a existência de estabelecimentos numa mesma rua, mas considerados em bairros diferentes. Por exemplo: o Hotel Jequié e o Hotel Nogueira estão situados na rua Saldanha da Gama, porém o primeiro é considerado como pertencente ao bairro da Sé e o segundo ao bairro da Ajuda.

Este fato ocorreu em todas as dez zonas estabelecidas pela Bahiaturisa, como se pode perceber adiante.



Nos mapas – **Figuras 23 e 24** - relativo à Zona 1 e 2, incluem-se os bairros do Pelourinho, Praça da Sé, Sé, Ajuda, Centro Histórico, Ladeira da Praça, Centro, Santo Antônio, Largo da Barroquinha, Barroquinha, Aflitos, Largo 2 de Julho, São Bento, Baixa dos Sapateiros e Carlos Gomes, conforme a Bahiatura, totalizando 74 estabelecimentos, entre albergues, pousadas, rotativos (hotéis de alta rotatividade), hotéis e casas de hospedagem.

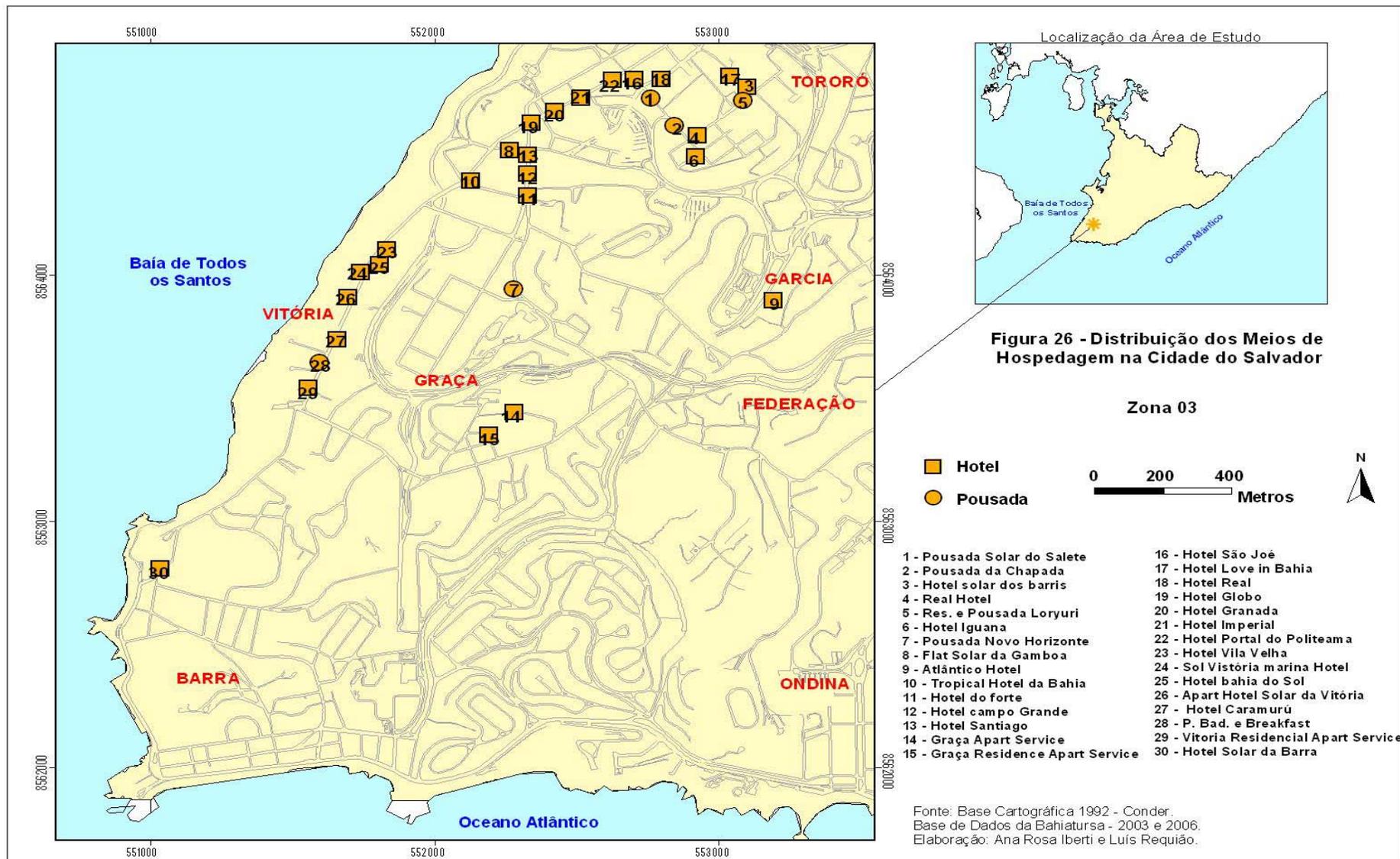
Nestas Zonas, apesar de estarem localizados alguns bairros de forte tradição turística devido ao seu patrimônio arquitetônico colonial, ainda encontram-se meios de hospedagem que não se incluem na proposta incrementada para o turismo do tipo tradicional, incentivada pelo agente estatal.

Encontra-se na zona acima referida um grande número de estabelecimentos do tipo “alta rotatividade” – **Figura 25** -, não recomendados pela Bahiatura, devido à falta de condições de segurança e demais atributos de conforto e higiene, já que há uma grande rotatividade diária de casais, que usam este tipo de estabelecimento para encontros íntimos. Só nestes dois mapas contabilizou-se 33 hotéis desta categoria. Ou seja, quase 50% do total.

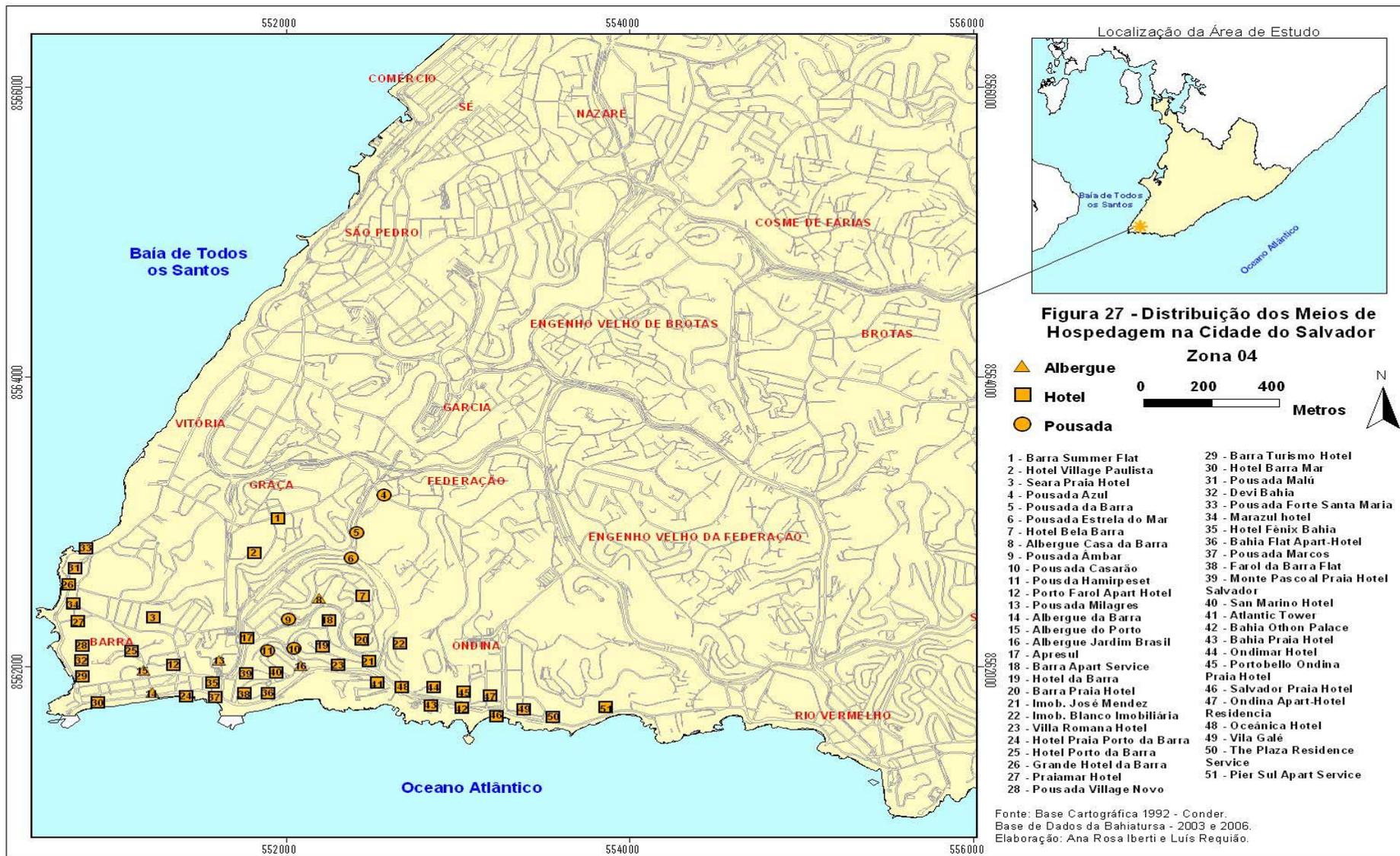
Figura 25: Hotel de alta rotatividade nas imediações do Largo 2 de Julho



Fonte: Foto do autor, 2006.



Analisando os mapas – **Figuras 26 e 27** -, percebe-se que os meios de hospedagem, considerados como hotéis, continuam a se estabelecer nos bairros onde existe melhor infra-estrutura urbana, necessárias à grandes empreendimentos do tipo 3, 4 e 5 estrelas. Alguns destes estabelecimentos estão localizados no Campo Grande, Vitória, Ladeira da Barra, Barra Avenida, Barra, Porto da Barra e Ondina.



Percebe-se que na **Figura 27** o mesmo problema de agrupamento se repete em relação aos hotéis considerados pertencentes ao bairro do Porto da Barra, que nos critérios da Conder e Prefeitura, seriam pertencentes ao subdistrito da Barra. Buscou-se resolver esta questão através do mapeamento da espacialização destes estabelecimentos com os cartogramas elaborados com base de dados da Conder.

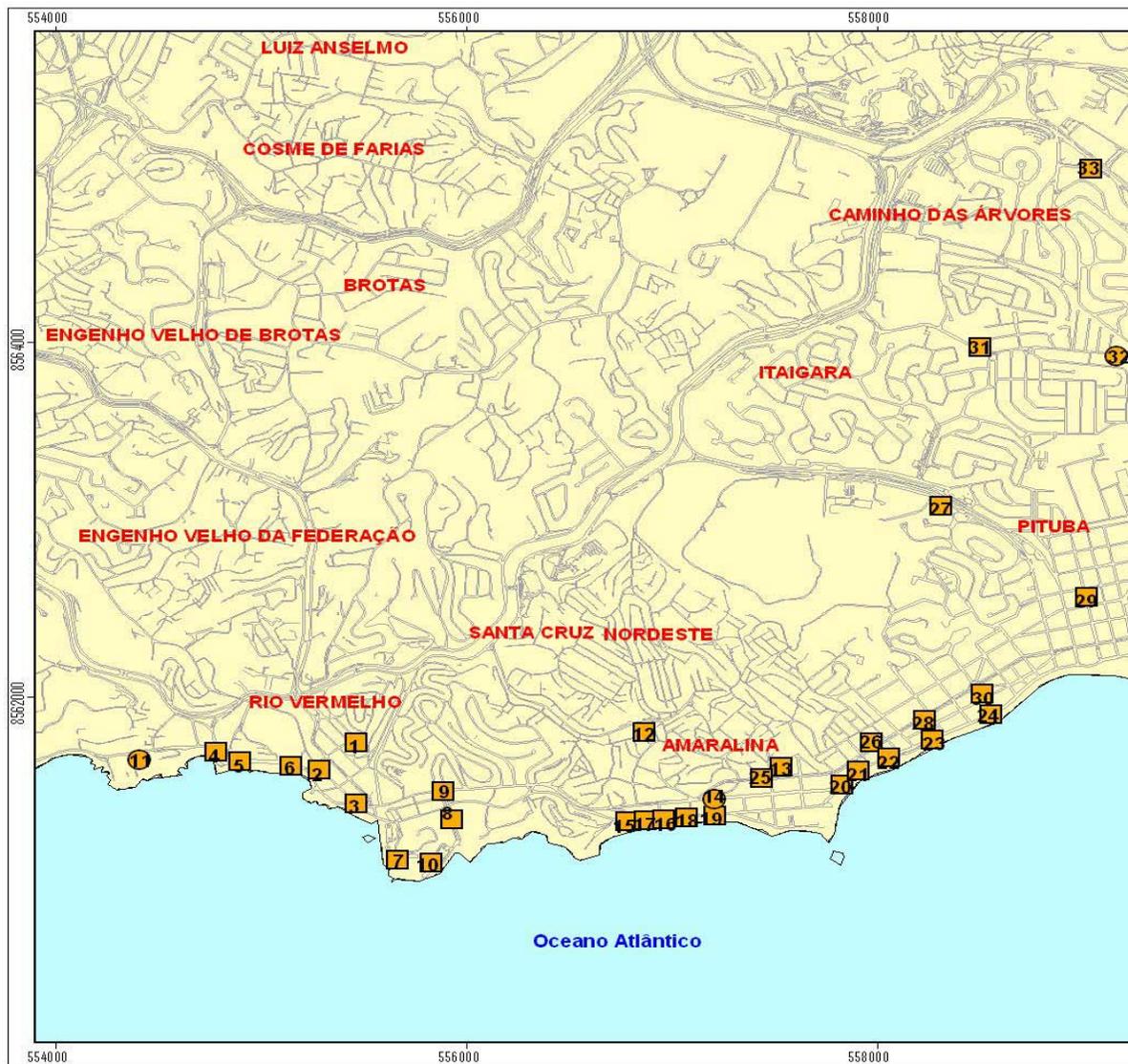
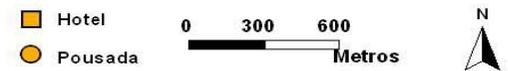


Figura 28 - Distribuição dos Meios de Hospedagem na Cidade do Salvador

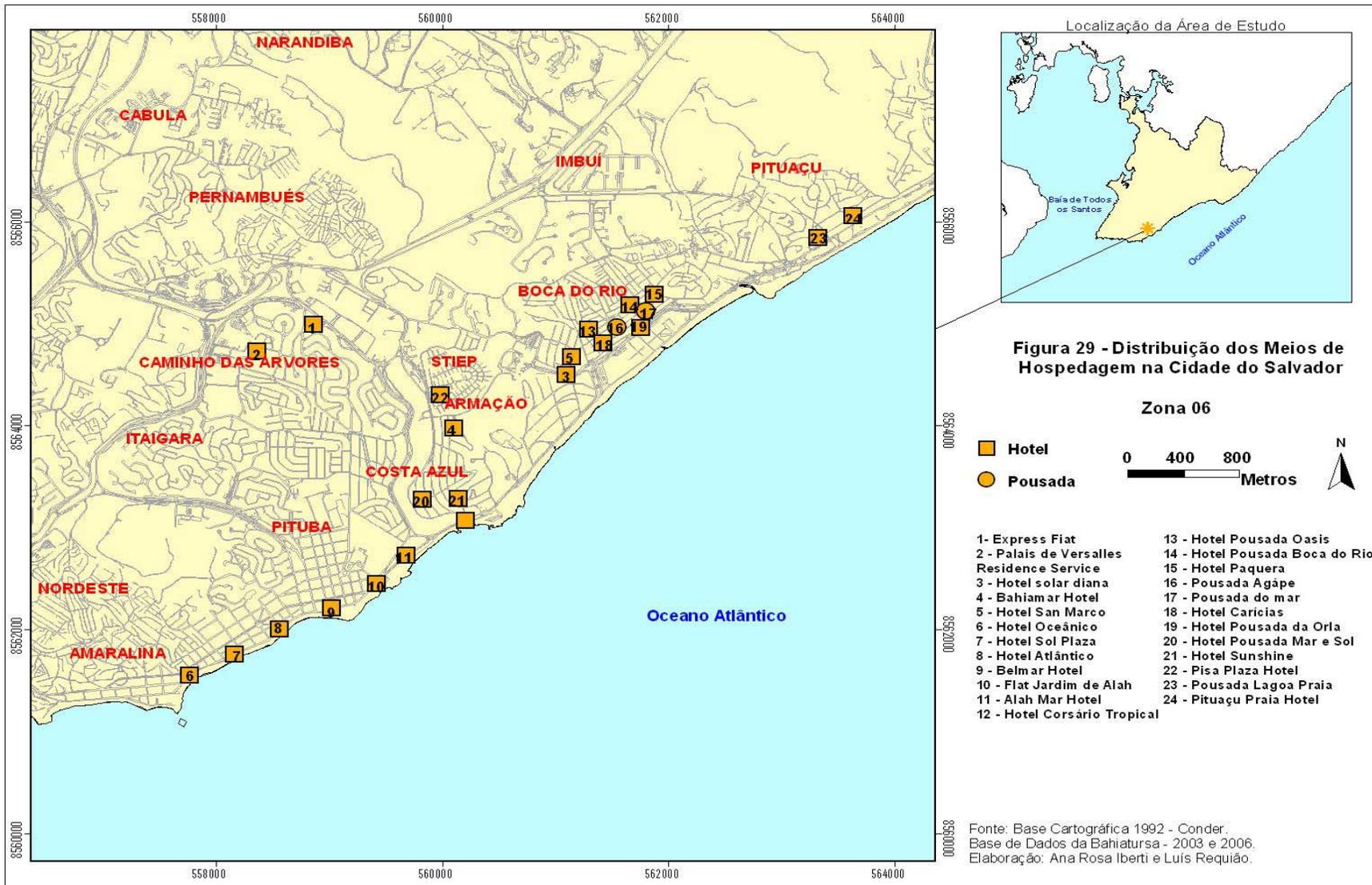
Zona 05



- | | |
|--|---------------------------------|
| 1 - Bahia Park hotel | 17 - Terraço Hotel |
| 2 - Hotel Pousada do Rio Vermelho | 18 - Hotel Vilamar |
| 3 - Hotel Catharina Paguassu | 19 - Amaralina Hotel |
| 4 - Hotel Pousada Rio Vermelho | 20 - Amaralina Praia Hotel |
| 5 - Hotel rio Vermelho | 21 - Hotel Verdemar |
| 6 - Mar Hotel | 22 - Pituba Sol Flat |
| 7 - Hotel Blue Tree Towers | 23 - Hotel Solarius |
| 8 - Hotel Ibis | 24 - Imob. Alugue Fácil |
| 9 - Mercure | 25 - Golden Park Hotel |
| 10 - Pestana Bahia Hotel | 26 - Pituba Plaza Hotel |
| 11 - Pousada Mar a Vista | 27 - Fiesta Bahia Hotel |
| 12 - Amaralina Apart-Hotel Residence | 28 - Hotel Minas |
| 13 - Village Amaralina | 29 - Hotel Trânsito de Oficiais |
| 14 - Dilmar Pousada | 30 - Pituba Apart Service Hotel |
| 15 - Centro de Amaralina | 31 - Hotel Pirâmide |
| 16 - Hotel Trânsito de Subtenentes e Sargentos | 32 - Pousada Pituba |
| | 33 - Imob. Abelardo Imóveis |

Fonte: Base Cartográfica 1992 - Conder.
Base de Dados da Bahiatursa - 2003 e 2006.
Elaboração: Ana Rosa Iberti e Luís Requião.

Tomando como parâmetro a divisão utilizada por Queiroz (2005) que fez uso da divisão do perímetro urbano de Salvador em Regiões Administrativas, utilizada pela Prefeitura Municipal e CONDER, para espacialização dos meios de hospedagem, com base em dados da Bahiatursa de 2000, observou-se uma coincidência com a divisão dos meios de hospedagem por zona, elaborada pela Bahiatursa em 2003. Ou seja, os hotéis classificados como 5 estrelas estão localizados, principalmente, nas Administrações Regionais da Barra, Pituba, Centro e Itapuã. Ainda conforme Queiroz, a AR da Barra, com cerca de 40% das Unidades Habitacionais (UH's) da Capital, onde está situado o bairro de Ondina, grande concentrador de empreendimentos desse porte, destaca-se por possuir uma oferta diversificada e ampla de equipamentos de lazer, diversão e compras (17% das praias, 17% dos clubes, 19% dos museus, 11% dos *shoppings*, 21% das casas de espetáculo, 25% das casas culturais e 5% dos cinemas da cidade). As ARs Centro, Pituba e Itapuã detêm, respectivamente, 24%, 21% e 17% das UH's dos 5 estrelas, sendo um empreendimento no bairro do Campo Grande, outro no bairro do Itaigara, áreas ocupadas pela elite local, e o último, em uma área "nobre" de Itapuã (QUEIROZ, 2005).



Pela **Figura 29** que compreende os bairros de Caminho das Árvores, Jardim Armação, Jardim de Alah, Boca do Rio, Costa Azul, Stiep e Pituaçu, há uma maior predominância de hotéis de turismo, apart hotéis, pousadas e um reduzido número de hotéis de alta rotatividade, apenas dois do total de 24 estabelecimentos nesta zona¹.

Segundo Queiroz (2005), os hotéis classificados como 4 estrelas também concentram-se, sobretudo, na AR Barra (75%) e, em menor percentual, na AR Pituba (15%) – zonas 03, 04 e 05 da Bahiaturisa - **Figuras 26, 27 e 28**.

Estas áreas, juntamente com a AR Centro (zona 1 da Bahiaturisa), são as responsáveis pela maior parte das unidades habitacionais e dos leitos ofertados em hotéis classificados de Salvador (AR Barra com 48% do total de UH's, AR Centro com 17% e AR Pituba com 15% das UH's). Hotéis classificados aparecem também nas ARs Itapuã (9% das UH's), Boca do Rio (8% das UH's), Itapagipe e Rio Vermelho, Zonas 6 e 7 na base de dados da Bahiaturisa – **Figuras 29 e 33** -, com percentuais próximos a 1% cada (QUEIROZ, 2005, p. 278 - 292). Alguns destes hotéis estão diretamente associados à presença do Centro de Convenções da Bahia, equipamento urbano, cuja presença influenciou diretamente para implantação de vários hotéis no seu entorno imediato e em áreas adjacentes (Figura 29).

Um empreendimento que merece destaque no que se refere ao turismo de eventos é o Fiesta Bahia Hotel (Figura 30), localizado na Av. Antônio Carlos Magalhães, Itaigara. Localizado no coração da moderna Salvador, num pólo comercial e de grande circulação de executivos da cidade. Este empreendimento está agregado ao Fiesta Convention Center, um modelo de integração arquitetura / tecnologia, com cinco pavimentos utilizáveis para eventos, configura entre os centros de convenções mais modernos e bem equipados do país. A grande vantagem é estar integrado ao hotel cinco estrelas que proporciona todo apoio de infra-estrutura necessários a

¹ Esta informação é também baseada nas tabelas de dados da Bahiaturisa de 2000/2003, que foram a base para a construção dos mapas.

comodidade e conforto de congressistas, palestrantes e organizadores, como hospedagem alimentação e lazer. Com vinte e seis opções diferentes de salões e capacidade para 3300 pessoas em auditório e com salas podendo abrigar eventos de pequeno, médio e grande portes ([www. fiestahotel.com.Br](http://www.fiestahotel.com.Br)).

Figura 30: Fiesta Bahia Hotel, 2006



Fonte: Foto do autor, 2006.

O Hotel Holiday Inn, inaugurado em 2005, é outro significativo exemplo de empreendimento voltado para o turismo de negócios e eventos. Está localizado junto ao Centro de Convenções da Bahia, quase como uma extensão da função daquele equipamento, como se pode verificar pela **figura 31**, logo abaixo.

Figura 31: Hotel Holiday Inn, em frente ao Centro de Convenções da Bahia, 2006



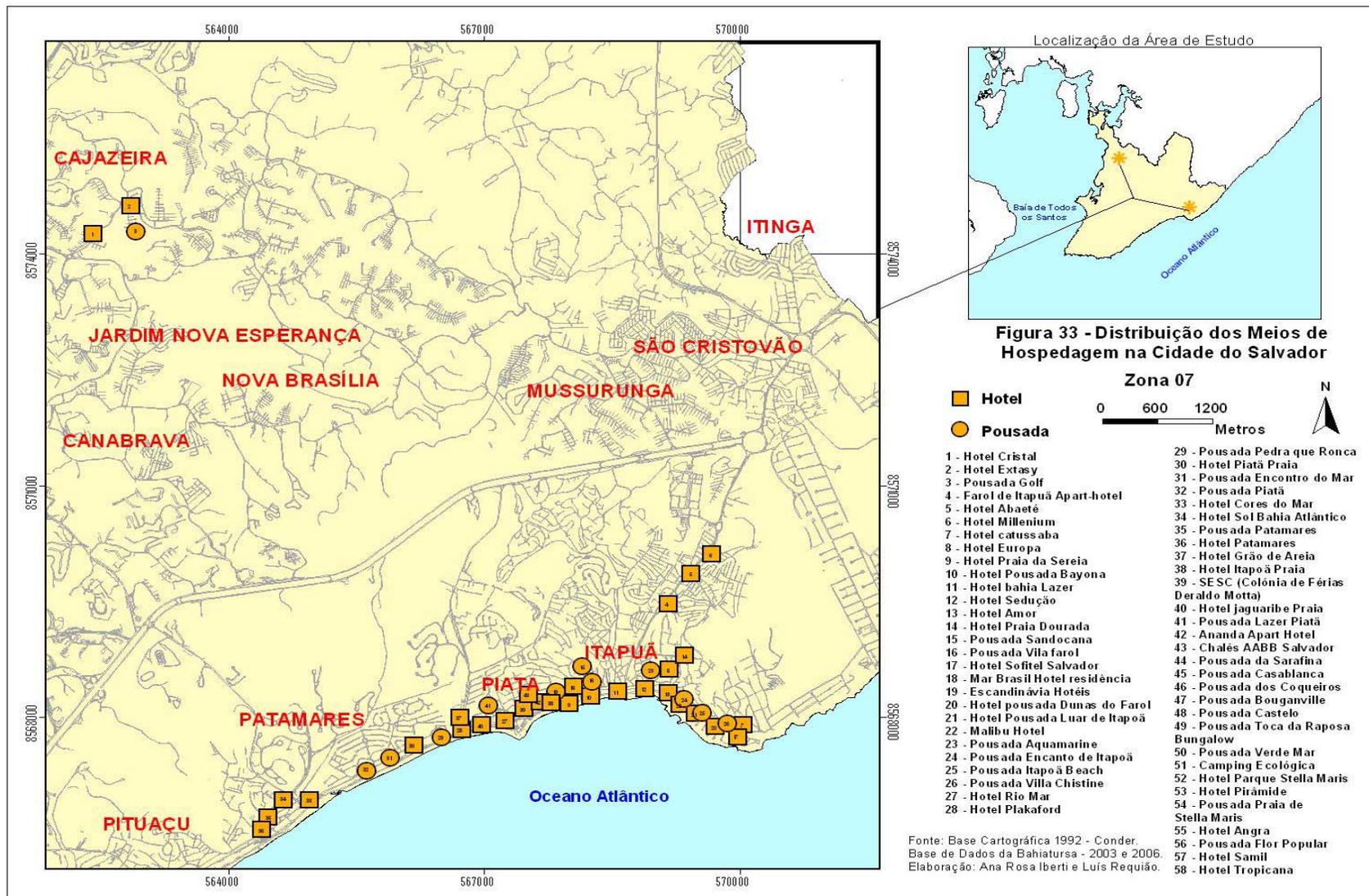
Fonte: Foto do autor, 2006.

Outros dois significativos exemplos de empreendimentos voltados para um público específico, relacionados ao turismo de negócios e as convenções, são os Hotéis Web 109 e o Iguatemi Bussines & Flat (Fig. 32), ambos ao lado do Shopping Center Iguatemi e próximos ao Centro de Convenções da Bahia e da estação rodoviária.

Figura 32: Iguatemi Bussines & Flat, 2006



Fonte: Foto do autor, 2006.



Constatou-se, entretanto, que AR Itapagipe, considerada na pesquisa de Queiroz, não aparece nas Zonas classificadas pela Bahiatura em 2003, que considerou na zona 10, apenas um hotel no bairro da Ribeira.

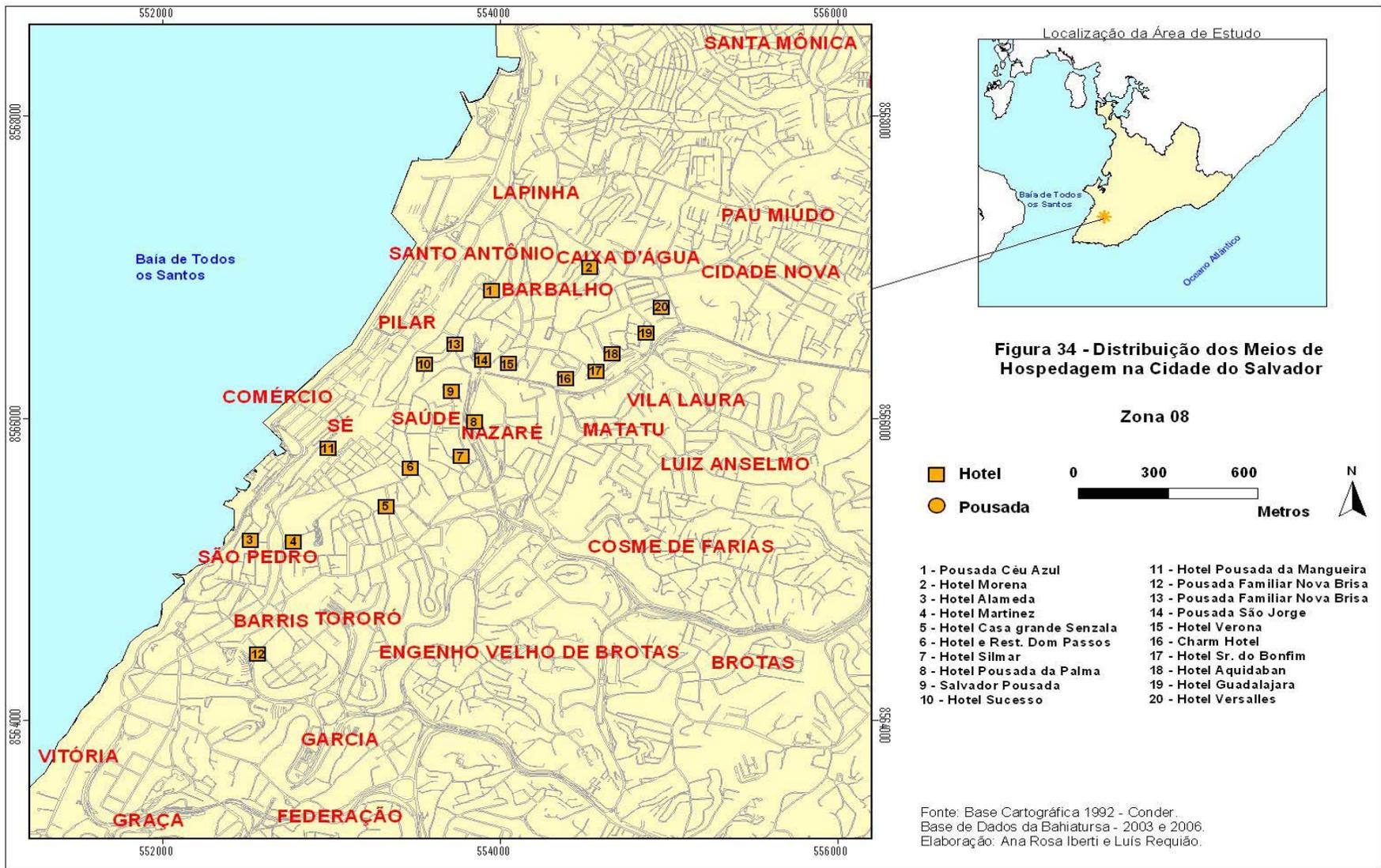
Observando-se os dados da zona 10, corrobora-se mais uma vez com Queiroz (2005), que, após cruzar os dados da Bahiatura de 2000 e efetuar a espacialização conforme critérios da CONDER e Prefeitura, os hotéis não-classificados tendem a ocupar áreas da cidade, como Itapuã, dotadas de um maior apelo turístico, mas cujo custo de localização (preço do terreno, aluguel, impostos territoriais) tende a ser mais baixo do que na AR Pituba ou na AR Barra ou no bairro do Campo Grande. Segundo a autora, a AR Itapuã, onde estão situadas 27% das áreas de parque e 22% das praias, concentra quase 55% das unidades habitacionais dos hotéis não-classificados padrão A e cerca de 30% das UH's do total de hotéis não-classificados (QUEIROZ, 2005, p. 278 - 292).

A constatação acima pode ser verificada pelo elevado número de pousadas, casas de hospedagem e hotéis de pequeno porte localizados nos bairros de Itapoã, Plakaford, Patamares, Piatã, Praia do Flamengo, Stella Mares, segundo a **Figura 33** acima.

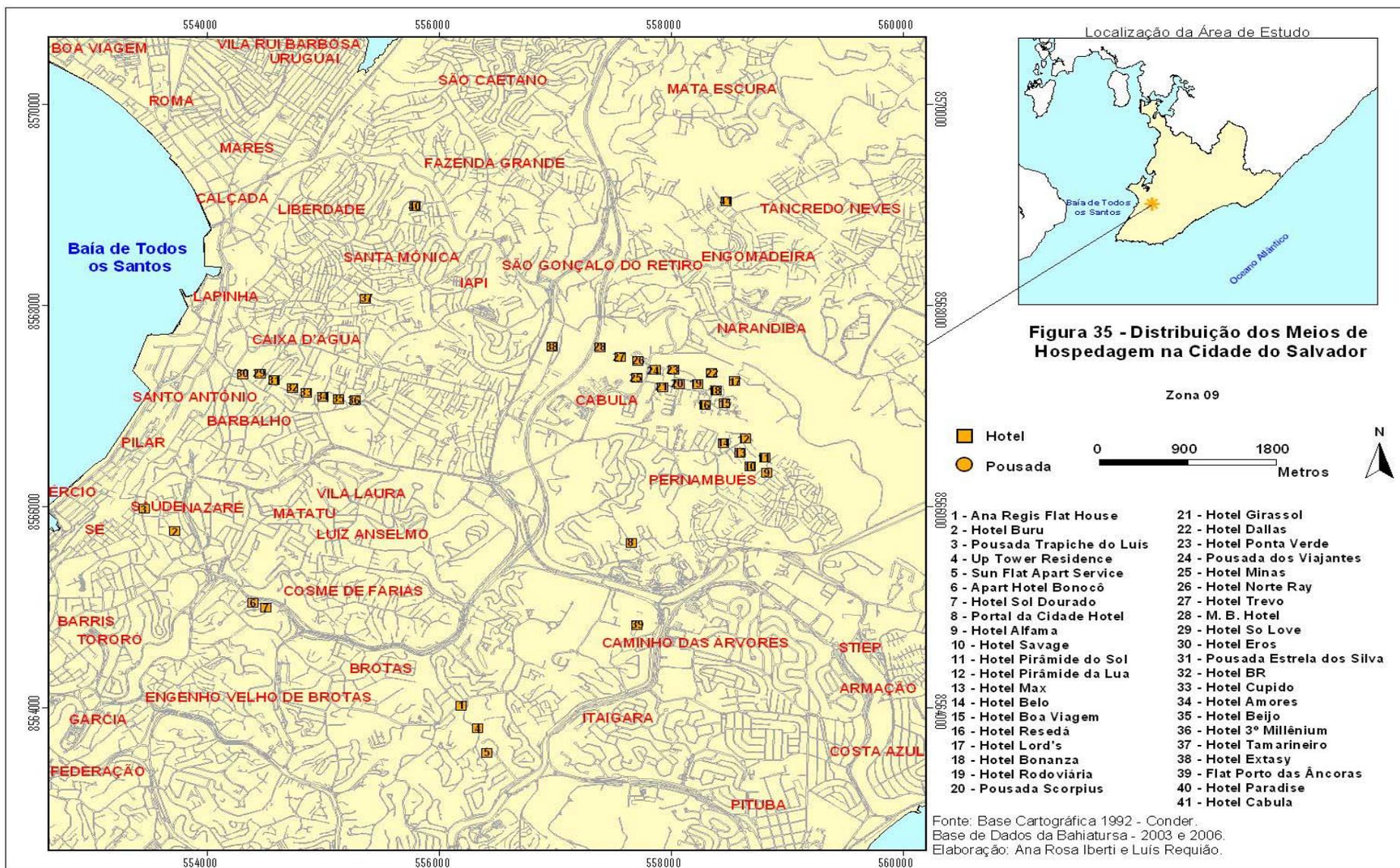
Pela **Figura 34** logo em seguida, observa-se que nos bairros tradicionais do Barbalho, Mouraria, Nazaré, Saúde, Tororó e Sete Portas, há uma grande predominância dos estabelecimentos de rotatividade. De um total de 20 estabelecimentos ou meios de hospedagem contabilizados pela Bahiatura, 13 são de alta rotatividade, dois estão classificados como hotéis, três como casa de hospedagem e dois como pousadas. Ou seja, mais de 50% do total são empreendimentos voltados para um público local, na forma de hotel de alta rotatividade.

Não se pode esquecer que a área do bairro das Sete Portas abrigou a antiga estação rodoviária de Salvador, onde também existiam e ainda permanecem alguns dos mais tradicionais hotéis da cidade. Porém, com a expansão urbana, nova estação foi construída na zona do Iguatemi/Pernambués, fato que levou alguns daqueles estabelecimentos de

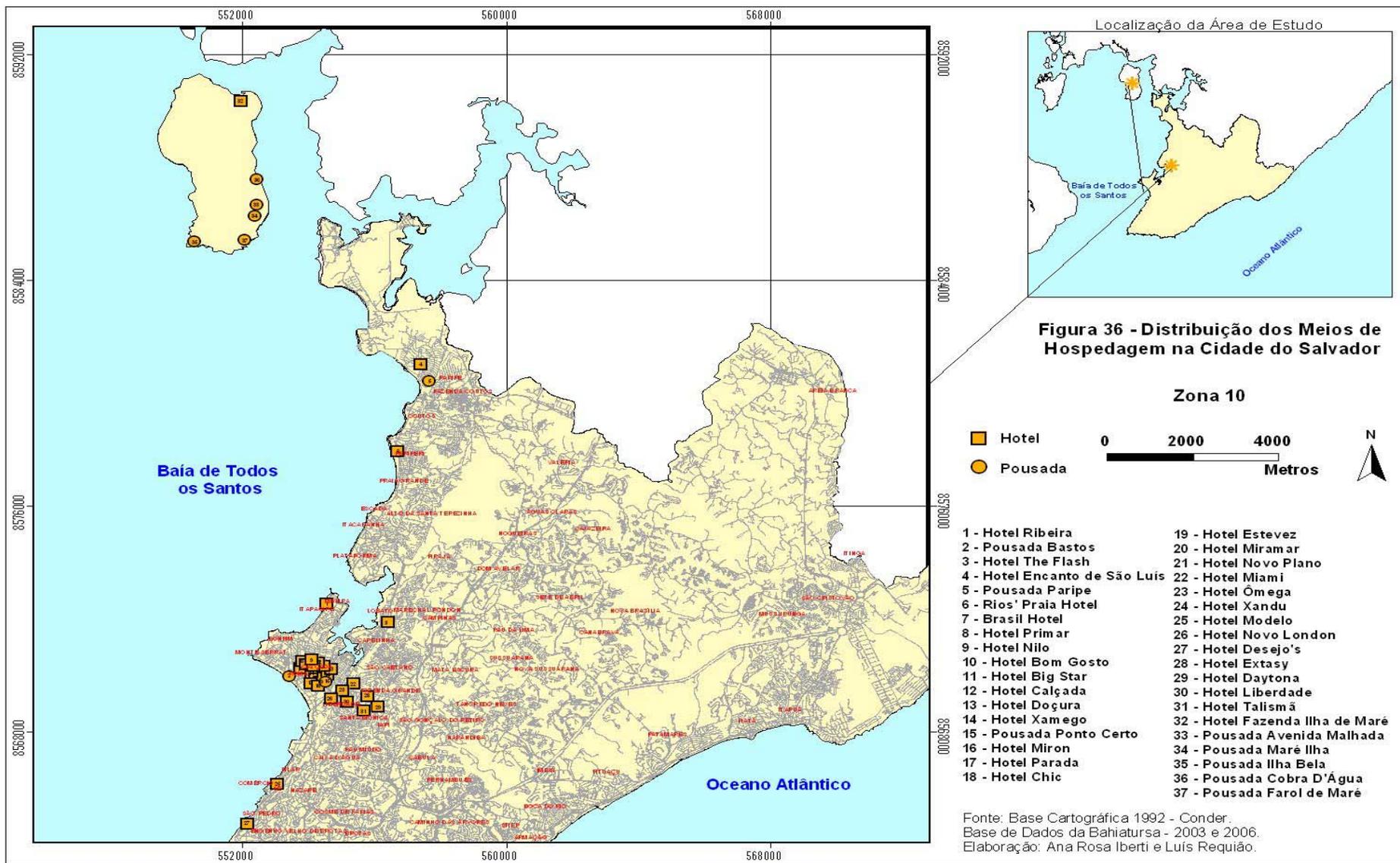
hospedagem a mudarem suas características, no sentido de atender não mais os viajantes que nesta cidade chegavam entre as décadas de 60 e 70 do século XX, mas modificando seus serviços para atender outras demandas da população local. Dessa vez são os casais de namorados, geralmente de baixa renda que procuram estes estabelecimentos para se hospedar por algumas horas – **Figura 34**: zona 8 da Bahiatursa.



O mesmo fato acima abordado, com base na classificação dos meios de hospedagem da Bahiatursa, verifica-se também pela observação e análise das **Figuras 35 e 36** - zonas 9 e 10, que abrangem os bairros de Brotas, Candeal, Bonocô, Estação Rodoviária, Pernambués, Barros Reis, Largo 2 Leões, Pau Miúdo, Cabula, Cidadela, IAPI, Tancredo Neves, Ribeira, Lobato, Paripe, Periperi, Calçada, Largo do Tanque, Comércio, Baixa do Fiscal, San Martin, Liberdade, Pero Vaz e Ilha de Maré.

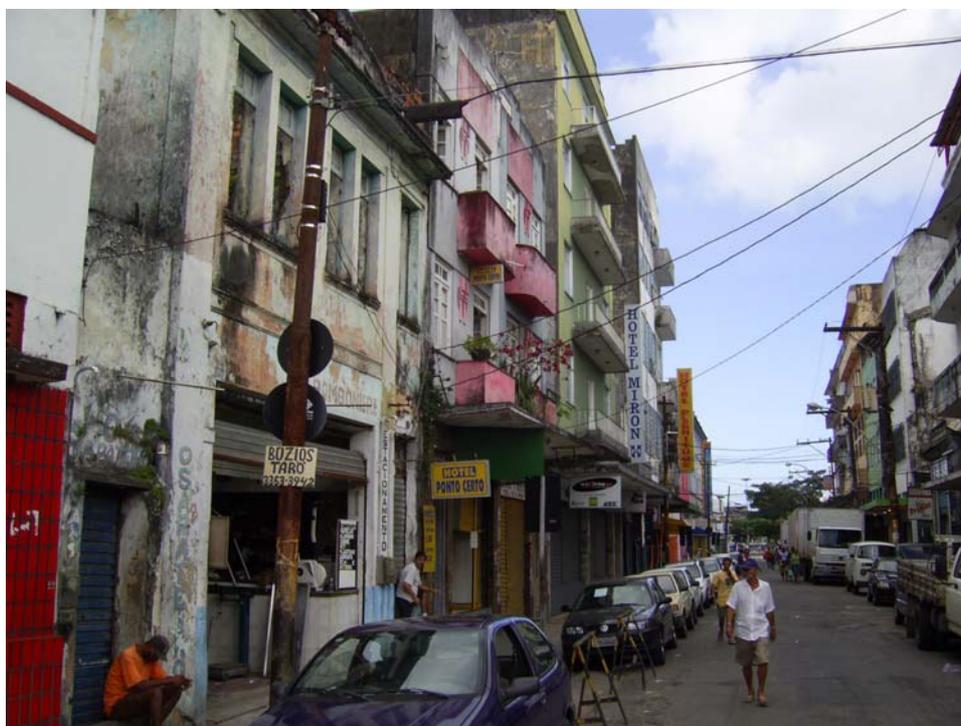


Percebe-se mais uma vez, um grande número de estabelecimentos de alta rotatividade, localizados principalmente nos bairros da Calçada – **Figura 35** - e Pernambués, totalizando 32 hotéis desse tipo, dos 78 meios de hospedagem computados pela Bahiatursa. Ou seja, 41 na Zona 9 - **Figura 35** - acima, e mais os 37 da Zona 10 – **Figura 36**– a seguir. Somando-se os outros 15 estabelecimentos da mesma categoria (alta rotatividade) espalhados nos outros bairros, encontraremos mais 18 destes hotéis, resultando em 50 estabelecimentos desse tipo nas duas zonas – **Figuras 35 e 36**.



Este tipo de serviço é normalmente disponibilizado pelos hotéis, porém muitos dos estabelecimentos, caracterizados como hotéis passaram a oferecer a estadia por períodos de curta duração, absorvendo uma clientela do entorno imediato a sua localização – **Figura 37**- atingindo um público de classe média e média baixa, que não dispõe de condições para freqüentar os tradicionais hotéis, que normalmente estão estruturados para garantir total privacidade dos seus clientes, incluindo-se nesta perspectiva garagens individuais por cada aposento, elevando o custo da hospedagem.

Figura 37: Hotéis em rua próxima a Estação Ferroviária, bairro da Calçada, 2006



Fonte: Foto do autor, 2006.

Os estabelecimentos de alta rotatividade encontram-se atualmente distribuídos em diversas localidades das dez zonas mapeadas, embora variando a intensidade de sua presença de acordo com os bairros, onde se estabeleceram prioridades para a hotelaria de grande porte, voltada para o turismo clássico em sua diversas modalidades, desde a década de 1970.

Segundo dados da Secretaria de Cultura e Turismo (SCT), em 2004 a capacidade receptiva total da hotelaria em Salvador situou-se em 12 mil unidades habitacionais (Uhs) e 26 mil leitos. Incluindo-se o fluxo turístico global (hoteleiro e extra-hoteleiro) da capital baiana, os números são expressivos, totalizando 2.280.530 turistas que aportaram na cidade naquele ano. Estes números superaram em 4% o resultado do ano de 2003, quando registraram-se 2.192.820 turistas na cidade (SCT, 2004).

Na oferta de equipamentos e serviços turísticos do Pólo Salvador e Entorno, que abrange os municípios da Costa dos Coqueiros e da Baía de Todos os Santos, a Capital apresenta uma posição de destaque. Com cerca de 292 meios de hospedagem (43,3% do total regional), Salvador concentra quase 60% da oferta de Unidades Habitacionais (UH's) e de leitos do pólo, como se pode verificar na **Tabela 11**, abaixo.

Tabela 11: Evolução dos Indicadores de Hospedagem no Pólo Salvador e Entorno (PSE) – em unidade e em %

	SALVADOR		BAÍA DE TODOS OS SANTOS (BTS)		COSTA DOS COQUEIROS		TOTAL	
	1996	2000	1996	2000	1996	2000	1996	2000
MHs	181	292	118	147	159	236	458	675
Uhs	8427	10472	2010	2465	2219	4813	12656	17750
Leitos	18416	22.516	4761	6049	5605	11611	28782	40176

Participação de cada subespaço turístico nos indicadores de hospedagem no PSE.

	SALVADOR (%)		BAÍA DE TODOS OS SANTOS (BTS) (%)		COSTA DOS COQUEIROS (%)	
	1996	2000	1996	2000	1996	2000
MHs	39,52	43,26	25,76	21,78	34,72	34,96
Uhs	66,59	59,00	15,88	13,89	17,53	27,12
Leitos	63,98	56,04	16,54	15,06	19,47	28,9

Fonte: BAHIA TURSA.

MHs – Meios de Hospedagem.

UHs – Unidades Habitacionais.

É perceptível, pelos dados anteriormente indicados, que o turismo vem se expandindo de forma altamente concentrada na capital do Estado, desenvolvendo-se em espaços restritos da cidade, embora tenha havido uma queda de 63,98% para 56,04% entre 1996 e 2000. Parte expressiva dos equipamentos direcionados aos visitantes estão localizados nas áreas com

melhor infra-estrutura de equipamentos e serviços, ocupados pela população de maior renda.

É importante ressaltar o grande incremento do turismo na Costa dos Coqueiros, a partir da década de 1990, com a instalação de complexos hoteleiros de grande porte, atraindo empresas multinacionais do ramo turístico, certamente influenciando para um possível declínio das taxas de ocupação dos grandes hotéis de Salvador.

A hotelaria em Salvador atualmente é reveladora do complexo urbano que esta cidade denota, pois a diversidade de suas categorias, dimensões e funções, demonstram a diversidade dos agentes sociais envolvidos no processo de evolução desta metrópole e de sua relação econômica em variadas escalas. Também revela a complexidade da sociedade moderna e da vida urbana, numa cidade onde o comércio e a prestação de serviços sempre predominou no contexto de sua economia, exigindo suporte através dos meios de hospedagem.

Percebe-se pelos dados anteriormente analisados uma proximidade geográfica entre áreas sem menor infra-estrutura de equipamentos e serviços relacionados ao turismo, e áreas dotadas destes equipamentos. Como exemplo pode-se citar a área do bairro de Ondina, onde se concentram grandes empreendimentos hoteleiros de cadeia nacional e internacional, e a área do Calabar, inserida na mesma área, que concentra uma grande densidade de população de baixa renda, vivendo em precárias condições de moradia e serviços públicos. Confirma-se, portanto, a proximidade geográfica, no sentido físico de áreas diferenciadas no tratamento auferido pelo poder público na intenção de consolidá-las como turísticas e, por outro lado a grande distância social dentro de uma mesma zona, com o total descaso com a população residente.

Em relação às tendências atuais da hotelaria, observou-se alguma adaptação com relação a edifícios antigos, principalmente em áreas do centro histórico. A utilização de formas urbanas antigas, re-funcionalizadas através da

hotelaria com o uso de estruturas pré-existentes. A adaptação do patrimônio histórico arquitetônico, tais como casarões e conventos com mais de cem anos, são exemplos deste processo. Tais empreendimentos são de propriedade do capital estrangeiro, assim como do pequeno e grande capital nacional.

Outra tendência é a hotelaria de capital internacional, que se destaca na paisagem da cidade pela imponência de sua estrutura, re-significando algumas áreas sob o ponto de vista de uma mudança no sentido de área estritamente residencial, para área predominantemente comercial, com destaque para o setor de hospedagem.

Duas áreas da cidade incorporam em suas paisagens as tendências acima descritas. A primeira, no entorno do centro histórico, aliás, dele fazendo parte, a rua Direita do Carmo. A outra é a rua Fonte do Boi, no Rio Vermelho.

Como exemplo do exposto acima, pode-se citar o Hotel Íbis, Mercuri e Pestana – **Figura 38** - (antigo Meridien) na rua Fonte do Boi, bairro do Rio Vermelho; o Villa Galé, na rua do Escravo Miguel em Ondina; Pousadas de Portugal, no antigo Convento do Carmo, no Bairro de Santo Antônio; A Casa das Portas Velhas, no largo da Palma. A maioria desses empreendimentos de bandeira internacional e cuja lógica de localização têm haver com a proximidade do centro cultural e histórico da Cidade.

Figura 38: Hotel Pestana, rua Fonte do Boi, Rio Vermelho, visto do o Largo da Mariquita, 2006



Fonte: Foto do autor, 2006.

A presença destes estabelecimentos de hospedagem ajudou a dinamizar o comércio das localidades, principalmente daqueles relacionados diretamente com o turismo.

4.2 ALGUNS ESTUDOS DE CASO

Após o levantamento de caráter mais geral da espacialização dos meios de hospedagem e sua distribuição no perímetro urbano de Salvador, buscar-se-á analisar alguns casos específicos de empreendimentos que atualmente estão se destacando na paisagem urbana desta cidade, inclusive influenciando o seu entorno, através de ações ligadas aos agentes do poder público e da iniciativa privada em áreas de tradição do fenômeno do turismo. Outras áreas de tradição urbana, no sentido da notoriedade do seu patrimônio arquitetônico, atualmente requalificadas a partir da implantação de meios de hospedagem de categorias diversas, a exemplo do Carmo, Santo Antônio, Largo da Palma e Largo Dois de Julho, também sofreram influências na implantação de meios de hospedagem de diversas categorias.

Utilizou-se de matérias de jornais locais e revistas de circulação nacional, veiculadas recentemente, assim como entrevistas diretamente executadas em trabalho de campo com proprietários e gerentes de alguns desses estabelecimentos hoteleiros.

A matéria do Jornal Correio da Bahia, de 4 de janeiro de 2003, intitulada “Terra estrangeira”, revela a atual situação do bairro do Santo Antônio Além do Carmo, no tocante à sua transformação de área eminentemente residencial, para bairro comercial, em função do turismo cultural. Naquela altura, em 2003, já existiam 13 hospedarias na rua Direita e no Carmo. Segundo a reportagem muitos estrangeiros, especialmente europeus, que por ali passaram como simples turistas, estão retornando de maneira definitiva, investindo em imóveis naquela área e transformando-os em hotéis e pousadas

– Figura 39.

Figura 39: Rua Direita do Carmo, vendo-se à direita algumas pousadas



Fonte: Foto do autor, 2006.

Reproduzir-se-á aqui parte da reportagem acima mencionada, pois revela vários aspectos anteriormente descritos e analisados ao longo desta pesquisa, principalmente no que diz respeito às transformações e permanências que a presença da hotelaria pode impor ao patrimônio ambiental urbano de algumas localidades da cidade do Salvador.

Sendo assim segue a reportagem:

Negócios fechados rapidamente

O marchand Dimitri Ganzelevitch tem uma teoria para explicar porque o bairro é procurado por estrangeiros e preterido pela população de Salvador. Para ele, a classe média local sonha em viver nos condomínios de luxo de bairros de classe média alta, como o Itaigara, ou no Litoral Norte. 'Morar no Santo Antônio, para essas pessoas, significa um retrocesso na escala social' alfineta. Segundo o corretor de imóveis Wilson Bittencourt Cardoso, no momento, há cerca de 40 estrangeiros residindo no local. Quando se interessam por um imóvel eles levam, em média, dois dias para fechar o negócio. 'O melhor é que sempre pagam em dolar', diz o corretor, que fica com 5% de comissão. Ele informa que, na Rua Direita, ao lado do Armazém Brasil, um casarão com dois pavimentos, de frente para o mar e em terreno próprio, está a venda por R\$ 85 mil.

Muita gente ainda critica a presença dos 'gringos' e teme que, em pouco tempo, o bairro fique descaracterizado. Na opinião de Cardoso – que está ali há 23 anos e vende um ou dois imóveis a estrangeiros a cada três meses – não há motivo

para xenofobia. Além do mais, eles têm um apurado senso de preservação e não alteram fachadas ou características das construções. 'Eles têm dólar. Reformam, preservam e fecham o fundo das casas, não permitindo que malandros vindos da invasão do Pilar subam para importunar a gente aqui' analisa.

Dimitri – que mora com o bulldog francês Rodin, em uma casa de 1845, ampla e decorada com centenas de obras de arte, próximo a Igreja do Boqueirão – aluga duas suítes com uma bela vista da baía para europeus que vem por indicação de amigos. Segundo ele, já passaram por lá, diretores da Unesco e da importante casa de leilões Sotheby's, de Bruxelas; a princesa Elisabeth de Absburgo (sic); o colecionador de arte francês Bruno de Charme; além de médicos, fotógrafos e outras pessoas que dão muito valor à atmosfera do Centro Histórico. Como se não bastasse, segundo Dimitri, eles ainda 'desprezam a impessoalidade dos hotéis cinco estrelas' (SANTANA, Correio da Bahia, 2003).

A reportagem é bastante elucidativa do ponto de vista da rápida transformação que aquela área da cidade vem sofrendo ao longo dos últimos anos em função da implantação de meios de hospedagem. Também é interessante no sentido de que os sentimentos e impressões dos estrangeiros nos remete àquelas descritas no segundo capítulo deste estudo, quando se reproduziu as impressões de estrangeiros que por Salvador passaram ao longo dos séculos XIX e XX.

Entende-se que, a área do Bairro de Santo Antônio e outras do Centro Histórico correspondem a um circuito plural no que diz respeito à síntese das experiências culturais decorrentes da própria história social e urbana da cidade, representando um bom exemplo do que acontece em relação ao papel da hotelaria em Salvador numa escala mais ampla.

Outro grande exemplo de revitalização da área do Carmo, através dos empreendimentos hoteleiros ali instalados está relacionado ao Convento do mesmo nome, uma construção histórica do século XVI que, pela segunda vez é utilizada como hotel de alto luxo.

A primeira dessas instalações aconteceu nos anos 70 do século XX, denominava-se Pousada do Convento do Carmo, do grupo Luxor. Um empreendimento que apresentava características diversas dos outros hotéis de Salvador, e buscava um diferencial para atrair turistas estrangeiros, utilizando a

sua localização próxima ao centro histórico da cidade. Naquela época a clientela era na sua maioria de alemães, franceses, italianos e executivos do Brasil (VIANA, et all, 1978, p.56).

Na **Figura 40** a seguir se pode perceber a dimensão desse valioso prédio, no conjunto da paisagem urbana do Centro Histórico de Salvador, desde a década de 70 utilizada como atrativo turístico da cidade.

Figura 40: Vista aérea do Convento do Carmo



Fonte: Fotorama do Brasil, 1984.

Desde 2005 o referido Convento, que pertence à Província Carmelitana de Santo Elias, agora sob contrato de comodato com o grupo português Pestana por vinte anos, prorrogáveis por mais dez, pela segunda vez, volta a exercer função de hotel de alto estilo (Brasil, 2005). Observando a **Figura 41** abaixo tem-se uma idéia do referido empreendimento.

Figura 41: Hotel Convento do Carmo no Centro Histórico

Fonte: Foto do autor, 2006.

São 79 apartamentos dispostos nas celas dos religiosos, adaptados com requinte, conforto e alto luxo. Este empreendimento foi facilitado por um empréstimo de 20 milhões de reais do Banco do Nordeste (Brasil, 2005), evidenciando mais uma vez a ação dos agentes econômicos oficiais e da iniciativa privada na produção do espaço da hotelaria no centro da cidade.

Segundo reportagem da revista Veja,

o Hotel Convento do Carmo é o primeiro entre os 43 hotéis sob a bandeira Pousadas de Portugal, todos em castelos, conventos e mosteiros restaurados, que a rede Pestana instala fora de território português. Detalhe: nem a designação 'pousada' foi aproveitada aqui, para evitar a conotação local de hotel barato (BRASIL, 2005, p.105).

A mesma reportagem revela que, turistas estrangeiros, principalmente franceses e italianos deverão representar 80% da clientela (BRASIL, 2005), projeção que demonstra a importância da cidade do Salvador no contexto do turismo cultural mundial, assim como o uso do espaço urbano e de seus equipamentos como atrativo.

A acessória de imprensa do Grupo Pestana no Brasil (Approach Comunicação) declarou que, com esta nova intervenção, o Convento do Carmo tornou-se o primeiro hotel histórico de luxo do país. O edifício foi restaurado e adaptado pela empresa mineira Santa Bárbara Engenharia e Empreendimentos, que também possui participação de 25% na sociedade. A gestão integral do empreendimento é feita pela rede Pousadas de Portugal.

Ainda segundo a mesma fonte acima referida, internacionalmente, o Grupo Pestana conquistou um passo importante. O seu consórcio, em 2003, venceu a concorrência para arrendamento de 49% da Empresa Nacional de Turismo de Portugal (ENATUR), liderada pelo Governo Federal Português, que compreende 42 unidades da marca Pousadas de Portugal, localizadas em castelos, fortalezas, mosteiros e conventos, que são tradicionais na indústria da hospitalidade em Portugal.

A hotelaria, mais uma vez está no centro do processo de revitalização e requalificação de equipamentos e espaços urbanos, onde a paisagem urbana é resignificada, para ser “consumida” enquanto produto do turismo. Neste caso, através do turismo cultural, aproveitando-se o patrimônio arquitetônico colonial da área do centro histórico, utilizada ao mesmo tempo como equipamento hoteleiro e como atrativo de alto valor histórico e cultural.

Na área do centro histórico já existem cerca de trinta pequenas pousadas voltadas para o público estrangeiro que valoriza o turismo cultural e o atendimento personalizado (BRASIL, 2005). Tal fato revela que há uma simultaneidade no processo de implantação da rede hoteleira, no sentido de que é essencial uma infra-estrutura pré-existente para sua implantação, mas por outro lado, o próprio equipamento hoteleiro, depois de instalado numa determinada localidade, pode vir a ser um agente determinante no dinamismo socioeconômico do entorno imediato da área onde se encontra, trazendo à reboque a atividade comercial a ele vinculada ou mesmo a revitalização de equipamentos urbanos deteriorados.

Como exemplo do exposto acima, cita-se a reforma do Plano Inclinado Pilar, que teve sua restauração vinculada a implantação do Hotel Convento do

Carmo, facilitando o acesso de turistas e pessoas daquela área a Cidade Baixa.

Outra localidade que poderá ser dinamizada sob o ponto de vista socioeconômico é a área do entorno imediato ao Largo da Palma, no subdistrito de Santana. Depois de muito tempo decadente e esquecido, tanto pelo poder público, quanto pela iniciativa privada, este local passa por um processo de revitalização lento e gradual, a partir da instalação de alguns equipamentos e reforma de prédios históricos, a exemplo da Igreja e Convento da Palma, prédios do século XVII, restaurados há alguns anos e atualmente sede da Reitoria da Universidade Católica do Salvador – UCSAL.

Nesta mesma praça surge o hotel A Casa das Portas Velhas, com apenas 15 apartamentos, erguido sobre as ruínas de um prédio do começo do século XIX, cujo proprietário, ex-executivo do Citibank, investiu um milhão de dólares no empreendimento, inaugurado em fevereiro de 2004. Segundo Brasil (2005), este estabelecimento foi pioneiro em associar sofisticação, serviço diferenciado e diárias elevadas na área histórica da cidade .

Entende-se que a afirmativa publicada na revista acima, não corresponde inteiramente com a realidade, posto que a Pousada Convento do Carmo, desde os anos setenta do século passado, já trabalhava com a idéia de sofisticação e serviços diferenciados. Talvez a maior diferença estivesse no preço das diárias, que naquela época custavam U\$\$60 (VIANA, et all, 1978). Atualmente, no hotel A Casa das Portas Velhas as diárias variam entre 180 e 450 dólares (Brasil, 2005).

Em entrevista com o Sr. Handy Withers, presidente da empresa Machandy Enterprises Ltda, proprietária do Hotel A Casa das Portas Velhas, em 25/05/2006, colheu-se informações interessantes sobre o projeto, execução e perspectivas deste tipo de estabelecimento.

Segundo o Sr. Withers, a decisão de investir grande soma de capital (um milhão de dólares) em Salvador, partiu de algumas premissas que, segundo o mesmo, foram fundamentais para sua escolha:

1- era evidente que o Governo Federal e Estadual, concentravam esforços para desenvolver e fortalecer a economia do Estado através do turismo.

2- para ele Salvador, a primeira capital do país, desfrutava de abundância de estrangeiros, simplesmente porque, era ela, a mais antiga cidade do Brasil com uma longa e rica história. Esta impressão foi especialmente reforçada no decorrer das quatro visitas que totalizaram uma estada de quatro meses, quando aproveitou para explorar oportunidades de negócios na cidade, culminando numa quinta visita, quando decidiu fixar residência permanente em Salvador.

3- observou que a Bahia precisava ser o destino preferido de turistas brasileiros. Segundo o mesmo, “um apelo e fenômeno significativo” para alguém que procurava investir em um mercado de turismo em expansão.

4- a receptividade e informações que obteve durante reuniões com representantes dos Poderes Estadual e Municipal, principalmente através da Secretaria de Cultura e Turismo, o convenceram quanto a viabilidade e potencial de desenvolver uma atividade lucrativa relacionada ao turismo.

5- segundo este empresário, “a proposta consciente de um turismo crescente, o esforço do governo a fim de proteger o meio ambiente e a degradação de sua infra-estrutura”, apenas reforçaram sua decisão de que o Brasil e, em especial, Salvador, “apresentavam o mais autêntico e real ‘valor potencial’ dentro de outras possíveis localidades que possam ter sido consideradas.

6- o Brasil, em geral, e Salvador em particular eram culturalmente ricos e com uma diversidade étnica, não diferente de outros lugares por onde já havia passado, como África, Estados Unidos, o Caribe, e regiões da Austrália e Europa. Para Withers, a população e estilo de vida o faziam sentir uma verdadeira sensação familiar, o que apenas serviu para aumentar sua atração pela cidade e entendê-la como um grande lugar para morar e fazer negócios.

Segundo o entrevistado, a decisão de entrar para o ramo da indústria hoteleira pareceu-lhe uma “evolução natural da escolha de Salvador como um local para desenvolver um negócio. Tendo quase vinte e poucos anos vividos literalmente em hotéis cinco estrelas e/ou hotéis-butique, enquanto viajava ao redor do mundo, tal experiência e vivência o fizeram perceber a engrenagem da indústria hoteleira agregada às luxuosas e suntuosas acomodações que se tornaram parte do seu cotidiano. Após desenvolver e estreitar laços de amizade com diretores, gerentes e pessoal administrativo de alguns dos hotéis que fazem parte da rede “Leading Hotels of the World”, Witters muniu-se de experiências e vantagens de grande valor para endossar suas decisões.

Witters revelou que seu objetivo, portanto, é utilizar seus talentos administrativos, suas experiências e conhecimentos profissionais acumulados neste período de tempo somados aos anos vividos em hotéis, com o intuito de proporcionar aos mais criteriosos viajantes o que há de mais moderno e atualizado no conceito que concerne acomodações de pequeno porte – um hotel localizado em um dos centros históricos mais impressionantes e significativos do mundo. Para tanto, o empresário já formou um grupo de profissionais com bagagem internacional para dar suporte ao seu empreendimento. Para ele, não há, até o presente momento, instalações na região que ofereçam ao mesmo tempo, personalidade, sofisticação, conforto, engenhoso projeto arquitetônico, exclusividade e atendimento individualizado aos seus seletos clientes. Ou seja, é um hotel concebido para atender as necessidades e os caprichos daqueles que buscam uma experiência diferenciada em Salvador, caracterizando-se num modelo de hotel conceituado como hotel-butique.

Withers informou que os hotéis-butique foram idealizados inicialmente nos Estados Unidos, no início dos anos noventa do século XX e em seguida desenvolvidos e propagados com sucesso pela Europa, atendendo aos turistas que constantemente realizavam viagens internacionais e que se mostravam cansados, descontentes e/ou decepcionados em sempre se hospedar em hotéis impessoais, sem glamour e com óbvios fins exclusivamente comerciais. Com a intenção de captar este afluyente setor do mercado de turismo e gerar lucros, o argumento para criar um hotel-butique em Salvador é para atrair e

suprir turistas que, em primeiro lugar, não necessariamente consideram o Brasil como principal ponto de destinação turístico e, em segundo lugar, evitam visitas prolongadas na cidade, justamente por sua enorme carência de hotéis atrativos e de luxo. No entanto, a originalidade e o charme de hotéis como este, atraem não somente clientes já habituados a tais tipos de equipamentos, como também são interessantes a todos aqueles que mesmo temporariamente, querem desfrutar de férias luxuosas em um significativo ponto histórico da cidade.

Segundo o Informativo Técnico n. 408/99, emitido 02/08/1999 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), solicitado pelo Sr. Handy Withers que na época, pedia parâmetros para intervenção urbanística no imóvel, onde viria a funcionar o Hotel A Casa das Portas Velhas, o prédio localiza-se em área tombada pelo Governo Federal, mediante processo n. 464-t e 684-t. Encontra-se ainda em área de Proteção Rigorosa, segundo a Lei Municipal n. 3289/83.

O mesmo documento citado acima relata que

[...] trata-se de ruína, remanescente de uma edificação de esquina, com características arquitetônicas do século XIX, composta de três pavimentos, possivelmente com sótão e porão alto. A mesma é integrante de uma praça repleta de edifícios de valor arquitetônico individual, que juntamente com a Igreja de N. S. da Palma, tombada individualmente, compõe um conjunto digno de preservação. (MINISTÉRIO DA CULTURA-MINC – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN. 7ª Superintendência Regional – Bahia).

Através da **Figura 42** abaixo se visualiza os vários edifícios históricos citados pelo documento do IPHAN e percebe-se o conjunto que caracteriza o importante patrimônio histórico/arquitetônico da praça, onde se instalou o hotel anteriormente mencionado.

Figura 42: Praça Ana Néri, popularmente conhecida como Largo da Palma, 1958



Fonte: IPAC, 1958.

Na **Figura 43**, registra-se as condições de degradação em que se encontrava o edifício em questão, sofrendo a intervenção que culminou na reforma e revitalização para abrigar o hotel A Casa das Portas Velhas naquele mesmo largo.

Figura 43: Ruína no Largo da Palma, onde viria a se instalar o hotel A Casa das Portas Velhas, 2002



Fonte: Foto cedida pelo Sr. Handy Withers, atual proprietário do imóvel, 2006.

Na **Figura 44** vê-se o mesmo casarão completamente reformado, revelando a beleza e monumentalidade de sua obra, dessa vez destinada a uma nova função. A de hotel, que poderá ajudar ou, pelo menos, servir como exemplo no processo de reconhecimento das formas urbanas, como um importante e fundamental elemento da reconstituição histórica daquela área da cidade. Comprovou-se este fato numa carta endereçada à Coluna “Espaço do Leitor”, do jornal A TARDE, de 04/11/2000, de autoria do Srº. Clóvis Pondé, que comenta sobre uma outra matéria do mesmo jornal que tratava da reforma do referido casarão.

Reproduzir-se-á na íntegra a referida carta, pois o conteúdo do depoimento, contém elementos simbólicos importantes que referenciam a importância e as várias funções exercidas naquele edifício, além de conter informações importantes do contexto da época vivida pelo autor.

A carta diz o seguinte:

O velho solar

O noticioso jornal A TARDE, que, em uma de suas últimas reportagens, teve como tema o velho solar onde será instalado o Hotel “Relais & Chateaux”, trouxe-me alentadora lembrança de uma fase de minha vida, inesquecível, quando, iniciando-me nos estudos do curso primário, passei a freqüentar o prédio em questão, ocupado, na época, pela educadora, bacharela em Ciências e Letras, professora Maurina Laert de Paula, esposa do poeta Malésio de Paula, que nele exercia o magistério com proficiência e dignidade.

Quantas recordações saudosas da infância, anos de 1924, nos meus cinco a seis anos de idade, recém-vindo da cidade de Alagoinhas, por força da promoção do meu pai, o juiz Pedro Ponde, para a Vara de Órfãos, Ausentes e Menores da Comarca de Salvador, na gestão do governador Seabra.

O colégio funcionava no prédio objeto da reportagem, na praça mais conhecida por “Largo da Palma”, que se assemelhava a um relicário, tal o número de belos imóveis que a compunham, entre eles a residência do professor Aristides Maltez, catedrático, de honrosas tradições, da Faculdade de Medicina e do Colégio da Bahia. Palco em tempo bem mais recente, das filmagens de “Dona Flor e Seus Dois Maridos”, filme baseado em romance do festejado escritor Jorge Amado, na Palma desembocavam as ruas Castanheda, Bângala, Ladeira da Palma, próximas do Largo da Mouraria, ocupado pelo palácio-sede da 6ª Região Militar. Ainda na cercania do velho largo, o Convento da Palma e o antigo Fórum, sede do

poder Judiciário, constituíam a feição amada da antiga Salvador.

Assim, o solar estampado em A TARDE desperta em mim as mais caras recordações: nele que me acolheu num tempo passado, recebi as luzes benfazejas da instrução; no Castanheda, a ele confronte, minha família, vinda do interior, instalou residência, e meu pai exerceu a judicatura em imóvel próximo. Por isso que àquele sítio derredor dele voltam sempre as minhas lembranças, um território querido e jamais olvidado.

O prédio, a que aludo, em época anterior à do funcionamento do colégio que freqüentei, segundo consta, abrigou também o serviço forense, e, em tempo menos remoto, teve como moradores um rabino, no pavimento térreo, e a família alemã Fröellish, no terceiro andar. Ultimamente, sofreu um lamentável incêndio, restando apenas os escombros. Daí por que temos que louvar a sua recuperação e aproveitamento para fins comerciais, até mesmo em homenagem ao seu passado. Nas suas salas, primavam a disciplina e a eficiência, e a infância, em aulas cuidadosamente ministradas, tinha cultivada a inteligência e o civismo (diariamente, antes de se iniciarem as aulas, cantavam-se hinos cívicos, de modo a incentivar o acendrado amor à Pátria), pelo que, neste instante, testemunhando a sua história, rendo também minhas homenagens à memória da insigne Mestra, Professora Maurina Laert de Paula!

Clóvis Ponde (Rua Boulevard Suíço nº 306, Nazaré, Salvador –BA)(A TARDE, Coluna “Espaço do Leitor”, Salvador, 04/11/2000)

Figura 44: Hotel A Casa das Portas Velhas, Praça Ana Néri, popularmente conhecida como Largo da Palma, 2005



Fonte: Folheto de divulgação do Hotel.

Na carta que aqui se reproduziu, o hotel em questão está denominado como “Hotel Relais & Chateaux”, mas trata-se do Hotel A Casa das Portas Velhas – **Figura 44**.

Ainda tratando-se do conteúdo da carta supracitada, percebe-se várias questões que desabrocharam da memória daquele senhor que naquela altura - ano de 2000 - comenta que em 1924 estava com cinco a seis anos de idade, o que implica que na data da publicação da mesma, já estava com seus oitenta anos.

Algumas dessas questões são importantíssimas do ponto de vista do resgate histórico daquele imóvel, pois revela a importância das diversas funções que exerceu ao longo de sua história, tais como a órgão público, residência de estrangeiros e colégio. Sem contar aquelas anteriores aos anos de 1924, já que trata-se de um edifício do século XIX.

Percebe-se pelo exposto até aqui, uma revalorização do espaço urbano do centro histórico, refletida no tipo de estabelecimento que por ali vem se instalando, atraindo uma clientela de alto poder aquisitivo, que podem pagar diárias acima da média da maioria dos hotéis espalhados por outras localidades da cidade.

Outro empreendimento que poderá exercer grande dinamismo sócioespacial e socioeconômico em área de tradição urbana histórica, no que diz respeito ao patrimônio cultural tangível, será o novo hotel do grupo Txai, nos arredores do Largo Dois de Julho, mais precisamente nas ruas Areal de Cima e Visconde de Mauá. Este negócio será implantado no lugar ocupado por cinco casarões que, terão apenas as suas fachadas mantidas, sendo o interior modificado para dar lugar a 40 apartamentos de alto luxo (Weinstein, 2006).

No cartograma abaixo se pode ter uma idéia da localização da área acima mencionada.

Figura 45 : Instalação do hotel do grupo Txai

Fonte: A TARDE, 29/03/06.

Além dos cinco casarões já negociados com o grupo paulista, mais 13 casas de no máximo, 50 metros quadrados cada, na Travessa Aquino Gaspar, colado aos terrenos comprados pelo hotel, que compõe a vila que era parte de um seminário de padres há quase um século, provavelmente também será anexada ao empreendimento. Esta vila é o endereço de 15 famílias e fica ao lado do Convento de Santa Tereza, que junto com o seu entorno, é reconhecido pela Unesco como Patrimônio da Humanidade (Weinstein, 2006). Observando-se a **Figura 46** abaixo pode-se ter uma idéia do estado precário de conservação dessa importante área da cidade.

Figura 46: Fachadas de casarões compradas pelo grupo Txai, julho 2006



Fonte: Foto do autor, julho, 2006.

Seguindo a seqüência de observações na área acima mencionada, pode-se perceber pela foto abaixo, o grupo de casas da vila anteriormente mencionada, revelando o conjunto e as formas urbanas de uma outra época, que serão re-funcionalizadas para atender uma demanda de serviços e comércio, relacionados ao processo de transformações que o fenômeno do turismo impôs à cidade.

Figura 47; Vila de casas vizinha do Convento de Santa Tereza, na travessa Aquino Gaspar , junto ao museu de Arte Sacra, julho 2006



Fonte: Foto do autor, 2006.

Antes mesmo da efetiva implantação do empreendimento acima mencionado, a vida e o cotidiano das pessoas daquele lugar já começa a mudar, pois a concretização do estabelecimento acarretará na retirada de antigas famílias de baixa renda, residentes naquela vila – **Figura 47** - fato que mesmo acontecendo mediante pagamento de indenizações, mexe com o sentimento de pertença e memória daquelas pessoas.

Por outro lado, um empreendimento desse porte, numa área decadente do ponto de vista da preservação do seu patrimônio ambiental urbano, poderá trazer benefícios não só do ponto de vista da requalificação da paisagem, como para os atores sociais que venham a ser contemplados pelo mercado de trabalho diretamente vinculado ao empreendimento. Também podem ser beneficiados, aqueles que exercem atividades indiretamente relacionadas a tudo aquilo que um hotel poderia absorver no seu entorno. Sob esta ótica, se incluíam profissionais autônomos, pequenos empresários do

turismo, taxistas, vendedoras de acarajé, ambulantes, balconistas de lojas do ramo, artesãos e muitos outros.

Questões inerentes a conceitos como memória; territorialidade; paisagem urbana; patrimônio ambiental urbano; agentes produtores do espaço urbano; atores sociais; revitalização do patrimônio histórico/arquitetônico; requalificação de áreas degradadas estão embutidas nos exemplos referenciados dos empreendimentos de que se tratou anteriormente.

São questões que dizem respeito à Geografia Histórica e a Geografia Urbana que teoricamente tratam deste tipo de análise, numa perspectiva em que estão intrínsecos algumas categorias da Geografia tais como forma, estrutura, processo e função, tão importantes no estudo da produção e organização espacial e das paisagens urbanas resultantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cosmopolitismo de Salvador foi caracterizado neste estudo, a partir da presença e polarização de sua rede hoteleira, estimulada pelo próprio caráter das diversas funções exercidas pela cidade ao longo de sua história, aliada à sua situação geográfica, permitindo a implantação de meios de hospedagem das mais diversas categorias e funções.

Após a pesquisa ficou constatado que a origem, o desenvolvimento e a permanência dos meios de hospedagem no espaço urbano soteropolitano, sempre predominaram em áreas que se relacionam efetivamente à viabilidade de acesso e centralidade das atividades comerciais e de outros segmentos da prestação de serviços, incluindo-se nesse contexto a zona portuária e as áreas do entorno da estação ferroviária e rodoviária. Verificou-se também que o processo de evolução da hotelaria sempre acompanhou o desenvolvimento urbano, seguindo uma lógica de produção e organização espacial, determinadas pelos agentes econômicos privados e estatais.

Através de pesquisa documental e fotográfica em periódicos antigos, jornais, almanaques do século XIX, obras que descreveram a passagem de viajantes por Salvador no século XIX e XX, constatou-se que a atividade hoteleira sempre esteve presente na vida urbana da cidade, predominando primeiramente em áreas próximas ao porto, na cidade baixa, e em seguida se expandindo para a cidade alta, para onde também se expandia o comércio e a prestação de serviços, desde o início do século XIX.

Anteriormente ao século XIX, a Igreja foi o maior agente da hospitalidade em terras soteropolitanas, utilizando-se das próprias dependências dos mosteiros e conventos, posteriormente reutilizados no século XXI, através de contratos entre ordens religiosas e agentes privados, encabeçados por grandes grupos da rede internacional de hotéis. O maior exemplo deste fato, registrado nesta pesquisa, foi o caso do Convento do Carmo, utilizado em duas ocasiões como hotel de alto luxo. As constatações

foram fundamentadas a partir de pesquisa bibliográfica em manuscritos e relatos de estrangeiros, registrados em obras posteriormente editadas por historiadores, encontradas em bibliotecas do Arquivo Público do Estado da Bahia; cessão de obras raras da Biblioteca Pública do Estado da Bahia; biblioteca do Instituto Geográfico e Histórico do Estado da Bahia; fotografias de época encontradas em periódicos e revistas do século XIX e XX.

A Praça Castro Alves, na cidade alta, foi a localidade onde se concentrou o maior número de hotéis até a década de sessenta do século XX. A partir daí percebe-se uma expansão ao longo da Avenida Sete de Setembro, até o Corredor da Vitória, onde também se encontraram alguns registros de estabelecimentos de hospedagem no final do século XIX e início do século XX, porém nada que se comparasse à concentração na praça anteriormente referida.

A dinâmica da produção e organização do espaço dos meios de hospedagem ocorreu com maior fluidez a partir da década 70 do século XX, consagrando alguns espaços para implantação desta atividade em função do turismo, com significativo incentivo estatal.

O setor hoteleiro, ramo intimamente relacionado ao comércio e à prestação de serviços, revelou-se também como “locus” da vida de relações da sociedade local, agregando funções relacionadas á cultura, funcionando não apenas como um simples local de alojamento, mas também para agregar eventos de diversas categorias, tais como bailes carnavalescos, reuniões de negócios, leilões, desfiles de moda, etc. Enfim, tudo aquilo que se refere à vida de relações de uma cidade cosmopolita e integrada no processo de globalização da economia.

Verificou-se também que em várias localidades da cidade, a hotelaria serviu como um vetor de preservação do acervo patrimonial arquitetônico de Salvador, posto que muitas residências de bairros tradicionais se transformaram em hospedarias, pousadas de alto luxo ou hotéis, sem, contudo, perder as características arquitetônicas originais de suas fachadas. Este fato pôde ser constatado em áreas onde funcionaram e, até os nossos dias,

funcionam estabelecimentos de hospedagem, a exemplo do Centro Histórico; do Largo da Palma; da rua do Sodré; do Santo Antônio Além do Carmo e do Rio Vermelho. Também o Corredor da Vitória pode ser caracterizado como uma área tradicionalmente hospitaleira, no que se refere à transformação de muitas de suas mansões, em estabelecimentos do tipo hospedarias, pousadas, pensionatos e hotéis.

Também foi constatado que os meios de hospedagem nas suas diversas tipologias atendem a diferenciados segmentos de mercado, desde turistas até a população residente, como ficou comprovado pelo elevado número de hotéis de alta rotatividade que se espalharam pela cidade, tanto em áreas centrais como em áreas periféricas e de bairros populares. Portanto, não só de viajantes, comerciantes e de turistas, vive a rede hoteleira de Salvador. Atualmente os seus serviços se diversificaram, atraindo o público local, através de eventos relacionados à cultura, dentre estes exposições, palestras, shows musicais e convenções de todo o gênero, estabelecendo uma conexão com empresas de outros ramos, sediadas em Salvador, assim como em diversas localidades do planeta.

Apesar da dimensão muito mais ampliada no sentido da fluidez de pessoas, através de meios de transportes muito mais rápidos e de infra-estruturas correspondentes, o público que hoje utiliza os meios de hospedagem na cidade de Salvador é muito mais diversificado, devido às facilidades de acesso e o barateamento das viagens, associadas ao fenômeno do turismo. Entretanto, fora o turismo, muito da clientela que atualmente utiliza os serviços de hospitalidade, buscam nos mesmos saciar as mesmas aspirações de outrora.

Constatou-se por outro lado que, a partir da década de 70 do século XX o fenômeno do turismo de massa, juntamente com o turismo de elite, passou a exercer forte influência no setor de hospedagem, dinamizado pela implantação de infra-estruturas e sistemas de engenharia no território brasileiro, notadamente a rede nacional de estradas e transportes, que integrou com maior fluidez o Estado da Bahia e sua capital ao sudeste e sul do país. Este processo influenciou decididamente para que a cidade do Salvador,

através da ação do poder público, se tornasse mais conhecida e prestigiada nacionalmente, necessitando por sua vez de uma intensa ação sobre a infraestrutura de hospedagem e serviços.

A ação do poder público como subsidiário da iniciativa privada foi fundamental para a evolução da hotelaria em áreas até então (entre 1970 e 1980), sem tradição para esse tipo de prestação de serviço. Floresceram daí os grandes hotéis de cadeia nacional e internacional, a partir da Barra, seguindo pela costa atlântica, passando por Ondina e Rio Vermelho, atualmente com uma grande densidade de hotéis de diversas categorias.

Nessas áreas, especialmente em Ondina e no Rio Vermelho, constatou-se a maior ingerência do capital privado nacional e internacional na forma de investimentos em hotéis de grande porte, tanto para atender a uma demanda nacional e internacional de classe média, como também para uma clientela de maior poder aquisitivo e mais exigente do ponto de vista do conforto e do luxo, assim como dos serviços e opções no interior destes estabelecimentos.

Ficou claro que, a partir do incremento da atividade turística, o poder público estadual e municipal passou a considerar algumas regiões, cidades e, principalmente, determinadas localidades da capital do Estado, como um “produto” a ser consumido pelo turismo, através de uma intensa campanha de marketing, utilizando as paisagens, a cultura e a infra – estrutura de hospedagem como atrativos para este fim.

Nesse contexto percebeu-se também uma grande concentração de atividades turísticas em áreas restritas da cidade, inserindo-se aí os meios de hospedagem de variadas categorias e dimensões, voltadas para o turismo nas suas mais diversas modalidades. Entretanto, constatou uma grande presença de estabelecimentos voltados para um público interno, os hotéis de alta rotatividade, distribuídos em diferentes zonas da cidade, o que revela um crescimento diversificado deste ramo de negócios.

Houve um incremento de atividades terciárias e de serviços complementares no entorno de algumas localidades, onde se estabeleceram

empreendimentos de hospedagem, assim como estes equipamentos exerceram influência na implantação de infra-estruturas e de equipamentos urbanos e na requalificação de algumas áreas da cidade. Por outro lado, constatou-se a simultaneidade de processos, gerando uma dialética entre infra-estruturas pré-existentes, necessárias à implantação do equipamento de hospedagem, como também a necessidade de implanta-las em função dos meios de hospedagem.

Este estudo buscou, portanto, fazer uma leitura de Salvador por um viés atrelado à sua condição geográfica que, sujeita à trajetória mundial de expansão do comércio e da divisão territorial e social do trabalho, lhe impôs uma dinâmica diferenciada no que se refere à necessária condição de entreposto comercial e de serviços. Por isso que, por força das circunstâncias, tornou-se necessariamente cosmopolita e hospitaleira, tendo nos meios de hospedagem o suporte para essas condições. Desse modo pretendeu-se mostrar que, a presença constante da hotelaria e de outros meios de hospedagem na paisagem urbana desta cidade revela seu grande raio de influência em dimensão regional, nacional e internacional, relacionado à sua dinâmica comercial e portuária, assim como turística, incluindo-se aí a prestação de serviços em diversos segmentos.

Considera-se que no processo de expansão do tecido urbano soteropolitano ao longo de sua história e, principalmente nos últimos 45 anos, os meios de hospedagem se incorporaram ao cotidiano da cidade de Salvador como reflexo de práticas sociais geradas pelo sistema capitalista de produção que, cada vez mais impõe um regime intenso de trocas de mercadorias, acelerado fluxo de pessoas e de consumo, associadas ao tempo do trabalho e ao tempo livre, também incorporado ao sistema de reprodução do capital através do lazer e do turismo.

Constata-se portanto que, a partir do estudo da hotelaria e dos demais meios de hospedagem de Salvador, é possível defini-la como uma cidade de relações diversas em todas as escalas espaciais de análise, onde os impactos da globalização a levam para consolidar-se como uma cidade de serviços, firmando-se como uma das capitais nacionais mais especializadas em

hospitalidade. Este processo se sedimenta com base no turismo de lazer e de negócios, além de todo atrativo relacionado à profissionalização do receptivo para eventos de diversas categorias.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de. Cidades: espacialidades e temporalidades. In: CARLOS, A. F.; LEMOS, A. I. G. (orgs.). **Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 97- 98)

ALMANACH PARA O ANNO DE 1845 – BAHIA. Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1999.

ALMANAK DA PROVÍNCIA DA BAHIA: 1873. Altino Rodrigues Pimenta (org.). Salvador: Lito-Tit. de Oliveira Mendes & Cia. , 1872.

ALMANAK DO ESTADO DA BAHIA – 1899 .

ALMANAK DO ESTADO DA BAHIA – 1903.

ANDRADE, Nelson. **Hotel: planejamento e projeto**. São Paulo: Editora SENAC, 2002.

BAHIA. 7 ANOS QUE MUDARAM A. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1974.

BAHIA. SECRETARIA DE CULTURA E TURISMO DO ESTADO DA BAHIA, 2004. <http://www.sct.ba.gov.br>. Acessado em 3/10/2005.

BENI, Mário Carlos. **Globalização do turismo: megatendências do setor e a realidade brasileira**. São Paulo: Aleph, 2003.

BOCANERA JUNIOR, Sílio. **Bahia Histórica. Reminiscências do passado. Registro do presente**. Salvador: Typ. Bahiana, 1921.

BOYER, Marc. **História do Turismo de Massa**; tradução Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2003.

BRANDÃO, D.; SILVA, M.. Cidade do Salvador – **Caminho de Encantamento**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

BRASIL, Sandra. **Salvador para os Exigentes**. Revista Veja nº 1931, 16/11/2005, Pág. 104 a 108.

CAMPOS, José Rui Veloso. **Introdução ao Universo da Hospitalidade**. Campinas: Papyrus, 2005.

CARLOS, Ana F. A. **A (Re) Produção do Espaço Urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

CARLOS, Ana F. A ; LEMOS, Amália I. G. (orgs.). **Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade** – São Paulo: Contexto, 2003.

CARLOS, Ana F. A. O turismo e a produção do espaço. **Revista Geografia & Ensino**, Belo Horizonte, ano 8, n. 1, p. 47 – 56, jan./dez.2002.

CYPRIANO, Carlos Alex de C. Inovação da Tradição e Sustentabilidade de Estratégias Culturais: a Hotelaria no Circuito do Carnaval da Bahia. In **Turismo em Análise**, São Paulo, 1996, p. 63 – 76.

CONSTRUTORA NORBERTO ODEBRECHT S. A. **Homenagem a Bahia 1959-1960**.

CORIOLOANO, L. N.; SILVA, Sylvio C. B. M. e. **Turismo e Geografia: abordagens críticas**. Fortaleza: Editora UECE, 2005.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**, São Paulo: Editora Ática, 2004.

FERREZ, Gilberto. **Bahia: velhas fotografias, 1858/1900**. Rio. Kosmos; Salvador: Banco da Bahia Investimentos, 1988.

GARDNER, George. **Viagem ao interior do Brasil, principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836 – 1841**. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

GOULART, José Alípio. **Tropas e Tropeiros na Formação do Brasil**. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.

HABSBURGO, Maximiliano de. **Bahia – 1860 – Esboços de Viagem**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Bahia: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1982.

LAGO, Bia Corrêa do; LAGO, Pedro Corrêa do. **Os Fotógrafos do Império**. Rio de Janeiro. Ed. Capivara, 2006.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Vol. V. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2000.

LEFEBVRE, Henry, **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MINISTÉRIO DA CULTURA-MINC – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN. 7ª Superintendência Regional – Bahia.

PESSOA, J. A. M.. O estabelecimento do regime do hotel: apontamentos para um debate sobre as novas práticas sócio-espaciais e a vida cotidiana. In: CARLOS, A. F. A.; LEMOS, A.I.G. (orgs.) **Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade** – São Paulo: Contexto, 2003, p. 386 – 397.

PIRES, Mário Jorge. **Raízes do Turismo no Brasil**. São Paulo: Manole, 2001.

QUEIROZ, Lúcia Maria A. de. A questão regional e o desenvolvimento brasileiro recente. **Análise & Dados**, Salvador, v. 8, n. 2/3, p. 133 – 145, set. dez. 1998.

QUEIROZ, Lúcia Maria A. de. **Turismo na Bahia: estratégias para o desenvolvimento**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 2002.

QUEIROZ, Lúcia Aquino de. **A Gestão Pública e a Competitividade de Cidades Turísticas: a experiência da cidade do Salvador**. Tese de Doutorado. Barcelona, Universidade de Barcelona, 2005.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. São Paulo: Hucitec, 2001.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. Geografia do Turismo: novos desafios. In: TRIGO, L. G. G. et. all (org.). **Turismo. Como Aprender, como ensinar**. São Paulo: Editora Senac, 2003, p. 87 – 122.

SAMPAIO, Antônio Heliodório L. **Formas Urbanas**. Cidade real & cidade ideal; contribuição ao estudo urbanístico de Salvador. Salvador: Quarteto, 1999.

SAMPAIO, Fernando Talma S. Turismo e Desenvolvimento na Bahia. **ARATU um pólo de desenvolvimento**. ANO III, n. 30, fev. 1970.

SANTANA, Hildete. Negócios fechados rapidamente. **Correio da Bahia**, Salvador, 04 Jan. 2003, p.1

SANTOS, Mozart. Hotéis sem mão-de-obra especializada / Parque hoteleiro baiano em fase de transição. **Diário de Notícias**. Salvador, 23 Jul. 1975, cd 1, p. 1.

SANTOS, Milton. **O Centro da Cidade de Salvador**. Salvador: Editora Progresso, 1959.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. Cidade pede um novo urbanismo. **A Tarde**, caderno 5, p.1. Salvador-BA, 29 mar. 1999.

SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem**. São Paulo: EDUSP, 2004.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SERRAVALLE, Suzana. Novos hotéis para a capital. **ARATU um pólo de desenvolvimento**. Ano V, n. 49, p.32-35, 1973.

TEIXEIRA, C., TEIXEIRA, C., MARCONI, R.. In **A Grande Salvador: posse e uso da terra. Projetos Urbanísticos Integrados**. Salvador: CEDURB. 1978.

TEIXEIRA, C.. Salvador: História Visual. Livro 4. Salvador. Correio da Bahia, 2001, p. 10.

TOLLENARE, L. F. de. **Notas Dominicais**: tomadas durante viagem em Portugal e no Brasil em 1816, 1817 e 1818. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1956.

TRIGO, L. G. G.. **Viagem na Memória**: guia histórico das viagens e do turismo no Brasil. São Paulo: Ed. SENAC, 2000.

TRIGO, L. G. G. (org.). **Turismo. Como aprender, como ensinar**. São Paulo: Editora Senac, 2003.

UZÊDA, Jorge Almeida. **O aguaceiro da modernidade na cidade do Salvador 1935 – 1945**. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, programa de pós-graduação em História. Tese de Doutorado. Salvador, 2006.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. **Dois Séculos de Pensamento sobre a Cidade**. Ilhéus: Editus, 1999.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. **Salvador**: transformações e permanências (1549-1999). Ilhéus: Editus, 2002.

VIANA, F., NEVES, J. A das, MARROCCO, B., PAULA, J. de. Os 10 anos que transformaram a indústria de hotéis. **TENDÊNCIA**, São Paulo, p. 52-56, nº 59, ag/1978.

VERGER, Pierre. **Notícias da Bahia de 1850**. Salvador: Corrupio, F. C. Ba, 1981.

VERGER, Pierre. **Retratos da Bahia**. Salvador, Corrupio, 1990.

WEINSTEIN, Mary. Hotel vai mudar cenário no Sodrê. **A Tarde**, Salvador, 29 mar. 2006, p.8.

YÁZIGI, Eduardo. **Turismo-uma esperança condicional**. São Paulo: Plêiade, 1998.

YÁZIGI, Eduardo. **A Alma do Lugar**: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas. São Paulo: Contexto, 2001.

YÁZIGI, Eduardo (org.). **Turismo e Paisagem**. São Paulo: Contexto, 2003.